



Capítulo 3

**A LONGA CAMINHADA  
DE VOLTA A NAZARÉ**



## 3-1

3/1 Transcorria Junho de 1 a.C.. Era dia dois quando aportou em Hiatta um homem que capitalizou muita atenção, pois vinha com o medalhão que simbolizava o poder dos Herodes. Tinha também em mãos uma justificativa, como chamavam, com ordens para os arrecadadores de impostos lhe disponibilizarem os recursos que pedisse, o que no vilarejo de nada lhe valeu, pois não existia local específico para a troca de produtos, ao contrário dos demais.<sup>[76]</sup>

3/2 O que veio de fora, como se exprimiam, armou sua tenda próximo à sinagoga e ficou a vagar pelo lugarejo. Não dialogava com ninguém, exceto com as crianças. Jeremias, acompanhado de quem acreditavam ser seu irmão e de inúmeros mais de parcas ceifas, curiosos como são os pequenos, ficou a observar o forasteiro. Todavia, juntamente com o último fruto de Ana se retirou, pois tinha ele cara de mau. Os outros meninos, fitando a diferente indumentária que utilizava, ingenuamente acataram que o varão fosse um anjo caído do céu.

3/3 O desconhecido prosseguia interrogando unicamente os de pouca idade, até que José, de regresso das plantações e rumando ao depósito de grãos, deparou-se com ele, surpreendendo-se ao ver seu rosto. Era o primogênito do ex-carpinteiro de Nazaré, tido como expirado pelo protetor, o qual, após o filho ter ido para Cessareia de cima, jamais tivera notícias dele.

3/4 Pela mente do unigênito de Jacó, hipóteses várias concernentes à presença de um dos assalariados dos dominadores se avolumaram, deixando-o paralisado. Ele, que nunca fora muito corajoso, sentiu seus membros inferiores tremerem e se perguntou sobre a confiança no Senhor. Apenas depois da evocação ao Pai de todos nós é que conseguiu se mexer e ponderar:

3/5 - “Por que Ezequias não deu notícias a Mateus? O que terá acontecido? Será que está ao lado dos Herodes?”

---

[76] Desde que Herodes, o grande, invadira as terras de Jacó, foram elas se tornando improdutivas, o que fez o tetrarca desinteressar-se pelas mesmas. Quando Elias e os que o secundavam nelas se estabeleceram e, pontualmente pagavam os tributos, não aceitaram que fosse instalada uma coletoria, também porque não trocavam mercadorias. O alcunhado Mamom, ávido por moedas, com receio de que os locatários as abandonassem, permitiu que vivessem sem a presença de um angariador de impostos.

3/6 As indagações foram sobrepujadas pelo desejo maior de prevenir a esposa, porque, com certeza, o aparentado a distinguiria, dado que ambos cresceram em Nazaré. Com referência ao vindo de fora, ainda se inquiriu:

3/7 - “O que estará a fazer em Hiatta?”

3/8 Complementou para si mesmo:

3/9 - “Falo que ele não se lembrou de minha face.”

3/10 José, por causa da barba, por diversas vezes não fora reconhecido. Ao se aproximar do primo, quase que proseou com ele; porém, recuou dois passos e percorreu outro trajeto, entendendo ser conveniente esperar melhor ocasião para se confraternizarem. Talvez o adventício não objetivasse encontrá-los, mas viera pela fartura imperante. Decidiu atentar aos movimentos de Ezequias, até desvendar seu real escopo. Lancinantes questionamentos efetuou:

3/11 - “E se ele estiver a procurar por Jeremias, para onde irei?”

3/12 Sabia que não poderia enfrentar o deserto com os seus, pois não teria como saciá-los plenamente, e os mais novos, seguramente, pereceriam. E se confabulasse com Elias, refletiu, talvez ele descobrisse o que um dos de sua família de sangue fazia em Hiatta e lhe informaria como agir.

3/13 Ao se inteirar da identidade do estranho, a amedrontada Maria recolheu sua prole para o interior do casebre, não permitindo que ficassem longe de sua visão.

3/14 No momento propício, sem outra opção, implementou o herdeiro de Jacó o plano orquestrado, colocando o rabino a par dos fatos que cercaram o nascimento de Jesus. Ao terminar a explanação, seu interlocutor confessou que sentira não ser a criança igual às outras: sempre dedicava claríssima posição quando interrogada a respeito de qualquer assunto, era bondosa e amorosa. Então elucidado, o consorte de Jarred mais se preocupou com o intruso, pois, como os demais moradores, também aguardava, havia muito, que Herodes, o grande, cientificasse-se das plantações que mantinham, exigindo, indubitavelmente, que entregassem mais da metade da safra a título de imposto. Outra consequência seria o envio dos odiados coletores.

3/15 Com a exata noção do que fora anunciado pelos profetas de antanho, ansioso de que o prometido executasse Sua determinação, Elias, com a única pretensão de auxiliar, nada mais arguiu e a José asseverou:

3/16 - “Deixa essa fala e vamos ver o que esse homem quer.”

3/17 Sozinho, foi até a tenda montada pelo ádvana e, amigavelmente, comentou:

3/18 - “Sei que estás há tempo neste lugar. Como não me procuraste, vim falar com a tua pessoa.”

3/19 Apresentou-se, oferecendo seus préstimos:

3/20 - “Se queres falar com alguma pessoa deste lugar, terás que te dirigir a mim. Sou aquele que responde por todos, além de ser aquele que tem mais colheitas. Deves conhecer o costume daqueles que são hebreus! Quando se tem muitas colheitas, falam que sabemos de tudo e acabamos como protetor de todos, aquele que cura todos os males que estão dentro e fora do corpo.”

3/21 Continuou se explicitando a Ezequias, que somente escutava:

3/22 - “Um homem como a tua pessoa, que deve fazer parte do mando de Herodes, não veio aqui para saber de mim. Soube que Herodes já não mais habita este mundo. Fazes parte do mando daquele que ficou com o poder sobre todos aqueles que são de nossa gente?”

3/23 Sem detença, concluiu:

3/24 - “Ou não és um hebreu? Se te ofendo ao falar que és um hebreu é porque a túnica que usas debaixo de todo esse luxo foi tecida por aqueles que são de minha gente.”

3/25 O primogênito de Mateus, deseducadamente, manifestou-se:

3/26 - “Não sei se a minha túnica foi tecida por um daqueles que são de tua gente. Falo que fiz uma troca com um mercador, e é só.”

3/27 Afirmou Ezequias nada aspirar, que caminhava para outro vilarejo. Quanto estar em Hiatta, não era do interesse de ninguém, a não ser dele mesmo. Prosseguiu o varão que colaborava com os dominadores:

3/28 - “Vou ficar neste lugar o tempo que quiser, e só partirei quando for de minha vontade. Vai cuidar daqueles que são de tua gente e me deixa em paz.”

3/29 Apenas um olhar o arabi ofertou ao renegado, retirando-se com o pensamento nas palavras do forasteiro, que certamente mentira. Pela raiva que demonstrara pelos seus compatriotas, convenceu-se de que nada de bom dele viria.

3/30 Os quentes dias findavam-se com o enxerido imiscuindo-se nas atividades dos de Hiatta, prestando atenção à fisionomia dos homens e das mulheres. Somente com as crianças, como anteriormente, conversava. Indagava a elas acerca de seus pais e avós, de onde procediam, quantas primaveras residiam no povoado, e nada os indefesos ícolas podiam fazer contra ele.

3/31 Elias, que aplicado acompanhava o desenrolar dos acontecimentos, paroleando com quem partilhava da mesma agonia, recomendou-lhe que abandonasse Hiatta junto da esposa, Jeremias e Mateus, antes que viessem mais combatentes do opressor. Garantindo-lhe que zelaria dos três filhos mais novos, salientou que o mais difícil seria persuadir Maria a se separar deles; no entanto, enquanto o adventício estivesse presente, nenhum perigo corriam.

3/32 Desde o encontro com o primo, José dele se manteve a prudente dis-

tância. Na carpintaria, ainda menos compareceu, mas designou dois aprendizes para que no estabelecimento permanecessem a remover a casca e os nós da madeira. Passava largo período do dia nas plantações, empenhando-se na manutenção dos arados. Os minutos que lhe sobravam, dedicava-os ao celeiro dos grãos, pois era seu responsável.

3/33 O rabino e o unigênito de Jacó tomaram a decisão de nomear Jônatas, desprovido da visão, que obviamente não despertaria suspeitas, para vigiar Ezequias, pois o especial deficiente perceberia qualquer anomalia e poderia notificá-los. Ao Elias solicitar auxílio, o escolhido respondeu:

3/34 - “Não sei o que queres que a minha pessoa faça nem por que, mas, se é para te ajudar, farei. Serei útil, mesmo cego. Conheço cada barulho, cada movimento, de onde vem e para onde vai; se é comandado dos Herodes ou se é um dos de nossa gente. Falo que nossos passos são diferentes até no jeito que colocamos os pés na terra, temos respeito pelo chão de onde colhemos o alimento, ao contrário dos comandados dos Herodes, que têm nos seus interiores que onde pisam pertence a eles.”

3/35 As horas transcuraram sem que nada mais de anormal ocorresse, até que, no dia 22, quando regressavam de mais uma estafante labuta, constataram que a tulha conflagrava. O encarregado também pela segurança da edificação bradou por socorro, desejando salvar sementes para o replantio das lavouras. O fogo se espalhou com ligeireza, e, no desespero, o intrépido José subiu na tora horizontal de sustentação do telhado, objetivando jogar água diretamente nas chamas. Davam-lhe as bolsas de couro de carneiro abarrotadas do precioso líquido, e tentava ele, sem sucesso, extinguir as labaredas. Abruptamente, a viga vertical ruiu, lançando-o no braseiro, o que lhe causou queimaduras que se tornaram irreversíveis pelo restante de sua vivência. Rapidamente acudido, foi levado para a sinagoga juntamente com os demais lesionados.

3/36 Ninguém compreendeu como o incêndio começara, mas tiveram a convicção de que fora proposital. O marido de Jarred ateve-se à figura do estrangeiro, entretentes, Jônatas, que o espreitava, nada avisara. Demandando pela sentinela, deparou-a perto do acampamento de Ezequias, chacinada. Por atitude alguma, além da de praxe, poder implementar, voltou à esnoga. Pouco depois, verificou que quem detinha a posse do medalhão do alcinhado Mamom postara-se no lado externo da improvisada enfermaria. Como o nascido em Nazaré demonstrava inquietude e agitação, constantemente observando a vereda que desembocava no lugarejo, com preocupação interrogou-se:

3/37 - “O que será que está a esperar?”

3/38 Cada vez mais nervoso, o assassino transpirava muito, prova de fraqueza para os hebreus. Não controlando sua impaciência, adentrou no sítio em que estavam os moribundos e, como se buscasse por determinado indivíduo, fitou homem por homem. Para o ainda mais atento arabi, evidenciou-se de que era

José o caçado. Quando defronte ao corpo inerte, sujo e chamuscado do primitivo bombeiro, o capitaneado por Herodes Antipas parou. Mais que depressa, Elias se dirigiu a ele:

3/39 - “Vieste nos ajudar?”

3/40 - “Não”, foi a seca e irritada resposta obtida.

3/41 - “Parece que estás à procura de um dos de tua família, ou é um que já esteve com a tua pessoa? É só me falares como é chamado que encontrarei ele.”

3/42 O ádvana, que ficara em dúvida quando vira o ferido, atinando ser ele por quem diligenciava, saiu estabandamente e sem nada proferir.

3/43 Quando aportou em Hiatta, Ezequias inquiriu às crianças o nome do carpinteiro local. Não se interessou em o ver após se inteirar de seu antropônimo, José de Clópatas, e que permanecia ele no campo lavrado. Não aceitou ser o primo, pois acreditava que ele jamais se sujeitaria ao trabalho rude. Julgou que estava, sim, no vilarejo, porém escondido, não exercendo seu ofício.

3/44 O sucedido ratificou a Elias que o escopo do primogênito de Mateus era, de fato, o desfalecido. Supôs, inclusive, que seus sentimentos, a imperiosidade de amparar não somente o herdeiro de Jacó, fossem provenientes de Deus. Sem ideia do que fazer, orou a Ele, pois Jeremias era Seu prometido e, com certeza, auxiliaria-o:

3/45 - “Sempre Te falo do gosto com a vida que deste a minha pessoa, de fartura e paz, mas vou fazer um pedido: não sei o que fazer com José, Maria e os pequenos. Ficarei grato com um sinal. Senhor, se sentir que a minha pessoa é merecedora de ajudar a todos, mostre qual é o caminho.”

3/46 Repentinamente, o fervoroso rabino, que em Deus assentara sua imensa fiúza para a solução da intransponível dificuldade, viu à sua frente, surgido do nada, um varão que, sem equívoco, era fidedigno. O estranho lhe revelou:

3/47 - “Há entre vós um homem e uma mulher que estão a caminho do Egito. Coloca Maria, Jeremias e Mateus nessa caravana como escravos que foram dados como presente àqueles que acabaram de se unir. Fala com Alfeu, aquele que conduz a caravana, que é do povo hebreu e de confiança, que ele te atenderá sem fazer muitas indagações. No meio do caminho haverá uma mulher que ajudará Maria e os pequenos até que José se recupere. Cuida para que José não seja encontrado.”

3/48 Da mesma forma que o homem sobreveio à visão do arabi, desvaneceu-se em um piscar de olhos. Sentenciando para si mesmo que conversara com Deus, caiu em pranto de alegria e agradecimento.

3/49 Então orientado, com referência ao casal de egípcios meditava:

3/50 - “Onde estarão esse homem e essa mulher? Se o Senhor falou, vão

aparecer. Só tenho que falar a Maria que ela não ficará neste lugar quando for chegada a hora. Não sei quando será, mas o Senhor sabe.”

3/51 Retirou-se da sinagoga para a filha de Joaquim noticiar. Procurou por Jarred, narrou o ocorrido, informou que ela zelaria pelos três rebentos mais novos da amiga, o que causou na colocutora, que não fora mãe, profundo contentamento, ainda mais forte ao se conscientizar com quem seu esposo parolera, e lhe postulou que o acompanhasse e transmitisse o que o Senhor lhe deslindara. Ante o relatado, preocupada com seu consorte, Maria, não obstante intimamente persuadida, afirmou que não partiria sem ele, que ficaria em Hiatta até seu pronto restabelecimento. Sem detença, manifestou a intenção de ir ter com o marido. O calado Elias, no entanto, bondosamente ressaltou-lhe:

3/52 - “Se fores, colocarás a vida de José, a tua e a dos pequenos em perigo”, e explicou o porquê.

3/53 Mesmo inteirada do risco que Ezequias representava, a do ventre de Ana insistiu que ficaria até que o cônjuge se recobrasse:

3/54 - “Necessito estar junto de José e falar sobre tudo o que está a se passar, necessito saber o que José tem no seu interior sobre tudo o que está a se passar. Como me pede para deixar minhas crias?”

3/55 O experiente rabino ponderou:

3/56 - “Se quiseres que Jeremias tenha colheitas e traga a paz para todos, é necessário que creias no que o prometido pelo Senhor poderá fazer, não só para aqueles que são de nossa gente, mas para todos os povos, até onde não conseguimos ver. Tenho no meu interior que o Senhor não iria enviar um de Seus profetas só para aqueles que são de nossa gente. Creio que Jeremias foi enviado para todos aqueles que são hebreus e para aqueles que nos perseguem; senão, o Senhor não seria o Protetor de todos os povos. Falo que um verdadeiro protetor não tem amor por só um dos de sua família, gosta de todos.”

3/57 Finalizou o aconselhador:

3/58 - “Tenho no meu interior que decidirás o que é melhor para todos e que voltarás a encontrar os teus outros pequenos. Falo que cuidaremos de todos eles, que não tens por que temer.”

3/59 Maria, chamada à realidade, a par de sua responsabilidade para com o primogênito, não totalmente convencida, questionou-lhe o momento em que abandonaria o vilarejo.

3/60 - “Falo que será quando um homem e uma mulher, que estão a caminho do Egito, chegarem.”

3/61 - “Como é que tens conhecimento de que um homem e uma mulher que estão a caminhar para o Egito irão chegar neste lugar?”

3/62 - “Foi o Senhor que falou quando perguntei a Ele o que fazer”, esclareceu-a Elias, descrevendo o sucedido.

3/63 Incontinênti ao término da exposição, a caçula de Joaquim, que concentrada o escutara, garantiu-lhe que poderia efetuar os preparativos para que saísse com os dois meninos de Hiatta.

3/64 Enquanto se ocupavam com os feridos e com o alimento que ainda queimava, Ezequias, sorrateiramente, afastou-se da progressista urbe, sem que, de imediato, percebessem sua ausência.

3/65 Na esnoga, existia um aposento destinado a guardar o que denominavam despojos dos mortos -roupas, calçados, ânforas, armas, etcétera, pois os corpos dos que em Hiatta moravam eram enterrados enrolados em couro velho, e seus pertences conservados para servirem aos que mais carecessem. O respeitado arabi organizava com esmero o que Maria e os pueris varões utilizariam na jornada que enfrentariam, observado por ela e Jeremias, que não fora informado de que partiria. Esse, interessado no que havia dentro do cômodo, indagou:

3/66 - “Para que aquelas vestes e lanças?”

3/67 - “São para aqueles de nossa gente que necessitam se esconder por algum tempo”, aclarou o ancião.

3/68 Porém, curioso, o de pouca idade tornou ao assunto:

3/69 - “Por que não há túnicas e sandálias do meu tamanho?”

3/70 Como Elias não lhe dispensara atenção, o próprio interrogador respondeu:

3/71 - “Digo que nem uma só pessoa espera que um pequeno necessite se esconder”, para novamente não obter comentários.

3/72 A caçula de Joaquim, por entender que seu primogênito atrapalhava as tarefas do esposo de Jarred, retirou-o do ambiente.

## 3-1.1

3/73 As horas do rabino, convicto de que Ezequias fora em busca de reforços e não demoraria a regressar, estavam preenchidas com os aprestamentos para a marcha de Maria e do desvelo aos lesionados. Aflito, mantinha-se atento para a entrada da cidade, até que, no iniciar de uma tarde, finalmente notou um grande grupo de viajantes se aproximando. Exultante, pronunciou em voz alta:

3/74 - “O Senhor seja louvado. Sei que é a caravana da qual Ele me falou.”

3/75 Viu-a chegar, defronte ao seu tugúrio passar e estacionar, montando

seus partícipes acampamento a não mais de cinquenta metros do povoado. Ao constatar que o guia, um hebreu pálido que mancava, aquietara-se, aproximou-se, solicitando-lhe um instante para conferenciarem.

3/76 De pronto, o forasteiro distinguiu quem lhe dirigia a palavra. Era o bondoso homem que o socorrera, ainda criança e muito doente, em Jope, quando rejeitado pelos pais. Durante três primaveras, seu salvador empenhara-se por ele como se seu legítimo genitor fosse. Ao concluir as dez ceifas, e tinha o dia da separação gravado na mente, foi por ele entregue aos cuidados de uma terceira família, não sem antes lhe explicar o porquê: faria penosa caminhada pelo deserto.

3/77 Elias, cômico de que o garoto não possuía condições físicas para suportar a deslocadura que empreenderia e que, se contrariasse o que lhe era lido, certamente seu adotado morreria, obrigou-se a transferir a responsabilidade pelo adolescente.

3/78 Depois que o caridoso benfeitor partiu, jamais foi esquecido pelo eficiente timoneiro, o qual, ao divisá-lo transcurados longos anos, via-o como da primeira vez, expressão serena e calmo no se manifestar. Abrangendo não ter sido reconhecido, ocultou sua identidade. Fazendo-se de ríspido, apregou:

3/79 - “O que queres? Ou será que não posso ficar aqui?”

3/80 - “Tenho uma mulher e dois pequenos e necessito que sigam em tua caravana até que uma outra mulher apareça. Não sei onde, só sei que uma outra mulher irá receber a todos”, elucidou-se, sem evasivas, o arabi.

3/81 Alterando por completo seu agir, o adventício, sorridente, parou, refletiu por segundos e se posicionou:

3/82 - “Não sei como proteger essa mulher e as duas crias, mas não me custa fazer o pedido do homem que me devolveu a vida, que já estava perdida”, o que deixou seu interlocutor sem absolutamente nada compreender.

3/83 Esse, pasmado, questionou:

3/84 - “Do que estás a falar?”

3/85 - “Sou Alfeu, não te lembras?”, revelando-se, o que ensejou no ancião felicidade por vê-lo transformado em um varão de bem.

3/86 Arrematando seu pleito, Elias explicitou:

3/87 - “Essa mulher não está com o seu companheiro, ela está em fuga da ira dos Herodes.”

3/88 - “Todos estão a fugir da ira dos Herodes e de seus comandados. Falo que se ela está só e com duas crias, será encontrada. Sabes que não é permitido a uma mulher ir com mercadores sem seu protetor ou companheiro.”

3/89 Sempre com fé no amparo do Senhor, o rabino, que continuava preocupado com o retorno do assassino de Jônatas a qualquer minuto, garantiu:

3/90 - “O Senhor irá nos falar como proteger a todos eles, é só termos paciência.”

3/91 Agradecido, saiu para buscar Maria e os dois meninos, que juntos de Jarred o aguardavam. Orientou-a, então, para que a ninguém nada divulgasse, nem ao seu futuro condutor, sobre Jeremias. Com convicção, comunicou-a de que seu primogênito mudaria de nome, para José, denominação por demais comum entre os subjugados. Ela e Mateus prosseguiriam com os mesmos, também usuais nos vilarejos.<sup>[77]</sup> Objetivando esclarecê-la, pois caminharia para irresoluto destino e sem o marido, situação inimaginável para os da época, afirmou que o procedimento era imperioso, pois temia que Ezequias se inteirara da presença do primo em Hiatta. Se regressasse e não o localizasse, tampouco a esposa, obviamente os procuraria, mas com as informações que dispunha. Para tranquilizá-la, afirmou que zelaria para que José não fosse aprisionado.

3/92 Maria que, afora seguir sozinha e sem preanunciado norte final, abandonaria, a contragosto, o consorte e os três últimos frutos de seu ventre, indagou a Elias como se comportar durante a jornada no caso de o responsável pelo grupo de viandantes a inquirisse em relação a outros assuntos. O velho hebreu, para a acalmar, proferiu que o caravaneiro nenhuma pergunta efetuará e, por julgar que se lhe expusesse que partia sem lugar definido para chegar, não iniciaria a marcha, comentou que tinha confidenciado para Alfeu onde era para deixá-la e os garotos, paragem que sobejamente conhecia. Cessando a conversa, dando ânimo à caçula de Joaquim, sentenciou que nada daria errado, porque o Senhor com ela estaria.

3/93 Em lágrimas, Maria despediu-se de João, Verônica e Tiago e, lentamente, afastou-se, carinhosamente escoltada pelo arabi, para, mesmo que por pouco tempo, parolar com José; porém, por ele se conservar inconsciente, não conseguiu. Sem mais demora, ela e os dois rebentos foram apresentados ao guia.

## 3-1.2

3/94 Ao Elias se retirar, o chefe dos forasteiros ficou a meditar por solução que propiciasse aos seus novos conduzidos não serem capturados, varoa cujo antropônimo seu redentor não lhe noticiara, sinal de que não confiara nele. Com

---

[77] Somente em Hiatta existiam oito Mateus e inúmeras Marias.

o olhar fixado em uma rocha, como a conferenciar com ela, repentinamente surgiu-lhe cristalina ideia:

3/95 - “E se a minha pessoa levar essa mulher e as duas crias como companheira e protegidos? Todos sabem que quero ir para o Egito e não mais voltar! Como nem uma só pessoa sabe se tenho companheira e protegidos, é como vai ser.”

3/96 O rabino, ao volver, constatou em Alfeu um maroto sorriso. Recuados da audição dos recém-integrados à peregrinação, esse narrou o sucedido. Ao ser posicionado, o ancião de Hiatta, com indisfarçável expressão de contentamento pela certeza que o dominou de haver sido o timoneiro intuído pelos invisíveis aos encarnados, assegurou que a portentosa pedra lhe dera, realmente, excelente inspiração.

3/97 - “Não foi bom o que veio no meu interior?”, interrogou-o Alfeu, por nada deprender.

3/98 - “É o que fará com que caminheis sem perigo de serdes encontrados”, apregou Elias, sem deslindar o porquê da alegria.

3/99 - “Só terás que ter cuidado com um homem chamado Ezequias, que conhece a mulher e os pequenos que levas em tua caravana”, concluiu.

3/100 - “Mas nunca vi esse homem?”

3/101 O unido a Jarred o orientou:

3/102 - “Não será difícil saberes aquele que é Ezequias. Falo que Ezequias está sempre com cavalos, não com asnos ou camelos, e suas túnicas não são tecidas por aqueles que são de nossa gente, vieram do Egito. Se tiveres dúvida, pede a Maria para ver a face desse homem, porque Maria já viu a face dele em Nazaré.”

3/103 Ao término do colóquio, foi o arabi explanar a sugestão a nascida do ventre de Ana. Receosa de serem descobertos durante o percurso, acolheu a proposta, apenas questionou como é que agiria se outra mulher lhe arguisse quem era.

3/104 Foi elucidada sem detença:

3/105 - “É só falares que és Maria de Alfeu e que os dois pequenos vieram da tua pessoa. É difícil de fazeres?”

3/106 - “Só quero que José cresça e faça o que veio fazer”, afastando-se, entristecida por deixar o consorte e os filhos.

3/107 Com ela distante, o rabino viu o caravaneiro se aproximar, o qual, aspirando inteirar-se do motivo de não o ter como merecedor de sua fiúza, foi diretamente ao tema:

3/108 - “Não havias me falado que ela era chamada Maria. Por quê?”

3/109 - “A minha pessoa não conhecia a tua. Agora que conheço, minha protegida está segura. Quando o Senhor faz, está bem feito. Falo que foi Ele que te trouxe a este lugar para que leves todos aqueles que estão em perigo.”

3/110 A explicação satisfez Alfeu, que venturoso ficou por auxiliar a filha de quem respeitava.

3/111 - “Podes ficar sem preocupação que levarei tua protegida e as duas crias. Sob os meus cuidados, eles jamais serão encontrados”, vangloriou-se.

3/112 Tais palavras convenceram o arabi de que a caçula de Joaquim e os seus permaneceriam a salvo, e foi velar o ferido bombeiro, ainda inconsciente.

3/113 No amanhecer de 27 de Junho de 1 a.C., os antigos viajores e os que a eles se agregaram partiram de Hiatta.

3/114 Quem novamente mudara de nome era magro, diminuto no tamanho e de aparência frágil, de olhos grandes e envolventes, pele tostada pelos raios solares, cabelos negros e, por se achar no deserto, ressecados e acastanhados pela poeira.

3/115 Longe de Hiatta, o prometido se avizinhou do timoneiro, que seguia, como costume, na dianteira do grupo puxando as rédeas do primeiro quadrúpede. O hebreu, por ter como verdade que o menino não completaria a jornada, objetivando que poupasse as energias, determinou-lhe:

3/116 - “Vai para junto daquela que te deu a vida. Falo que não é bom que fiques junto da minha pessoa nesta longa caminhada.”

3/117 - “Digo que será do gosto da minha pessoa caminhar junto da tua nesta caravana.”

3/118 - “És uma cria muito esperta”, proclamou Alfeu, encerrando a palestra, pois Maria solicitara a presença do outrora Jesus, no que prontamente foi atendida.

3/119 Esse, ao dela se aproximar, glosou sobre a temperatura, pois transpirava como um homem de muitas colheitas. A solícita genitora enxugou-lhe o suor, e continuaram o estafante trajeto.

3/120 O recém José passou a ser indicado pelos do benfazejo bando como sendo o pequeno José, denominação que o acompanhou até praticamente os doze anos. Pequeno José não pela estatura, mas porque seu pai, no entender dos peregrinos, deveria ter José como antropônimo. Quanto a Maria, como ninguém lhe efetuou pergunta relacionada ao marido, não precisou recorrer à orientação de Elias.

3/121 No imediato decorrer da viagem, somente se escutava a respiração das alimárias, silêncio que, às vezes, era quebrantado pelo disposto ex-Jeremias. Curioso, andava junto aos demais, a fitar suas fisionomias, mas nada proferia,

o que deixava a mãe apreensiva. Quando lhe postulou que não mais o fizesse, pois poderiam não se agradar, como sempre, foi obedecida. Atitude oposta, no entanto, tinha o último fruto de Ana, que desde Hiatta se conservava agarrado às vestes da irmã.

3/122 O ansioso libertador reparou que as amarras que prendiam os assentos nos camelos era uma maneira de não queimar os pés que, lesionados, sangravam, nem se cansar. Debaixo da barriga deles, sobrava uma parte das mesmas, com as quais fez uma rede e nela seguiu sua tranquila ‘caminhada’. Os animais pareciam sentir felicidade com sua companhia. Alfeu, lobrigando como dormia no improvisado trançado, simulou não o ver.

3/123 Quem para os integrantes da odisseia era vindo do mesmo ventre que o pequeno José, pediu-lhe que no rústico entrelaçado de fios permitisse ficar. Autorizado, nele se acomodou. Todavia, sem razão plausível, a dócil besta que aceitara o sobrinho rejeitou-o, jogando-o e a carga ao chão, proceder reproduzido quando novamente tentou ocupar o espaço mais desejado pelas crianças partícipes do deslocamento. O experiente chefe da trupe não compreendia por que o irracional, em hipótese alguma, abrigava o garoto. Na sua mente, a certeza do porquê se fez nítida: Mateus nele batera. Consequentemente, exigiu-lhe que permanecesse a larga extensão dos transportadores; entrementes, não proibiu o irmão de prosseguir no desfrute de sua ideia.

3/124 Maria, que não dialogava com os estranhos, atenta se mantinha para saber o ponto terminal da caravana, composta, ao partir de Hiatta, por cinquenta e quatro indivíduos. Alfeu iniciara a marcha rumo ao Egito em Sicar; ao voltar da empreitada, pretendia se estabelecer em Gaza, pois seu problema físico se agravava, informações que ela ignorava.

3/125 À medida que as sendas eram vencidas, uns chegavam aos seus destinos, outros se incorporavam ao grupo, alguns até tinham a Galileia como objetivo final. Maria, que não prestava atenção aos que se desligavam ou que adentravam, apenas se inteirava das diferentes povoações a que cada um se dirigia, supôs que o guia esquecera de lhe entregar onde Elias estipulara, conforme o próprio asseverara. Seus pensamentos eram de questionamentos:

3/126 - “Será que José vai nos encontrar? Vou ficar sem ver as minhas outras crias?”

3/127 Junto com os demais de sua idade, o pequeno José se divertia, porém, quem acreditavam ter sido gerado no mesmo útero postava-se distante, a indagar pelos pais. A irmã, bem como José, dele jamais esconderam suas identidades; contudo, ainda não haviam lhe anunciado sobre a morte da mãe, por inferirem que, no período vivido, o sofrimento seria inútil. Na hora propícia, ficaria ciente do assassinato de Ana.

3/128 Em sua inocência, Mateus, exausto de andar, quando retomavam a jorna-

da, invariavelmente inquiria por que se mudavam, se não poderiam fixar-se em um lugarejo. Maria refletiu como expor a ele que fugiam por causa do prometido, seu melhor amigo; se o noticiasse e esse a arguisse, não conseguiria elucidar os fatos sem lhe acarretar desgosto. Contrariamente, o pequeno José ininterruptamente conversava, na maior empolgação. Sem trégua, interrogava Alfeu acerca do aglomerado humano seguinte e, posicionado, incontinênti solicitava detalhes de como ele era. Para qualquer assunto, continuava a ter explicações. Em muitas ocasiões, a caçula de Joaquim recorreu a ele para que esclarecesse ao tio o que lhe fora demandado.

3/129 Impotente para obter respostas às suas perguntas, tomada pelo medo, mas segura do amparo de Deus, em certo momento, Maria trouxe para junto de si os dois meninos, para, como abrangiam, rezarem em família. Seu primogênito se ofereceu para articulá-la:

3/130 - “Que sempre tenhamos fé no Senhor, Aquele que conduz todos nós para o caminho da sabedoria. Não O vemos, mas O sentimos e ouvimos. O ouvimos nos pássaros que voam em busca de água e do alimento, O sentimos no vento que suaviza as tardes quentes e no Sol percebemos Seu calor. Senhor nosso Deus, o único Deus em que confiamos nossas vidas, nós que estamos a caminhar em Sua direção, somos tão necessitados de Sua proteção ...”

3/131 Após diminuta pausa, complementou-a:

3/132 - “... por estes caminhos em que iremos semear os Teus ensinamentos. Nos ajuda a chegar junto de Ti sem que mal nos aconteça. Fico grato a Ti, Pai.”

3/133 A perplexa genitora afirmou:

3/134 - “Aquele que fazia essa oração era ...”, não o nomeando, pela óbvia, para ela, impossibilidade temporal.<sup>[78]</sup>

3/135 - “O teu pai”, concluiu quem primeiramente chamou-se Jesus.

3/136 - “Estás a falar que o Senhor te ensinou a fazer a oração que meu protetor fazia com a minha pessoa?”

3/137 - “Digo o teu pai na vivência que agora tens.”

3/138 - “Mas falas que Pai é Deus.”

3/139 - “Quando chegamos a esta morada, temos um pai, o pai do nosso corpo de carne. É esse o pai de que digo, não nosso Pai, Aquele que criou todo o universo e tudo o que nele existe.”

3/140 - “Não conhecestes o meu protetor e nunca fiz essa oração depois que ele deixou a vida.”

---

[78] Joaquim encerrava a prece, antes do acréscimo do pequeno José, com: “Fico grato, Senhor.”

3/141 - “Digo que fazes a oração quando sentes a ausência dele.”

3/142 Intimamente, a gerada por Ana sabia que sim, mas jamais a proferira em voz alta, somente para si mesma.

3/143 - “Mas aquele que fazia essa oração era ...”, repetiu para novamente não o denominar.

3/144 - “Joaquim”, pronunciou o pequeno José.

3/145 Como na vida de carne ignorava na integralidade a vida verdadeira, a vida de espírito e a vida de puro espírito, Maria ficou assustada.<sup>[79]</sup> Aceitando que seu rebento escutava seus pensamentos, pois não comentara, nem mesmo com o marido, que seu arrimo lhe ensinara a prece quando ela era de poucas primaveras, receosa em prosseguir a prosa, deu-a por encerrada.<sup>[80]</sup>

3/146 Sob o comando de Alfeu, homem de respeito, portador de atrofia muscular que lhe causara encolhimento do membro inferior esquerdo, intensamente familiarizado com as primitivas estradas, com as armadilhas de que os saqueadores se valiam, com as artimanhas dos combatentes dos Herodes quando procuravam por alguém que ousasse desobedecer-lhes, a caravana avançou sem problemas.

3/147 O astucioso guia, responsável pelos que lhe depositaram a vida na travessia do deserto, pressentindo que seria encaçado, utilizou-se de sua larga experiência para despistar os prováveis perseguidores. Consta de seus apetrechos diversos pedaços de madeira com a metade queimada para que, ao levantar acampamento, fosse deixado como indício de sua partida havia vários dias, visto ser costume entre os que se sujeitavam ao inóspito torrão ensejar que lenho fosse consumido lentamente pelo fogo para que um outro da mesma profissão tivesse brasas ao aportar no sítio. Quando percorria as trilhas mais perigosas ou de baixa frequência, ao, após o repouso noturno, retomar a cotidiana jornada, cavava fundo perto de alguma rocha para com a areia fresca granjeada apagar a flama. Seu proceder daria a impressão de ter decorrido muito tempo de sua estadia na área. Também fazia os irracionais e os integrantes da caravana andarem de marcha a ré, possibilitando que rastros fossem observados no terreno para que acatassem estarem indo em sentido contrário.

---

[79] É na **vida verdadeira** que, provenientes do reino animal, adentramos no reino hominal e, até que aportemos junto de Deus, estagiamos na **vida de carne**, na **vida de espírito** e na **vida de puro espírito**.

Para concluirmos a primeira etapa de nossa jornada evolutiva, alternamos vivências na vida verdadeira e na de carne; na sequência, na vida de espírito e na de carne, até que, diplomados por excelência na prática dos ensinamentos de Deus e por os termos anunciados a outros de nossos irmãos, ingressamos na vida de puro espírito, de onde volvemos à vida de carne exclusivamente com o consentimento de nosso Pai.

[80] Depois da morte de seu corpo de carne, Joaquim esteve diversas vezes junto dos que amava. Ao Maria adormecer, era por ele orientada a, quando desperta, em se sentindo aflita e sem saber o que fazer, que efetuasse a oração que lhe ensinara. Em algumas dessas reuniões, Jeremias esteve presente e, em uma delas, indagou ao avô sobre a súplica.

3/148 O manquitolante varão, em virtude da ocupação que elegera, exercitava, em sua plenitude, ardis que apenas quem pelas não demarcadas veredas se aventurava, minimamente tinha ciência.

### 3-1.3

3/149 No entardecer de 29 de Junho de 1 a.C., quase três dias após Alfeu ter se ausentado de Hiatta, Ezequias, que se mostrara subordinado de Herodes Antipas, retornou para onde acreditava ter se fixado o aparentado e quem o deus dos de sua gente prometera. Não os localizando, surrou com crueldade Elias, que ficou muitíssimo machucado. Mesmo correndo risco de deixar a vida de carne, pois se conservava cômico de que teria outra vivência ainda melhor, o rabino nada relatou. Salatiel, um dos que se preparava para o substituir, apetecido pelo poder, delatou, com a finalidade de agradar o torturador, o que julgou ter acontecido no grupo que recém desaparecera no horizonte.<sup>[81]</sup> Sua ação, no entanto, evitou a morte do moribundo. Exclusivamente por se ter inteirado de que um José, morador em Hiatta, incorporara-se aos que se deslocavam para o Egito, o malsim, com contagiante convicção, afirmou que o procurado José se juntara a eles. Furioso com a descoberta, o primogênito de Mateus bradou:

3/150 - “Se Zidec tivesse dado os animais e os homens logo que pedi, não teria perdido a cavalgada.”

3/151 Dirigindo-se a um dos seus comandados, arrematou:

3/152 - “Terei que voltar e trocar de animais. Necessito de camelos, não de cavalos, e alimento. Falo que esse Alfeu sabe o que está a fazer. Os caminhos que esse Alfeu está a fazer são só para aqueles que muito conhecem. Não há muitos condutores de caravana que conhecem esses caminhos, só aquele que muito conhece esses caminhos iria por eles com tanta confiança. Tudo o que tenho que fazer é encontrar um condutor de caravana que conheça os caminhos como esse Alfeu, e logo alcançarei todos dessa caravana. Sei que não se pode ir rápido com mulheres e crias.”

3/153 Por nada mais ter o que fazer em Hiatta, voltou a Belém com a certeza de que o primo seguia com o amaldiçoado bando de viajantes. Em sua lógica, com ele estariam Maria e o nascido na Estrela de Belém.<sup>[82]</sup> Satisfeito em ser posicionado do ocorrido, abandonou o intento de assassinar quem se recusara a prestar-lhe o esclarecimento determinado, também porque aceitou que o infeliz sucumbira.

---

[81] Um arabi deveria ter grande sapiência nas Leis Mosaicas, o porquê estar Salatiel **se preparando** para a função, estudando-as com afinco.

[82] Era, não somente para Ezequias, mas para os demais hebreus, inadmissível uma esposa não seguir junto de seu marido.

3/154 O d sputa a que Ezequias se sujeitava com prazer agia com atrocidade mais pungente para com os hebreus do que Mamom. Qualquer um que se negasse ou não tivesse condições de pagar os impostos exigidos, era privado de suas terras, além dos filhos. Quando da cobrança, o de grande longevidade e o rabino do povoado, o encarregado pelos íncolas descumpridores de suas obrigações, eram espancados violentamente, perecendo, na maioria das vezes, motivo pelo qual diversos lugarejos não prosperaram, por não terem quem os orientasse.

### 3-1.4

3/155 Apesar da idade avançada e da aparência frágil, Elias resistiu ao suplicio com o objetivo primeiro de proteger o herdeiro de Jacó, que despertara e permanecia escondido em um buraco propositadamente construído acima da sinagoga. Consagrou efusivas graças ao Senhor por ter o primogênito de Mateus abonado que sua caça se evadira. Penhorado ficou a Salatiel, visto que seu intuito de denunciar quem no passado salvara do fenecimento, que foi pelo covarde agressor alcunhado de mercador de escravos, redundou em auxiliar a manter o acidentado bombeiro em segurança, pois o José que deixara Hiatta nada mais era que Jeremias. Sentiu-se tranquilo porque Maria partira no terceiro dia da lua cheia, significando, no mínimo, quarenta e oito horas de dianteira na fuga. Por ser Alfeu experiente, inferiu que estariam   léguas de Hiatta.

3/156 Em pensamentos, o arabi traçava planos. Concluiu que as circunstâncias lhe possibilitavam continuar seus afazeres cotidianos, não com a mesma agilitude de antes, em virtude de suas lesões; entrementes, elas em nada afetavam sua mente: com incrementado zelo, nortearia os de sua gente no trabalho a ser executado, porque o malsim poderia novamente incriminá-los. Temendo que seu desencarne propiciasse que seus educandos ficassem sob a direção do ambicioso Salatiel, planejou ensinar o que sabia ao mais velho depois dele, que o substituiria como o ancião de Hiatta. Intimamente, acolhia que seu proceder evitaria entre os assistidos a discórdia, o que os condenaria a serem cativos dos Herodes. Não mais se preocupou com que o delator, quem realmente mais se informara sobre as Leis de Moisés, sucedesse-o como arabi, pois tinha como lídimo que o pequeno José, sem retardo, traria a verdade do Senhor, o que eliminaria a ignorância dos de seu povo. No seu entender, a ambição desmedida de Salatiel o conduziria   destruição e a dos que o circundavam, pois quem possuísse o emanado por ele, acabaria por se esquecer de exercitar as Leis do Senhor.

3/157 Conservava-se envolto em perspicazes reflexões. Rogava a Deus que lhe permitisse viver até ver o convalescente amigo restabelecido para se ausentar do vilarejo, o que o faria deveras reconhecido, quando, inopinadamente, surgiu   sua frente, do nada, o mesmo ser que lhe efetuar o reconfortador vaticínio atinente a caravana dos egípcios. Quem Elias julgava o próprio Senhor asseverou-lhe:

3/158 - “Digo que não sou Deus, que sou um dos Seus enviados a esta morada, como a tua pessoa, que somos irmãos e muito amados pelo nosso Pai. Vim para te dizer que, por agora, não vais deixar este corpo cansado.”

3/159 Após diminuta pausa, prosseguiu:

3/160 - “Peço para elegeres dois homens de tua confiança para ir com José, que daqui a quatro dias poderá caminhar ao encontro de Maria, a Joje. Quando José partir, verás chegar um homem chamado Mateus, que estará a se sentir doente. Dize a ele que dor não tira vivência, que siga para Nazaré, de onde veio, e leve não só aqueles que estão junto dele, mas os pequenos que ficaram com Jarred.”

3/161 Apreensivo pela sua consorte havia dezesseis anos, cômico da alegria e dedicação intensa que, desde o momento em que a caçula de Joaquim aportara em Hiatta, ela demonstrara pelos da prole de quem considerava vinda de seu ventre, o rabino, ainda sentenciando que dialogava com o Senhor, explanou sua convicção:

3/162 - “Se separar Jarred dos pequenos, ela não mais irá ter vida.”

3/163 - “Digo que os pequenos necessitam ir com Mateus porque Jarred, dentro de dois dias, não mais pertencerá à vida de carne.”

3/164 A notícia do passamento da parceira não provocou em Elias nenhuma manifestação de indignação. Possuía, o hebreu, profunda fé em Deus. Sem outro objetivo a não ser participar dos acontecimentos que cercavam o servidor anunciado aos gabaritados pressagiadores de antanho, e conforme a Sua vontade, perguntou:

3/165 - “Mas não conheço esse Mateus. Como irei confiar os pequenos de José a esse homem que nunca vi? Como conhecerei ele?”

3/166 - “Digo que Mateus estará com um homem e uma mulher, que o chamarão de protetor. O homem é Judas, e a mulher, Marta. Digo que não será difícil identificar os três.”

3/167 Confirmando com a cabeça que compreendera, o arabi viu seu colocutor esvaecer-se da mesma maneira que sobreviera.

3/168 Terminada reveladora palestra, fixou seus pensamentos na esposa, que o deixaria, justo ele, que se decretara que faleceria primeiro. Sem sentimento de tristeza ou de perda, ficou penhorado ao Senhor por ter uma aflição a menos, visto não mais se inquietar em como ela ficaria após sua morte.

3/169 Percebendo que suas úlceras não doíam como há pouco, lembrando-se das palavras do recém-desaparecido, para que parasse de ter pena de si mesmo, com o ânimo de outrora anteviu o que carecia fazer: despachar alguns varões a Belém para trocarem lã por sementes, pois as deles haviam sido queimadas; pre-

parar o novo plantio; lavar as lesões de José; aguardar que o adventício chegasse. Reiniciaria seus afazeres, mas antes, outra vez agradeceu o amparo recebido:

3/170 - “Sei que o Senhor ouviu a minha pessoa, e fico grato pela ajuda que deu. Sei que não sou merecedor, mas sei que o Senhor ajuda, com o Seu perdão, não só aquele que é merecedor, mas os pecadores, merecedores ou não. Fico grato pelo Senhor estar de olhos abertos para com os nossos necessitados. O Senhor é a luz de todos e sei que está a cuidar de Alfeu. Para a minha pessoa, ele parece ser muito fraco, mas tem confiança no Senhor. Só agora sei por que o Senhor enviou Alfeu para cuidar de Jeremias, aquele que prometeu aos profetas.”

3/171 Encerrou a prece dirigindo-se a si próprio:

3/172 - “Vou começar a fazer a minha parte.”

## 3-1.5

3/173 Os da caravana, na qual o redentor era incógnito integrante, deslocavam-se havia mais de doze dias. Hebrom ficara para trás e ainda não tinham dormido um habitual período completo sequer. Em Estemoa, efetuaram parada, na qual, finalmente, descansariam satisfatoriamente. Quando partiram, ignorando o porquê do convencimento, o timoneiro sentiu a urgência de fazer com que andassem em marcha a ré; no entanto, as bestas se recusavam.

3/174 - “Queres que a minha pessoa converse com aqueles que conduzem os animais?”, ofereceu-se o pequeno José para colaborar ao constatar a estranha situação.

3/175 - “Como falar com aqueles que conduzem os animais? Já estás a falar com a minha pessoa.”

3/176 - “Digo que além da tua pessoa, há outros condutores que não consegues ver e os animais obedecem a esses condutores.”

3/177 Alfeu viu graça no jeito do primogênito de Maria lhe afiançar que con-fabulava com seres imaginários, mas, de alguma forma, poderia dar certo, porque o camelo que não deixara Mateus deitar-se na improvisada rede, e a esperta criança, desde as inaugurais estanciadas, nela viajava sem objeções. Concluiu que deveria tentar, pois intuía que vinham atrás deles e não seria agradável serem encontrados. Os transportados se entregaram a ele e os guiaria a salvo, nem que lhe custasse a vivência. O Senhor sabia o que se passava em seu íntimo, e Nele acreditava. Ansiava que nada acontecesse aos que trasladava. Fitando seu franzino interlocutor que esperava a resposta, proferiu, como que a brincar:

3/178 - “Podes conversar com aqueles que conduzem os animais. Fala a eles que é só por uma parte do caminho.”

3/179 O pequeno José, então, direcionou-se para junto das alimárias. Para quem o observava, paroleava com elas; todavia, com os também mensageiros de Deus não detentores de corpo físico, que postados a par delas permaneciam, é que dialogava.

3/180 Imperava o mais denso silêncio. Quando pronto, quem fora chamado Jesus e Jeremias avisou ao líder da trupe que poderia ser dado o comando. Posicionado à frente do primeiro dos carregadores da carga, acompanhou-os, bem como os demais partícipes, no inusual movimento.

3/181 Os que apenas visualizavam a vida de carne ficaram enormemente espantados ao comprovarem a proeza.

3/182 Quando lhe foi noticiado de que era dispensável o estratagema, o inicial fruto do útero de Maria pediu que os da caravana parassem. Após conferenciar com os emancipados da matéria bruta, instigou a Alfeu que ordenasse a partida e que a totalidade do grupo avançasse com normalidade. E novamente os que classificamos irracionais atenderam. Ninguém evitou de se interrogar que poder possuía o menino.

3/183 O competente timoneiro se conservou com a atenção redobrada às vedas percorridas, analisando se eram encaçados.

3/184 Após exatas três semanas da saída de Hiatta, aportaram em Arade, onde foram orientados por Alfeu a se abastecerem do imprescindível líquido e de trigo. A ocasião, para ele, constituiu-se em oportunidade de realizar a troca de um de seus asnos, o que estava com uma das patas machucadas, por mantimentos. Se prosseguisse, sem dúvida perderia substancial parcela de seu patrimônio.

3/185 O luxuoso vilarejo não era grande. Seus habitantes, que nada tinham de acolhedores, aparentavam não gostarem de forasteiros. Foi o lugar em que a caçula de Joaquim cientificou-se de que alguns dos integrantes da odisseia, ao saberem que uma povoação, Debi, composta exclusivamente por hebreus, principiava, para ela decidiram rumar. Porém, em Arade, outros aos viajores se agregaram.

3/186 O meio irmão também causava intranquilidade a Maria, pois nas madrugadas gélidas carecia abraçá-lo para que repousasse. Absorta, comentou consigo mesma:

3/187 - “A noite é fria, e o dia muito quente. A água é só para molharmos os lábios, não podemos beber dela todas as vezes que sentimos sede, senão acaba quando mais necessitamos.”

3/188 Mantinha-se desejosa de se inteirar sobre seu destino e o período que decorrera desde que abandonara José, não obstante reparar nos crepúsculos do Sol; contudo, não os marcava. Como os pés do caravaneiro estavam com rachaduras profundas e a sangrar, entendendo que ele era acostumado a rude vivên-

cia que experimentava, deduziu que marchavam havia muitas luas. Ela, que não endereçara uma singular palavra aos demais andantes, sempre envolta em reflexões, inquiriu-se de como estaria o restabelecimento do marido. Atentando para Mateus, que ficava diuturnamente atarracado às suas vestes, saudosa, tornou a se lembrar dos outros filhos. Em seu íntimo, inúmeros questionamentos:

3/189 - “Por que o pequeno José não tem medo de nada? Vai e vem o dia todo, até quando a noite chega está a caminhar para todos os lados. O que será que o Senhor tem para ele? É verdade o que José fala: minha cria não é igual às outras. Só conheceu um pouco as letras e já está a ensinar. Vi o pequeno José ler um escrito para Alfeu. Onde ele aprendeu? Será que o Senhor ensinou minha cria, ou ela veio do ventre e já sabia de tudo? Tem o pequeno José um anjo o tempo todo com ele? Por que, quando olho para minha cria, ele está a falar só? Quando um daqueles que são de nossa gente está caído, o pequeno José fica a falar para que se levante, que conseguirá, que Deus está a olhar para todos os Seus filhos. Homem ou mulher que estiverem caídos se levantam quando olham para seus olhos. Seguram em sua mão com tanta confiança que parece ser o pequeno José um homem feito, mas é uma cria que tem poucas colheitas!”

3/190 Trazendo-a à realidade dos fatos, seu primogênito relatou:

3/191 - “Alfeu disse que estamos a caminhar por três partes de lua, e é para todos fazerem seus animais caminharem, porque necessitamos continuar nosso caminho.”

3/192 Em Arade, demoraram-se apenas metade de um dia, pois o caravaneiro receava encontrar quem o distinguisse e, por consequência, não obteria sucesso em elucidar como, repentinamente, possuía cônjuge e dois filhos.

***QUEM TIVER FÉ EM NOSSO PAI E EXERCITAR OS  
SEUS ENSINOS, NESTA OU EM VIVÊNCIA FUTURA,  
RECUPERA NÃO SOMENTE A SAÚDE.***

veja 3/196

3/193 O pequeno José, companhia constante de Alfeu, solicitou ver a úlcera em sua perna. Surpreendido, em um misto de curiosidade e preocupação, o lesionado perguntou como alcançara a informação, pois não a mostrara e nem dela glosara a ninguém.

3/194 - “Muitas vezes, não é necessário que digas para mim o que tens.”

3/195 Rogou-lhe o timoneiro que sobre o assunto nada articulasse, pois, se divulgado o que descobrira, não mais amealharia crédito como guia.

3/196 - “Digo que não terás mais essa ferida aberta, que ela será curada pelos enviados por Deus. Para que continues curado, limpa a tua mente de todo sentimento que nos afasta do caminho que conduz ao nosso Pai. **Digo que todo**

**aquele que tem fé em Deus e praticar os Seus ensinamentos, conseguirá a cura para seus males, nesta ou em vivência que está por vir.”**

3/197 Confortado, o receptivo Alfeu segredou que almejava, exclusivamente, fazer com que seus contratantes atingissem as paragens programadas salvos da perversidade dos Herodes e de seus comandados.

3/198 - *“Digo que um dia aqueles que governam cuidarão de todos aqueles que são governados como se agradam de serem cuidados”*, vaticinou o anelado servidor, e arredou-se.

3/199 Seu colocutor, que nada inferiu, indagou-se como é que o menino poderia se referir com tamanha fé ao Senhor, pois fugia, como os demais, exceto o casal de egípcios, que era livre.

3/200 Depois de mais seis dias de deslocamento sem incidente, chegaram a Berseba, vilarejo de habitantes também nada hospitaleiros, que nenhuma Lei obedeciam. Notificou o caravaneiro que não fariam parada e que urgia economizar as provisões. Igualmente Maria, ele ignorava há quanto tempo se locomoviam; porém, seu machucado, inexplicavelmente, não doía. Apreensivo de verificar se o mesmo deixara de sangrar, interrogou-se:

3/201 - *“Será que o pequeno José estava certo? Essa cria é diferente: não chora de fome ou de sede como os outros; não reclama porque tem que caminhar sem dormir, ao contrário, fica a falar para todos que logo poderão dormir, que terão toda a água que necessitarem, é só esperar um pouco. Fala para todos que tenham confiança em Deus, porque Deus sabe o que faz, e eles se sentem bem e confiantes.”*

## 3-1.6

3/202 Os corajosos viajantes ostentavam sinais de esgotamento. A maioria não possuía o que beber, e quem o tinha, não o dividia. Para alegria geral, findando a claridade de 28 de Julho, avistaram o início da estrada para Rafá, quase uma reta, sem ameaça de toparem com saqueadores. Puderam, então, descansar sem montarem guarda. Pela não tão inóspita vereda, efetuando trocas com os de outras caravanas, lograram alimento. A precisão do líquido essencial à vida foi saciada nos poços à disposição dos que a ensolarado território se aventuravam. Aportaram em Rafá no meio da tarde de 18 de Agosto de 1 a.C., onde estacionaram. Noticiou Alfeu que permaneceriam estacionados por dois dias, para que recobrassem as forças e se abastecessem.

3/203 O primogênito de Maria, que fisicamente não se lembrava de ter estado em povoação superior em extensão a Hiatta, encantou-se com Rafá, repleto

de indivíduos adornados, detentor de um mercado farto dos mais variados tipos de comida e muitas alimárias. Distinto de sítio em que passara sua infância, não observou pobres pelas ruas, miseráveis, como enunciavam. Atentou para uma enorme moradia, tão grande como jamais vira. Aceitou ser ela a de um homem poderoso, pois brutamontes com lanças nas mãos a vigiavam. Descobriu, por intermédio do guia, que era o palácio do rei Neco, da linhagem dos faraós egípcios. Distanciando-se da área em que acamparam, solitário, perambulou pelo lugar. Estranhou o comportamento de seus residentes, que não se cumprimentavam, do que não gostou, concluindo que era em virtude de não se conhecerem. Enquanto em Rafá demorou-se, nada deixou de minuciosamente examinar.

3/204 Não sabendo como justificar o senso de responsabilidade para com a caçula de Joaquim e para com os garotos, acreditando que, em sua companhia, não estariam plenamente acastelados, Alfeu obrigou-se a procurar por guarida. Presumiu que no vilarejo, como nos demais, teria um ancião que o auxiliaria. Ao ser inteirado de que em Rafá o que existia era um gabaritado pressagiador, entusiasmou-se. Chamava-se Isaías, um dos derradeiros hebreus ainda escravos do monarca. Totalizava ele cinquenta aniversários, e, intimamente, persuadido estava na iminência de o Senhor mandar o prometido para libertar os de sua gente.

3/205 Como afirmavam ser o varão merecedor de fiúza, imaginou o caravaneiro que, se lhe narrasse suas preocupações, facultaria a Maria e aos meninos recinto sem perigos. Cada vez mais, tornava-se explícito que não possuía condições de, sozinho, cuidar dos três. Somente o forte sentimento o fez demandar por socorro. Todavia, ao cientificar-se de que ele era cativo voluntário de Neco, um velho que, segundo seus vocábulos, mais se assemelhava a uma múmia vinda do Egito quando seu império desmoronou, perguntou-se:

3/206 - “Como confiar em um homem cercado de tanto luxo? Mas se o Senhor enviou ele a mim, que nunca me interessei por profetas, rabinos ou por profecias, é porque devo falar com ele.”

3/207 No principiar de manhã ulterior a seu aportar na miscigenada urbe, em um dos jardins do suntuoso e vasto paço, onde Isaías recebia os que o buscavam, Alfeu, sem apresentação alguma, foi cristalino e direto na motivação da sua presença:

3/208 - “Gostaria de pedir para arrumares um local seguro para minha companhia e protegidos, que estão a fugir dos Herodes.”

3/209 Para sua surpresa, escutou do vaticinador:

3/210 - “Já estava a te esperar.”

3/211 - “Falaram a tua pessoa da minha chegada?”, inquiriu, atônito, o experiente condutor.

3/212 Calmamente, Isaías esclareceu-se:

3/213 - “Foi o Senhor que me falou da chegada de um homem a puxar uma

das pernas, e que suas primeiras palavras seriam as que acabaste de pronunciar”, ofertando o imprescindível asilo, nada mais questionando.

3/214 Retirando-se do belo ambiente, o pasmado Alfeu, quando junto de Maria ficou, confessou sua inquietação para com ela e os pequenos, pois estava exausta, com os pés feridos. Para piorar, Mateus, o que fazia, era prantear a cântaros. Avisou-a que granjeara garantido refúgio, indagando-lhe se para ele seguiria. Por ter como verdade que, quanto mais caminhasse, maior seria a dificuldade para ser divisada por José, a caçula de Joaquim aquiesceu. Imediatamente, direcionaram-se à moradia do ilustre prenunciador, situada fora da mansão real.

3/215 O caravaneiro vivia um dilema: abrangia não ser aconselhável continuar sua empreitada rumo ao Egito levando consigo seus três amparados, nem deixá-los, pois prometera a Elias que os abrigaria. Mesmo não compreendendo o porquê, resolvera conservar-se em Rafá, junto deles. Mas, para implementar sua deliberação, careceria providenciar um outro para substituí-lo e, sem levantar suspeitas, pois não era comum a um de sua atividade desistir do contratado.

3/216 Na praça central do lugarejo, ponto de encontro não somente dos de sua profissão, sentia-se como jamais fora: apreensivo por uma hebreia e apegado a um garoto. Logo ele, que não se unira para não ter dores de cabeça, mantinha-se atribulado por uma mulher e pelo filho de um varão que não conhecia. Subitamente, teve sua atenção voltada para um colega que se avizinhava. Era Salomão, que, com responsabilidade, desempenhava o mesmo trabalho. Ele, certamente, finalizaria sem nenhum problema a tarefa pela qual se comprometera. Mas, como efetuar inusitado pleito? Repentinamente, sobreveio-lhe a ideia de, mesmo que parcialmente, mostrar o machucado ao também guia, que saberia não ser razoável prosseguir; no entanto, havia três dias que cicatrizara. Foi pensar na lesão para que o sangue encetasse a escorrer, causando-lhe assombro, pois era como se a última gota abandonava seu corpo. Diante da conjuntura, o amigo, com alegria aceitou o demandado, não tardando para partir com os do então repousado grupo para o Egito.

3/217 Até Alfeu se despedir de Salomão, o vermelho líquido fluía em abundância pela sua canela; todavia, bastou a ausência do que exercia idêntico labor, para que, da mesma maneira que começara, o evento cessasse. Solidificou-se na mente de quem fora salvo da morte pelo consorte de Jarred:

3/218 - “Tenho ajuda toda vez que decido sobre Maria e a suas crias. Até parece que o Senhor está a proteger todos eles.”

3/219 Incontinênti, foi ter com a caçada por Ezequias e revelou sua vontade de ficar em Rafá, com ela e com os meninos, perguntando-lhe se concordaria. Essa, sorrindo, externou sua percepção:

3/220 - “Deste a entender que queres nos ajudar. Se Elias estivesse aqui, ficaria feliz ao ver o que estás a fazer para nos proteger.”

3/221 A habitação de quem os da região de Rafá asseveravam ser um profeta não era grande e ele nela muito pouco permanecia. O local cedido, que aos olhos de seu obtentor afigurava-se seguro, possibilitaria aos que se evadiam ficarem confortavelmente acomodados.

3/222 A caçula de Joaquim sentia-se amparada pelo caravaneiro. Nele, percebeu sincero e gratuito desejo em socorrê-la. Via-o como um aparentado. Quando o costume permitia a ele se dirigir as mulheres, era extremamente educado. Sempre iniciava seus termos postulando perdão a elas, procedimento que os demais não possuíam, pois, por serem homens, mandavam, cabendo às do sexo feminino sujeitarem-se. O diminuto hebreu era diferente dos outros varões e podia depositar-lhe crédito. Intimamente, concluiu:

3/223 - “O Senhor está a conduzir Alfeu, como conduz a mim, José e todos aqueles que estão junto do pequeno José.”

3/224 Respirando profundamente, complementou:

3/225 - “É a profecia a se cumprir.”<sup>[83]</sup>

3/226 O eficiente timoneiro, no principiar de mais uma tarde, recostou-se em uma pedra defronte ao lar de Isaías e cochilou. Foi quando uma jovem, com voz meiga e suave, manifestou-se:

3/227 - “Vai para a terceira moradia além do mercado e procura por uma mulher chamada Abigail que, juntamente com Maria e os pequenos, necessita ser conduzida pela tua pessoa até Gaza.”

3/228 Despertando sobressaltado, ninguém vislumbrou; entretentes, para a residência anunciada rumou. Buscou compreender o que lhe advinha. Experimentava sentimentos nunca antes vivenciados e, como jamais sucedera, devaneara com impressionante realismo.

3/229 - “Estou a ver sombras na minha frente por estar cansado ou, por ter ficado muito tempo no Sol do deserto, estou doente da cabeça?”, glosou.

3/230 Adentrando no espaço da feira, ponderou desistir; contudo, avistou com clareza ímpar quem a mensageira lhe indicara. Novamente, interrogou-se:

3/231 - “Há pouco, vi essa mulher quando dormia. Como ela, tão rápido, está na minha frente?”

3/232 Observou a hebreia de pele morena, cabelos negros e soltos, ingressar justamente no casebre que fora predito. Ficou receoso de se aproximar, pois se

---

[83] Desde que tinha nove colheitas, Maria escutava do pai que o profeta Isaías anunciara que um anjo do Senhor viria salvar os de seu povo, espalhando a Sua ignorada verdade, e que esse enviado celeste seria deveras caçado, o que, a começar do nascimento do filho, acontecia.

fosse ela casada, seria castigado em praça pública. Maior pavor lhe causou a suposição de que pudesse a garota ser descompromissada, porque teria que se unir somente por ter endereçado seus verbos a ela ausente o genitor ou um ancião. Definiu que aguardaria nas adjacências, na expectativa de que um igual aparecesse, para, então, com a estranha conversar. Qual não foi sua surpresa quando ela ao seu encontro veio e, sem nada questionar, nomeando-lhe, proferiu, com mansidão:

3/233 - “Não tenhas medo, a minha pessoa já te esperava.”

3/234 Pasmado, conseguiu articular, a despeito de gaguejar:

3/235 - “Mas como me esperavas? E como sabes como sou chamado?”

3/236 - “Não te assustes. Foi um anjo do Senhor que me falou, logo após a morte do meu protetor, que viria um homem chamado Alfeu, e me mostrou o teu rosto. Falou que trarias uma mulher e duas crias e que a minha e a tua pessoa deveremos conduzir eles até Nazaré.”

3/237 Apesar de espantadíssimo, o caravaneiro, no intuito de arrumar pretexto para não seguir até a longínqua Galileia, retrucou:

3/238 - “Nem sei onde fica esse lugar de que estás a falar. Não consigo caminhar com a perna ferida. Necessitamos de água e pão. Como irás caminhar pelo deserto sem aquele que conheça os caminhos?”

3/239 A hebreia, que ainda não se identificara, apregou com incontida determinação:

3/240 - “O Senhor conhece todos os caminhos. O Senhor te enviou a mim e irá enviar a todos para Nazaré.”

3/241 Incisiva, indagou:

3/242 - “Confias no Senhor?”

3/243 Em consequência da afirmativa resposta, prosseguiu:

3/244 - “Se chegaste até aqui, como não chegarás a Nazaré? Quanto ao alimento e à água, tenho confiança de que o Senhor irá providenciar aquele que adquira o que tecerei nas paradas que fizemos com as lãs que Uzias conservou.”

3/245 Sem vocábulos para contra-argumentar, o capacitado guia lembrou-se das últimas ocorrências em sua vivência e, secretamente, concordou com o explicitado. Admirado, inquiriu à varoa sobre a mãe do pequeno José:

3/246 - “O que será que acontece com essa mulher? O Senhor, todos os dias, está a me dar a direção e o caminho a seguir.”

3/247 Abigail, que visualizava muitos dos filhos de Deus não integrantes da vida de carne, certa de que era a maneira correta de agir, redarguiu:

3/248 - “Não sei, mas, se o Senhor está a ajudar, é necessário que Maria e suas crias tenham proteção, e estamos aqui para obedecer.”

3/249 Concluiu:

3/250 - “Vai buscar Maria e suas crias.”

3/251 Antes que ela fizesse qualquer outro ordenamento, o atônito Alfeu interpelou:

3/252 - “Sabes até como ela é chamada! Como sabes?”

3/253 - “Da mesma forma que soube como és chamado.”

3/254 Impaciente, arrematou:

3/255 - “Vai.”

3/256 Quem Elias salvara do óbito, não ansiando parolear com a esposa de José sozinho, solicitou à sua interlocutora que o acompanhasse. Essa lhe confidenciou não se agradar com soberanos nem com a ostentação que os rodeava, concomitante com incontáveis compatriícios seus que não tinham o que comer ou beber. Por decretar que a caçula de Joaquim não reiniciaria a jornada, o caravaneiro insistiu; porém, a firme Abigail salientou:

3/257 - “Falo que Maria sabe que onde ela está não é seguro.”

3/258 Sem muita convicção, Alfeu, vagorosamente, se dirigiu à residência de Isaías, a meditar:

3/259 - “Estou a obedecer uma mulher. Se aqueles que são de minha gente me virem obedecer uma mulher, me jogarão pedras e não falarão mais com a minha pessoa, mas se é o que o Senhor quer, falarei com Maria.”

3/260 - “Sei que aquele que é profeta não vai gostar. Foi a minha pessoa que pediu ajuda a ele e agora não quero mais.”

3/261 - “Falo que as mulheres só me colocam em perigo. Sei que o Senhor me dará uma boa palavra ...”, não terminando seu raciocínio porque teve a atenção voltada para uma multidão recém-constituída.

3/262 Acreditando que o monarca, finalmente, acatara o fenecimento, continuou seu trajeto pensativo no assunto, o que lhe propiciou que as preocupações da hora ficassem em segundo plano:

3/263 - “Não sei por que alguns homens não aceitam deixar este mundo no qual o que temos é só sofrimentos. Falo que o rei Neco não quer deixar a vida porque não está a sofrer. Tem muitas pessoas junto dele, muito luxo, mas não quero ser ele, prefiro a vida pequena e cheia de paz que tenho. Conheço o Senhor pelo Seu amor a todos aqueles que são de minha gente. Sou um pecador, e o Senhor está a me perdoar e a me conduzir o tempo todo”, recordando-se do instante em que toscanejara e estivera com a meiga jovem.

3/264 Minguados metros mais e aportou no refúgio, não encontrando o pequeno José, que perambulava por Rafá. Já Mateus, adormecera perto da irmã

uterina. Essa, ao observar o comportamento não costumeiro do emissário que, sem coragem de principiar a conversa, permanecia a fitá-la, perguntou-lhe:

3/265 - “O que está a acontecer? Olhas para mim como se quisesses me falar. O que houve?”

3/266 - “Não sei como te falar, mas temos que partir deste lugar.”

3/267 Obstáculo algum efetuou a gerada por Ana à proposta, apenas desejou inteirar-se para onde iriam. O varão, surpreendido com a deliberação, arguiu-a se não importava em novamente pôr-se a caminhar, pois chegaram recentemente e elaurgia descansar.

3/268 - “Nada acontece sem a permissão do Senhor. Se temos que partir, é porque Ele permite”, posicionou-se, com mansuetude, quem se evadia, sendo esclarecida do sucedido enquanto o caravaneiro cochilara e da palestra que esse mantivera com Abigail.

3/269 Demonstrando profunda alegria ao descobrir que o destino era Nazaré, comentou Maria, referindo-se aos sobrinhos Judas e Marta e ao padrasto:

3/270 - “Vou ver minhas outras crias e Mateus.”

3/271 - “Que outras crias será que essa mulher tem em Nazaré? Será que são do mesmo companheiro? Não sei, porque não vi se ela tinha companheiro em Hiatta”, interrogou-se Alfeu, ignoto dos pormenores.

3/272 Como sua pupila aquiescera em seguir, anunciou-lhe que localizaria o pequeno José, para que ficasse junto dela. Ao retornar, seu semblante caracterizava-o alarmado. Elucidando sua indagadora do porquê, narrou que a presença dos estranhos que avistara havia pouco não eram em virtude do decesso de Neco, como julgara. Entreviu um homem que atinou ser Ezequias, do qual Elias o prevenira. Não tinha certeza, mas escutara questionarem pelos de sua responsabilidade. Confessando não ser bom na arte da identificação, e como a túnica do indivíduo era diferente, do tipo que os egípcios usavam, postulou a colocutora que, bem escondida, atestasse se era ou não o assalariado de Herodes Antipas.

3/273 Ao vê-lo, a caçula de Joaquim abonou as suspeitas. O habilitado guia solicitou-lhe, então, para não se mostrar a ninguém e que não deixasse os dois meninos dela se afastarem, que desvendaria o objetivo do assecla do tirano. Junto dele, fazendo-se negociante das duas tapeçarias nas quais repousava, ofertou-as:

3/274 - “Leva, homem, está a acabar.”

3/275 Alcançado o intento de se aproximar do assassino, esse lhe inquiriu se realizava trocas. Ao responder positivamente, prosseguiu o cruel algoz de Jônatas:

3/276 - “Deves conhecer todos os outros mercadores”, o que confirmou Alfeu.

3/277 - “Estou à procura de três escravos meus que estão a fugir há várias luas. Ouvi que estão em uma caravana que passou por este lugar”, continuou o primo de José.

3/278 O pseudocomerciante garantiu que diversas irromperam em Rafá.

3/279 - “A caravana que procuro está a ser levada por um homem nada experiente. Tive informações de que foi para o Egito. Só quero saber há quanto tempo passou por aqui”, complementou o bárbaro traidor.

3/280 O proferido ensejou ao timoneiro muita ventura, pois Ezequias sequer imaginava que a presa pela qual cruzava a tetrarquia postara-se à sua frente. Constatando que o caçador de humanos rumara para o palácio de Neco, intimamente decretou:

3/281 - “É melhor parar de tremer e ir junto de Maria. Pode ser que esse comandado fale com aquele profeta de luxo.”

3/282 Não compreendia por que, mas nutria por Isaías gratuita antipatia; talvez, avaliou, porque ele labutava sem paga para quem fazia inúmeros hebreus mendigar o que sobrava das lavouras que os mesmos cultivavam.

3/283 Abandonou a praça resoluto de que os ocultados não pernoitariam na moradia do vaticinador, mas na de Abigail, conforme ela lhe assegurara, o que relutara em aceitar por ter sido prolatado por uma mulher. Ao alvorecer, asseverou para si mesmo, partiriam de Rafá. Enquanto se deslocava, seus pensamentos direcionaram-se para os de seu povo, que produziam para Neco:

3/284 - “Ou se é escravo dos Herodes ou dos egípcios. Até esse profeta, ao contrário de cuidar daqueles que são de minha gente, aqueles que necessitam dele, está a beijar as mãos e os pés desse rei, que mais parece uma múmia!”

3/285 Entristecido com a situação, a Deus clamou:

3/286 - “Se estou a cometer pecado, Senhor, peço que mais uma vez me perdoe. Peço que me ajude a ajudar aqueles que são de minha gente, que estão a viver para plantar e colher para aqueles que nunca trabalharam a terra, que não sabem da Sua existência, que não sabem que está a proteger eles como está a proteger todos aqueles que são de minha gente.”

3/287 Compenetrado, sentenciou:

3/288 - “Que todos aqueles que são de minha gente, com tanto sofrimento, nunca se esqueçam do Senhor.”

3/289 Finalizou sua súplica emocionado:

3/290 - “Sei que está com a minha pessoa, Senhor, porque falei com Ezequias, que não me conheceu. Ezequias, que dá dois de mim, se descobrisse aquele que sou, a minha pessoa estaria sem vida. Sei que não sou merecedor, mas peço, Se-

nhor, que não permita que a minha pessoa deixe a vida antes de levar Maria e os que vieram dela até Nazaré. Aquela donzela, quando dormi, falou que era para ir até Gaza e Abigail fala que é até Nazaré. Sei que sabe, Senhor, que o caminho é longo e cheio de perigos, mas, com a Sua ajuda, chegaremos. Fico grato por me ouvir, Senhor.”

3/291 Junto das crianças e da concebida por Ana, informou-a de suas decisões. O atento pequeno José perguntou-lhe:

3/292 - “Existem mais iguais a nós, que necessitam sempre se esconder?”

3/293 Ainda pesaroso, Alfeu respondeu:

3/294 - “Pelo tempo em que o poder estiver nas mãos desses reis, sempre teremos alguma pessoa que necessita se esconder.”

3/295 Após inquietante descanso, com a escuridão imperando, foi arrumar os camelos para iniciarem a viagem. Ficou surpreso ao ver que os seus, além de outros três, estavam prontos, carregados com água e alimento, inclusive damascos. Repentinamente, surgiu, sereno como de hábito, o gabaritado presagiador de Rafá. Esse, sem delonga, foi ao encontro do caravaneiro. Face a face, garantiu-lhe:

3/296 - “Sei que não confias em mim. Foi necessário que me tornasse escravo só para se este momento chegasse. Verás se confirmar o que agora falo.”

3/297 Nada abrangendo, Alfeu escutou-o completar:

3/298 - “Antes de te entregar a Ezequias, o homem do mercado, prefiro perder a vida.”

3/299 Quando foi proferido o nome de seu caçador, o timoneiro ficou assustado. Não inferiu como Isaías inteirara-se do receio latente que o dominava e da conversa que tivera com o comandado de Herodes Antipas. Incontinênti, sem que interpelação ofertasse, foi esclarecido:

3/300 - “Não fiques com medo. Falo que o Senhor sempre nos mostra o que necessitamos saber.”

3/301 Acreditando que os animais extras e os suprimentos eram produtos de roubo, projetou Alfeu que, pelo ato, o vaticinador estaria com o destino selado.<sup>[84]</sup> Curioso, questionou-lhe:

3/302 - “O que será da tua pessoa?”

3/303 - “Já fiz o que vim fazer nesta vida e posso partir deste mundo em paz.”

---

[84] O profeta de Rafá adquirira os animais antes de ter se transformado em escravo de Neco, bem como as moedas necessárias para a troca pelos suprimentos.

Fui escravo desse rei por oito colheitas para que ele confiasse em mim, até que este dia chegasse. Falo que a minha parte está feita. Quando terminares a tua, entenderás o que estou a te falar. A única diferença é que a minha pessoa sabia que o prometido pelo Senhor iria passar por aqui.”

3/304 O idôneo guia continuou nada abarcando. Não se preocupando com o que lhe saía da boca, comentou:

3/305 - “Está a ficar muito tempo no Sol. Falas o que não entendo”, o que fez o prenunciador rir e dar-lhe ânimo para seguir sua jornada.

3/306 O incentivo recebido causou em Alfeu vergonha por ter duvidado de seu interlocutor, que se afastara por uns dois metros e o observava. Não obstante, extrovertido por natureza, apenas se interrogou:

3/307 - “Como é que Isaías sabia que não tinha a minha confiança? Como sabe que estive a falar com Ezequias, se nem Ezequias me conheceu? Esse profeta sabe de tudo. Será que o Senhor fala com ele?”

3/308 Seus pensamentos, outra vez, foram cristalinos ao cativo voluntário de Neco. Objetivando que o caravaneiro à sua frente convicto ficasse de que dialogava com Deus, assegurou-lhe:

3/309 - “Foste enviado para conduzir essa mulher, sua cria e um aparentado, porque confias no Senhor.”

3/310 Era claro para o professor que, se Alfeu acatasse suas palavras, vigiaria ainda mais sua atuação diária, não colocando o aguardado libertador sob ameaça.

3/311 Percebeu Isaías o sincero arrependimento do aluno por não lhe ter dedicado fiúza, e novamente o encorajou. No entanto, a mente do experiente líder de travessias fervilhava de estranheza: como ele, que havia muito estava junto de Maria, ignorava que um dos meninos era irmão e não filho dela?<sup>[85]</sup> Amenizando suas indagações íntimas, acalmou-lhe quem, com exatidão, pressagiava em Rafá:

3/312 - “As tuas perguntas logo serão respondidas”, e retirou-se com sentimento de dever cumprido.

3/313 Retornando para onde seus futuros transportados concluíam os preparativos para a viagem, Alfeu, não contendo a alegria que o governava, garantiu que o anfitrião confabulava com o Senhor. As duas mulheres, verificando seu jeito de moleque, sorriram. Enfático, ratificou a informação. Abigail, então, confessou que Isaías era irmão de seu pai, mas ambos não frequentavam as respectivas residências, porque um anjo do Senhor orientara ao tio do procedimento.

---

[85] Acreditou Alfeu que o filho de Ana fosse de Maria, pois o menino possuía traços marcantes dela.

3/314 Nada satisfeito, o caravaneiro inquiriu-a:

3/315 - “Mas como aquele que é da mesma família que a tua pessoa conhece o que vai acontecer?”

3/316 Não conseguindo se explicar, a filha de Uzias articulou que o Senhor, certamente, postara alguém junto dele que lhe avisava o que ou não fazer. Alfeu, como de costume, curioso e tagarela, desejou compreender por que ela não fora à moradia do vaticinador para conferenciar com a concebida por Ana e por que noticiara não apreciar o fausto existente. Justificou-se Abigail:

3/317 - “Não gosto daquele luxo, mas é verdade que aquele que veio depois do meu protetor sempre esteve distante. Nunca houve amizade entre a minha pessoa e a dele. Aquele que veio depois do meu protetor falava ter uma missão que nem uma só pessoa iria entender, como o Senhor havia falado a ele. Sempre ficou junto do rei Neco e nunca reclamou da vida que levava. Só agora sei o porquê.”

3/318 Aceitando o proferido, nada mais tendo a demandar, o timoneiro comunicou que encetariam a marcha antes que esquentasse.

3/319 Consciente de que, mesmo que por curto período, nenhum perigo correriam, pediu às mulheres que mantivessem as crianças junto delas, e para Gaza rumaram.

## 3-2

3/320 Desde menino, Isaías era diferente dos demais. Acordado, narrava lembranças do que presenciara enquanto dormira, eventos que, posteriormente, mostravam-se reais. Atingidas as trinta safras, as reminiscências persistiram.

3/321 Quando jovem, íncola de Belém, as hebreias se ojerizavam com a possibilidade de se unirem a ele que, perante a alguns, prognosticava desgraça por enxergar o mal e conversar com os mortos.

3/322 Sua fama de poderoso prenunciador entre os de sua gente crescia dia a dia.

3/323 Juntamente com seu único irmão e mais velho, Uzias, recém-matrimoniado com uma egípcia, por várias primaveras se fixou nas antigas terras de Jacó. Faltando duas luas para ser ela invadida pelos assalariados de Herodes, o grande, em 19 a.C., deixou Hiatta com destino a Rafá, secundando o casal.

3/324 Chegaram cheios de esperança; porém, ao constatarem que os habitantes do vilarejo eram, na maioria, estrangeiros, ficaram desolados. Entrementes, com a recusa do irmão em regressar, acabaram nele se estabelecendo.

3/325 A reputação de Isaías, todavia, seguiu-o. Ficou muito conhecido por saber do futuro, chamando a atenção de quem se proclamava monarca, que lhe

consultava sobre dúvidas particulares, além das inerentes aos seus domínios. Conquistou, pela exatidão de seus presságios, o interesse do soberano, que era rico e detinha joias em quantidade, o que em muito lhe apeteceu. Tendo a oportunidade de não mais carecer de trabalhar sob Sol quente, com diminuta porção de água e mingado pedaço de pão como alimento, permitiu-se fazer as previsões solicitadas, mudando-se para a mansão imperial. Após sete ceifas de agradável existência, o Senhor, segundo seus verbos, sentenciou-lhe:

3/326 - “Vais te tornar escravo desse rei do qual agora colhes paga de seu tesouro e tudo será da forma que ele quiser. Não irás recuar no que te foi confiado, porque o prometido pelos profetas virá para salvar todo aquele que o aceitar. Quando o rei te convidar, aceitarás e ficarás seu escravo, para que nem uma só pessoa suspeite da tua quando necessitares sair ou entrar no palácio.”

3/327 Por cerca de meio decênio, o vaticinador ignorou a assertiva; contudo, quando novamente apenas observou quem considerava ser o Senhor, depreendeu o significado e, voluntariamente, privou-se do livre arbítrio. O que escutara, não esclarecedor para muitos, tomou como incontestável. Abrangeu que o almejado redentor viria e precisaria dele no paço. Somente não ficou claro quem teria que acudir. Durante anos, muitos viandantes foram por ele socorridos, pois se mantinha convicto de que o amparava.

3/328 Convertendo-se em cativo, angariou a aversão dos demais hebreus, por não auxiliá-los com suas predições. Afastou-se de Uzias para não prejudicá-lo; no entanto, nada proferiu sobre o porquê. Até que raiou o dia em que Alfeu, mentalmente perfeito e de estatura menor que um metro de altura, procurou-o pleiteando guarida para uma mulher e dois meninos. Pouco antes de na vida de carne conhecer o caravaneiro, o identificara através de uma visão que tivera.

3/329 No entardecer do dia da chegada de Ezequias, sabedor de que, ao alvorecer ulterior, seus hóspedes partiriam, sem ser notado, retirou-se da imponente edificação em que labutava. Com os animais de sua propriedade carregadíssimos com muito do essencial líquido à vida e de comida, guiou-os até onde estavam os de Alfeu e aguardou-o para as despedidas.

3/330 A despeito da fé que dedicava ao Senhor, de ser instrumento Dele para que o aspirado libertador realizasse a Sua vontade, Isaías não foi apresentado ao pequeno José. Alguns meses após o quinteto ter deixado o vilarejo, foi crucificado e morreu como ladrão, saqueador, como se exprimiam, acusado de ter roubado joias de Neco e as dado à sobrinha, bem como diversos camelos, para que evadissem.

3/331 Os detentores, mesmo que de mínima parcela, do poder em Rafá decretaram que a atitude dos subjugados, que nem perto do madeiro em que o profeta agonizava se avizinham, era a confirmação da denúncia feita pelo principal conselheiro de Neco, seu desafeto.

## 3-3

3/332 Conforme o revelado pelo próprio Senhor, no entender de Elias, Jared abandonou a vida de carne na data determinada. Não conseguindo zelar em sua plenitude dos irmãos de Jeremias, como garantira que faria, pediu a uma das mulheres que, pelo transcurrir do dia, colaborasse com ele na atividade até que o convalescente bombeiro recuperasse a saúde.

3/333 Em uma manhã, acompanhando uma cáfila que sequer parou, um casal de jovens e um varão com idade suficiente para ser ancião estacionaram em Hiatta. O velho, possuidor de cabelos enbranquecidos que se assemelhavam a barba de Moisés, como se referiam às nuvens alvas no céu, caminhava arcado. O rapaz, de semblante carrancudo, evidenciava estar sempre com raiva; porém, a hebreia era meiga e gentil.

3/334 Informado em detalhes da novidade, o rabino quase que descartou serem os dois, hodiernamente classificados adolescentes, os filhos de José, pois eram muito diferentes; todavia, interrogou-se sobre o aquebrado:

3/335 - “Será que é aquele de que o Senhor me falou? Se não fossem pelos dois que junto dele estão, não aceitaria que é o homem que estou a esperar. Mais parece um moribundo, desses que não querem ajuda e passam por aqui só para deixar este mundo. Falo que o Senhor não daria a ele tão grande missão.”

3/336 Junto aos três, que efetuaram parada fora de Hiatta, perguntou ao mal-humorado forasteiro se anelavam apoio.

3/337 - “Podes ir que cuido de meu aparentado”, foi a deseducada resposta recebida.

3/338 - “É teu aparentado?”, retornou Elias, ainda não acreditando serem os que foram anunciados.

3/339 Outra grosseria proferiu o adventício:

3/340 - “Falo que é, e vai. Não necessito de tua ajuda.”

3/341 A submissa donzela, que pelo decorrer do diálogo permanecera calada e com a cabeça abaixada, levantou-a e, delicadamente, dirigiu-se ao irmão:

3/342 - “Perdão, sei que és aquele que veio primeiro, mas estamos a necessitar de ajuda.”

3/343 Virando-se para o arabi, indicando o estirado no chão, concluiu:

3/344 - “Este que está a dormir é Mateus. Ele é nosso aparentado e está doente.”

3/345 A conversa que tivera com o Senhor aflorou à memória de Elias. Sem detença, indagou à sua interlocutora:

3/346 - “Como é que o teu aparentado te chama?”

3/347 - “Falo que sou chamada Marta.”

3/348 Complementando, apresentou quem se mantinha aborrecido:

3/349 - “Este é Judas, o que veio junto de mim. Judas nunca fala com respeito.”

3/350 Finalizando, questionou:

3/351 - “Ouviste falar de nosso protetor?”

3/352 Com irrefreada ansiedade, o consorte de Jarred inquiriu quem ele era. A vinda de Sara pronunciou o nome que uniu os fatos:

3/353 - “O nosso protetor é chamado José.”

3/354 Em sinal de deferência ao de maior quantidade de colheitas que, ao escutá-la, devaneou, e, por ser do sexo feminino, tinha que se sujeitar, Marta não prosseguiu. Como não lhe era dedicada atenção, conteve-se.

3/355 Elias, meditando, afirmava para si mesmo que, apesar da cristalinidade do evento, tinha que ter absoluta certeza de que eles eram os que aguardava, pois ao que os Herodes se prestavam era sobejamente difundido. Foi importunado em seu raciocínio pelo desacatoso jovem, que lhe apregoou:

3/356 - “Não ouças essa mulher. Não quero encontrar uma só pessoa. Deixa que cuido dela e de meu aparentado. Falo que sou aquele que decide, porque vim primeiro.”

3/357 - “Mas teu aparentado não está bem. Deixa que cuido dele. Quando ele estiver bem, poderemos ver aquele que manda”, respondeu-lhe o rabino, com a autoridade que emanava dos mais velhos.

3/358 O primogênito de José não ousou afrontar o professor que, por prudência, nada mais articulou, visto ignorar o grau da cólera que dominava o noticiado gêmeo.

3/359 Quando o desvigorado acordou, demonstrou não possuir moléstia alguma, quer de pele ou por dentro, como era o costume enunciar. Narrou, então, ao ancião de Hiatta sua existência. Estava, sim, na concepção de quem, pacientemente, inteirava-se de suas pseudodificuldades, sem desejo de viver. Mateus, repetindo as queixas que caracterizava seus dias a partir do passamento da segunda cônjuge, asseverou:

3/360 - “Estou a padecer desde que tiraram a vida de Ana. Antes, a minha pessoa já havia perdido todos meus outros protegidos. Falo que o Senhor não está muito feliz com a minha pessoa. Qual pecado será que cometi? Por que será que o Senhor está a me castigar? E essa cria, Judas, só me trouxe sofrimentos. Quero encontrar José para entregar a ele os seus protegidos, e a vida poderá deixar este meu corpo cansado em paz. Desde que tiraram a vida de Ana, não tenho mais ânimo para cuidar da terra e nem da carpintaria, só quero deixar esta vida e ir ao encontro dela.”

3/361 Elias, também experiente no que tangia a índole humana, com o intento de encorajar o combalido varão, para ele duramente se dirigiu:

3/362 - “Tens uma boa vida e estás a perder ela sem motivo. Fraca é a tua pessoa, ao contrário de Ana, que deu a vida por aquele que veio de seu ventre e pela vida do pequeno de Maria, e a tua pessoa, a perder a vida!”

3/363 Por o prolatado expressar a realidade, o cultivador de melões começou a chorar copiosamente, pedindo para ficar sozinho com a sua dor; no entanto, continuou o marido de Jarred:

3/364 - “Vais voltar para Nazaré porque não estás doente, estás com medo de conhecer a morte, com medo de que aquele comandado de Herodes Antipas venha ao teu encontro e faça o mesmo que fez com Ana. Falo que estás com medo e não doente. Um homem como a tua pessoa, que resistiu a muitos perigos, está a ficar com medo? José está vivo e sei onde ele está. José é que está doente e necessita da tua pessoa para ir a Nazaré. José estava a defender seus pequenos e aqueles de Hiatta que são de nossa gente, e queres fugir? Ele necessita da tua pessoa. Falo que saudades não tens, o que tens é medo, que nunca tirou a vida de uma só pessoa. Pelo contrário, prolonga a vida: quanto mais medo, mais cuidado temos. Vamos ceiar leite e pão, que vou deixar pronto José e os seus pequenos para que leves eles e os que chegaram com a tua pessoa para Nazaré.”

3/365 Atordoado com os termos firmes e francos, cômico de que eram retos, nada objetou, somente perguntou quais crianças iriam com ele, no que foi informado. Elias, ainda, evidenciou-lhe o porquê do crente em ser dídimo de Marta agir com descortesia:

3/366 - “Depois que José te deixou, vieram mais três pequenos, bem diferentes deste Judas, que deixaste se tornar homem antes de lhe ensinares como ser homem. Judas não aceita que estás doente, e não estás; se estivesses, o Senhor não te daria tamanho compromisso. Vou buscar José. Tenho ele escondido porque não sei aquele que vai por aqui passar. Não sei se sabes que Hiatta é caminho de todos aqueles que estão a fugir dos Herodes, e esse Antipas é pior que o seu protetor e todos os outros juntos.”

3/367 Por constatar que o tio-avô estava saudável, o deseducado adolescente se aproximou dos dois, interrompendo-os, e decretou que era para, sem intervalo, irem embora do vilarejo. O arabi retomou o verbo:

3/368 - “Não sei o que teu parentado te ensinou, mas aqui os de poucas colheitas obedecem aos que tem mais colheitas, e tenho mais colheitas que a tua pessoa. Vais obedecer a mim e ao teu parentado. Falo que Mateus não sairá daqui antes que a minha pessoa permita.”

3/369 Com determinação, finalizou a Judas:

3/370 - “Vai buscar madeira com os outros, ou água, se quiseres um pedaço de pão, e deixa as decisões para aqueles que têm mais colheitas.”

3/371 O norteado abaixou a cabeça e se retirou, ficando o ex-carpinteiro espantado como fora simples refreá-lo.

3/372 Prestes a ir ter com o herdeiro de Jacó, Elias solicitou ao Senhor, em oração, que perdoasse o seu modo enérgico; porém, ignorava como conduzir o rapaz que, não obstante as parcas primaveras, tinha a língua afiada. Prosseguiu:

3/373 - “Como falar com um protegido Seu, que não sente que estamos a cuidar dele com respeito? Não quero ir contra o Senhor, mas ao Seu encontro. Busco no Senhor a paciência que não tenho para falar com esse Judas.”

3/374 Conservando-se no trajeto em direção à sinagoga, afirmou para si mesmo não poder deliberar por José. Urgia inteirar-se do que ele desejava fazer e não o que entendia como a melhor solução. Junto dele, avisou-o dos forasteiros:

3/375 - “Está aqui um homem chamado Mateus, que tem muitas colheitas, com um homem chamado Judas e uma mulher, que mostram terem poucas colheitas. Se são os teus protegidos, não sei, mas a mulher chamada Marta tem os teus olhos e o teu jeito de sorrir, já o homem nada tem da tua pessoa. Esse Judas não gosta quando alguma pessoa fala o que não quer ouvir. Ele não tem jeito para lidar com aqueles que são de nossa gente”, propiciando contentamento ao noticiado com a suposta chegada dos seus.

3/376 O teimoso unigênito de Jacó, que se recuperava não das lesões causadas quando do incêndio no depósito de grãos, mas do agravamento das mesmas, quando, em oposição ao lhe orientado, resolveu, imediatamente após ser cientificado da revelação, marchar para o lugarejo indicado, sequer prestou atenção aos comentários inerentes ao seu primogênito. A imprevista presença dos seus ensejou justificar a atitude que implementara, não aprovada pelo de maior idade de Hiatta. Fez-se enfático ao sentenciar que, se não tivesse regressado da jornada empreendida para Jope, os declarados gêmos de Sara não o teriam localizado.

3/377 O rabino, que não explicitara por completo a mensagem que recebera, tentou esclarecê-lo no que, anteriormente, não alcançara sucesso:

3/378 - “O que te falei era que não estavas em condições de ir naquela caminhada, ainda mais com os três pequenos; que tuas feridas estavam muito frescas e o Sol quente só iria piorar. Mas quiseste seguir quando te falei que Maria tinha ido com a caravana de Alfeu e que o Senhor havia me falado para ires a Jope. Não quiseste me ouvir e voltaste depois de apenas um dia de caminhada. Se tivesses esperado os dias que o Senhor havia me falado e fosses sem os pequenos, já terias encontrado Maria.”

3/379 Sempre aspirando fazer com que sua vontade fosse considerada sem disparate, com arrogância, José se isentou da responsabilidade:

3/380 - “Tens com a tua pessoa toda a verdade. As minhas feridas se abriram e não pude tomar outra decisão a não ser voltar. Não conseguia nem carregar

Tiago, que é mirrado, quanto mais preparar a ceia para as três crias. Ainda bem que mandaste dois homens de tua confiança com a minha pessoa.”

3/381 Percebendo que não granjearia nenhum proveito da conversa, novamente o marido de Jarred relatou sobre os de Nazaré, acautelando o amigo no tocante ao jovem ádvena:

3/382 - “Aquele homem não vai por caminhos bons. Falo que ele não vai se alegrar em te ver.”

3/383 O ex-sedicioso, que não via o primeiro filho desde quando se evadira de Nazaré, havia mais de oito anos, queixou-se:

3/384 - “Às vezes, sinto que o Senhor envia protegidos com problemas para ver se aqueles que são protetores conseguem querer bem a todos eles.”

3/385 Não mais disposto a escutar lamúrias, Elias rebateu:

3/386 - “Já tive tristezas demais por um dia. Olha os pequenos que tens, todos normais, com braços e pernas, pequenos perfeitos que o Senhor te deu. Não lamentes, senão vou ficar mal com o Senhor de tanto dar corretivo nos sofredores. Vamos ver o que fazer com aqueles de tua família que chegaram. Falo que todos têm um caminho a seguir e tens que seguir o teu. Vem falar com Mateus e com os teus protegidos de Nazaré, que estão a te esperar. Só sinto em ficar longe dos pequenos, que agora são tudo o que tenho.”

3/387 Brincando, provocou-o José:

3/388 - “Não vais lamentar tua vida!”

3/389 - “Fico muito grato ao Senhor por ter me dado tudo o que tive nesta vida. O que não tive, é porque não mereci, e vou fazer por merecer. Vamos ver a tua estaca.”<sup>[86]</sup>

3/390 Juntos, desceram para o por Marta ansiado momento.

3/391 Cansado de padecer e acreditando que morreria em pouco tempo, o viúvo de Ana demandou pelo desaparecido para lhe passar a prole. Buscou notícias com Simeão José, que ofereceu guarida para os irmãos uterinos, pois o tutor de ambos garantia que feneceria. Todavia, Mateus divulgou que tinha um dever a cumprir: fazer com que a descendência do aparentado junto a ele aportasse. Logrou, então, do carpinteiro de Belém o paradeiro do sobrinho.

3/392 O herdeiro de Jacó ao avistar seu primogênito, intuindo que ele se manifestaria com agressividade, antecipou-se:

---

[86] **Estaca:** onde amarravam quem receberia os açoites em praça pública. A de José, segundo Elias, era Judas.

3/393 - “Não fales nada de que venhas a te arrepender mais tarde. Procura conhecer os compromissos de cada um para depois falares o que sabes, ou o que tens no teu interior que conheces. Falo que não sabes por que tive que te deixar.”

3/394 Abarcando que Judas reagiria às suas palavras, mais enérgico se fez:

3/395 - “Espera a minha pessoa te falar, depois julga, se quiseres. Não te dei-xei por meu querer, foi necessário.”

3/396 Incisivo, complementou, encerrando o assunto:

3/397 - “Falo que sou teu protetor. Tens respeito para com a minha pessoa, não? Pois tenho para com a tua. Vamos a Nazaré, e lá darás à tua vida a direção que quiseres.”

3/398 O informado ser dídimo em nada se agradou. Surpreendentemente, porém, aquietou-se, justo ele que sempre retrucava seus colocutores.

3/399 Marta, que desde a entrada do pai conservava-se prazenteira em revê-lo, nada captou da repreensão. Ao notar sua presença, José admitiu que também reclamaria; contudo, ao perceber seu majestoso sorriso, pediu-lhe um abraço, ocasionando na garota passageira letargia em virtude de não ignorar ser inabitual as filhas enlaçarem o genitor. Esse, entretentes, afetuosamente sentenciou que invalidavam a tradição, pleiteando ao cônjuge de Jarred, que permanecia no ambiente, abono aos seus vocábulos.

3/400 A conduta do amigo ensejou refreada felicidade a Elias, além de que sua suspeita concernente à declarada gêmea se concretizara: ela realmente era meiga, educada e acatada, o tipo de filha que proporcionava apenas contentamento, e em muito cooperaria com Maria no zelar dos de parcas primaveras. Em divergência a cristalina conclusão, Judas decretou que o proceder do costumeiramente ausente mantenedor transformaria a, para ele, gerada no mesmo ventre, em uma adúltera; no entanto, ressabiado, nada glosou.

3/401 Alcançada a confirmação de que os recém-chegados eram os anunciados pelo Senhor, o rabino, deixando o unigênito de Jacó proseando, com dificuldades, foi certo, com seu primogênito, conduziu o último fruto de Sara até os irmãos consanguíneos.

3/402 Ao conhecê-los, a jovem se encantou. Com Tiago, carinhosamente comentou que parecia ele mais um filhote de carneiro, de muito minúsculo que era, mas que conseguiria embalá-lo; a Verônica, que se mostrava calada, asseverou que não possibilitaria que Judas ficasse muito junto dela, senão a faria executar suas tarefas. João a inquiriu sobre a mãe e Jeremias.

3/403 - “Aquele que é nosso protetor quer que todos falem José”, salientou a professora, cientificada, não nos detalhes, do ocorrido.

3/404 Afagando-lhe as mãos, exprimiu-se:

3/405 - “Vou cuidar da tua pessoa; depois, vou ter uma conversa com aquele que é nosso protetor. Peço ao Senhor que ele me ouça.”

3/406 - “Falo que aquele que é nosso protetor vai ouvir. Ele ouve tudo, até quando vou pegar pão”, noticiou o menino.

3/407 João fez com que a bonita moça, com ternura, explicasse-lhe:

3/408 - “Aquele que é nosso protetor não ouve, ele vê quando buscas o pão.”

3/409 Após providenciar o jantar para as três crianças, avisou que logo voltaria. Dirigiu-se à sinagoga confabulando com Deus:

3/410 - “Sei que o Senhor é homem, mas não quero mal ao Senhor. É que vejo todas aquelas do meu povo que são entregues aos homens nas colheitas aparecerem com os olhos pretos e, às vezes, com os dentes quebrados. Se ficarei com os olhos pretos e com os dentes quebrados quando tiver um companheiro, prefiro cuidar daqueles que vieram depois de mim. Se é para ser escrava de um homem, que a minha pessoa seja escrava daqueles que são da minha família. Aceito ficar as noites na estrebaria com os animais, mas peço ao Senhor que não permita que aquele que é meu protetor queira que me una. Falo que não quero, mas se for da Sua vontade, aceitarei. Fico grata por me ouvir.”

3/411 Ao chegar, testemunhou quem viera ao mundo primeiramente que ela, de convicção geral, levantar a voz para o genitor; todavia, ao notá-la, furioso se arredou do recinto. Aflita por desconhecer qual o posicionamento do pai em relação ao tema que lhe causava profundo desespero íntimo, extremamente receosa pela resposta que obteria dele, não atentou para a presença de Elias, que se conservava distante. O protetor Mateus, como ela chamava o avô por adoção, e Judas apregoavam que possuía idade para que lhe impusessem um marido. Mesmo inteirada da praxe entre seus compatriotas, não suportaria um dono. Amargurada, perguntou ao institucionalizado decisor de seus dias futuros, postado à sua frente, se poderiam dialogar, conquistando o consentimento.

3/412 O afastado havia muito, ao tocar na filha, percebeu-a gélida. Indagou se estava atemorizada.

3/413 - “Como sabes que estou com medo da tua pessoa?”, manifestou-se Marta, ruborizada.

3/414 - “Falo que tuas mãos estão frias e a tremer. Se não é por medo de mim, de que pode ser?”

3/415 Depositando fé no, então, de fato mantenedor, narrou sua angústia intensa:

3/416 - “Judas e Mateus estão a falar que está na hora da minha pessoa ter um companheiro. Não quero que me façam ficar comprometida, não quero me unir. Há mulheres em Nazaré que, depois que seus protetores deixaram elas compro-

metidas, nunca mais sorriram ou falaram com uma só pessoa; outras, depois que se uniram, seus companheiros cortaram suas línguas”, não terminando, pois as lágrimas se fizeram fartas.

3/417 Ante o pranto compulsivo da bela hebreia, o varão sentenciou:

3/418 - “Não é o costume daqueles que são de nossa gente, mas só te unirás com aquele que gostares. Tenho colheitas para saber que eleger um companheiro para uma mulher não é o certo. Não vou obrigar que te unas a homem algum, nem Verônica, mas não tragas vergonha para o teu protetor, para o meu protetor e nem para aqueles que vieram antes e depois da tua pessoa.”

3/419 Confortando a garota, complementou:

3/420 - “Não chores, não tenhas medo de teu protetor, que é teu amigo, não teu inimigo”, propiciando satisfação à graciosa filha.

3/421 O esposo de Jarred, surpreso com o que escutara, proclamou ao herdeiro de Jacó após a adolescente retirar-se:

3/422 - “Nunca tive no meu interior que farias com uma mulher o que fizeste com esta tua protegida. Falo que já está na hora de mudarmos o costume de entregarmos nossas protegidas como se fossem fêmeas para aumentar o rebanho. Se a minha pessoa tivesse uma protegida, faria da mesma forma que fizeste. Sei que é como o Senhor espera que façamos, que respeitemos a todos.”

3/423 Na rústica residência do arabi, a aliviada Marta meditava sobre como poderiam retornar a Nazaré, pois as sendas percorridas eram cansativas e as feridas de José não estavam nada boas; no entanto, não opinaria, embora seu genitor fosse diferente dos outros. Executando suas tarefas, analisava:

3/424 - “Elias é um homem de sabedoria, sabe de tudo antes de acontecer. Deve ser porque veio há muito tempo neste mundo. Falam que, com o passar das colheitas, se tem a sabedoria do Senhor. Será que as mulheres ficam com sabedoria? Não devo ter no meu interior que as mulheres ficam com sabedoria, mas devo deixar pronta as outras crias de Maria para voltarmos a Nazaré.”

3/425 Por imperar a tranquilidade, prosseguiu:

3/426 - “Maria já deve estar a chegar a Nazaré. Se o protetor Mateus não estivesse tão doente, não necessitaríamos ter saído de Nazaré. O que será de Judas, que está a falar que, ao chegarmos em nossa moradia, não mais vai obedecer o protetor Mateus e José? Judas está a falar que, se com um protetor não se consegue ter liberdade para ir por outros caminhos, quanto mais com dois protetores. Ele falou que não vai trabalhar a terra e nem ser carpinteiro; que quer fazer o melhor para obter respeito de todos por onde passar; que quer ter escravos e não ser escravo. Falou que todos aqueles que são de minha gente têm nos seus interiores que são livres, mas Herodes Antipas vem e leva tudo o que produzem. Falou que Herodes Antipas deixa um pouco só para que não percam

suas vidas por ausência de pão, porque, se perderem a vida, não terá aquele que irá trabalhar a terra.”

3/427 Não pôde continuar, porque foi abruptamente interrompida pelo irmão, que, reclamando do pai em alto tom vocal, irrompeu no ambiente:

3/428 - “Não quero e não vou trabalhar a terra para Herodes Antipas, nem fazer bancos, como seu escravo. Quero é viver junto dele e não a fugir dele. Já tenho colheitas para fazer o que quero e não vou ficar a me esconder, como José e Maria. Não tenho culpa se querem tirar a vida daquele que foi chamado Jesus.”

3/429 Mostrando para Marta a túnica de hebreu que tinha sobre o corpo, concluiu:

3/430 - “Já em Nazaré, a minha pessoa não falava com os da raça inferior. A minha pessoa se nega a ser um deles. Quero estar junto de Herodes Antipas, e, se der certo, governar no posto dele. Não quero seguir com José e ficar sempre a me esconder.”

3/431 Retirou-se sem mais nada proferir, ocasionando à sua informada gêmea tristeza com os duríssimos verbos.

## 3-3.1

3/432 O herdeiro de Jacó ansiava partir imediatamente; todavia, Elias lhe solicitou que ficasse mais alguns dias, para colaborar na construção de uma tulla, não para lidar com a madeira, mas para ensinar aos que com ela labutariam. Penhorado a quem o acolhera na extremada dificuldade, dispôs-se a demorar-se em Hiatta até a vindoura mudança de lua, em 19 de Agosto, quando a minguante seria substituída.

3/433 Não aceitando retornar a Nazaré para, então, decidir o que fazer, como lhe proposto, Judas partiu em uma das caravanas de mercadores que atravessou Hiatta, sem cientificar os seus, pois tinha aniversários para escolher o que buscava. Antes de o, para os da época, varão imprimir outra diretriz à sua vivência, Mateus, captando a intenção de quem sobejamente conhecia, procurou pelo sobrinho e lhe aconselhou a compelir o rapaz a secundá-los.

3/434 - “Judas só vai nos retardar. Deixei Marta livre para eleger o seu companheiro, por que iria obrigar Judas a ficar? O Senhor nos conduzirá para onde formos, no que confio. Viste o que aconteceu quando não confiei no Senhor?”, articulou o experiente genitor.

3/435 Após a inicial conversa com o rabino, o viúvo de Ana, percebendo-se útil e que careciam dele, como que por encanto, esbanjava saúde e entusiasmo. Notando-o com disposição jovial, Elias não se conteve:

3/436 - “É só sentirmos que somos necessários que as nossas mazelas somem. Falo que chegaste quase sem vida e estás até a vigiar o novo depósito.”

3/437 Com três camelos e quatro asnos, em 23 de Agosto de 1 a.C., Mateus, José, Marta, João, Verônica e Tiago partiram de Hiatta com destino a Jope, para se toparem com Maria e os garotos, vilarejo do qual rumariam para Nazaré, conforme orientação recebida.

3/438 A caminhada transcorreu sem maiores obstáculos, a não ser por dois assaltantes que o cultivador de melões afugentou propagandeando que as quemaduras do colega de viagem eram a moléstia que fazia apodrecer vivo os que a contraíssem. O pseudoleproso resmungou com a providencial ideia do tio, que lhe indagou:

3/439 - “Queres ver Maria e as crias? Falo que a minha pessoa quer. É bom que os saqueadores anunciem a todos, porque Marta é muito bela e não queremos que ela seja levada por um desses hebreus que não têm em seu interior as Leis do Senhor.”

3/440 A filha de Sara, com suas atitudes, ficou marcada na mente do cônjuge de Jarred, que faleceria passados seis meses, pois teve ele a certeza de ser a considerada pronta para o casamento distinta das demais com as mesmas primaveras, além de meiguíssima, sabedora de suas vontades, inteligente e inventiva. Relembrou-se de quando ela colocou trigo debaixo de uma pedra ovalada, transformando-a em uma espécie de gangorra, propiciando aos de tenra idade brincarrem prazerosamente. Enquanto preparava a alimentação, a petizada se divertia e moía os grãos, ficando ao mesmo tempo sob sua supervisão.

## 3-3.2

3/441 Maria, Abigail, o pequeno José, o menino Mateus e Alfeu andavam havia quatro dias desde que se ausentaram de Rafá, quando dois dos de sua gente, que não distante deles seguiam idêntico norte e que o responsável pela jornada não atentara onde principiara, pleitearam autorização para se agruparem ao quinteto. O caravaneiro aquiesceu, visto que observara serem tementes ao Senhor e que faziam orações, como ditava o costume dos dominados.

3/442 O que aparentava ser o mais velho, desassossegado e calado, manifestou-se somente para noticiar o nome e demandar para se juntarem; o outro, que afirmava ser tecelão de profissão, comentou que procuravam uma gleba para plantarem que ficasse à léguas dos Herodes.

3/443 Não era hábito entre os subjugados terem denominação que se ligassem a doenças, mas o preocupado varão era exceção à regra. Alfeu, curiosíssimo, interrogou-se:

3/444 - “Por que esse homem é chamado Pústula? Será que pegou as chagas, elas deixaram seu corpo e agora se chama Pústula? Não é nada bom perguntar. Já aquele que está junto dele não parece gostar de trabalhar a terra. Fala ser chamado Simão, e os chamados Simão só combinam com aqueles que têm muitas colheitas, mas, se não se é chamado Simão quando se tem poucas colheitas, não pode ser chamado Simão quando se tem muitas colheitas.”

### 3-3.3

3/445 Antes de se aproximarem de Gaza, o timoneiro foi até Maria e lhe avisou que parariam na residência da irmã. Ela, que nada questionara até então, proferiu:

3/446 - “Aquele que veio da mesma proteção que a tua pessoa não tem moradia em Jope? Ouvi o rabino Elias falar que ela estava em Jope, não em Gaza. Não quero falar que não estás a falar a verdade, nem o que é para fazeres, só estou a perguntar, se quiseres dar a resposta. Sei que não devo falar como conduzir tua caravana e peço perdão por te dirigir a palavra.”

3/447 Abarcando que sua interlocutora tremia, Alfeu articulou:

3/448 - “Sei que não queres dar a direção do que devo fazer. Não fiques inquieta, é só uma mulher que conheci quando estava junto do rabino Elias e que ficou da minha família. Falo que o rabino Elias encontrou ela no caminho de Azoto, junto de uma mulher que estava quase sem vida, e trouxe ela para Gaza. Aquele que deu a vida a ela deixou este mundo, era uma ...”, interrompendo sua explanação.

3/449 Receoso, postulou a çapula de Joaquim licença para concluir:

3/450 - “Se me permitires falar o que a mulher era, falarei, senão, não me farás perguntas a respeito daquela que veio depois de mim. Não era bela a vida que levava aquela que carregou ela no ventre e que pediu ao rabino Elias que desse uma outra vida para a sua cria.”

3/451 Sentindo franqueza nos vocábulos pronunciados, Maria lhe poupou da embaraçosa situação:

3/452 - “Não necessita falar mais nada. É do meu conhecimento a vida que ela levava. Fui julgada e condenada pelo que não queres falar.”

3/453 - “Ainda bem que entendeste. Se um homem me ouvir falar da vida dessas mulheres para a tua pessoa, sei que pedras serão lançadas contra mim.”

3/454 Tranquilizou-o a gerada por Ana:

3/455 - “A tua pessoa e aquela que é da tua família estão protegidos. Não mais tenho no meu interior o que falaste.”

3/456 Também objetivando ser agradável não somente à futura anfitriã, de seu antropônimo a varoa desejou inteirar-se.

3/457 - “Zilá. Conheces o que falam aqueles que são de nossa gente sobre a criação do mundo? Não falam que uma das primeiras mulheres era chamada Zilá?”, informou-a o caravaneiro.

3/458 Ao chegarem a Gaza, despediram-se de Pústula e Simão e foram diretamente ao casebre da órfã quando bebê. Para Alfeu, nada mudara desde sua última estada. A jovem, sempre rodeada pela petizada, buscava água no poço repetindo as mesmas histórias concernentes ao seu povo. Logo que vislumbrou o irmão, correndo feito menina, foi para junto dele e o enlaçou carinhosamente. Abraço a quatro, pois ela apanhara em seu colo o pequeno José e Mateus.

3/459 - “Por onde tens caminhado que não passas por estes caminhos há várias luas?”, indagou ao experiente guia.

3/460 Olhando para Maria, que permanecia a estudá-la, antes que Alfeu se exprimisse, atestou:

3/461 - “Sentes a ausência de outras crias. São de teu ventre?”

3/462 O timoneiro repreendeu-a:

3/463 - “Falo que se te virem tentando ver o que vai no interior das pessoas, irão te lançar pedras por estar a injuriar a todos.”

3/464 A caçula de Joaquim pleiteou saber o embasamento para a lapidação. Esclarecendo-a, Alfeu realçou que exclusivamente os homens é que faziam profecias, não as do sexo feminino. Zilá, ainda contente, apenas fitou Abigail, absolutamente nada proferindo, e adentraram na moradia.

3/465 Maria constatou ser a moça, de fato, possuidora de comportamento diferenciado. A que fora salva da morte certa por Elias não possibilitou que as acompanhantes do irmão efetuassem nenhuma atividade, pois garantia que o descanso era imperioso e que as veredas que percorreriam seriam longas. Por um instante sequer deixou de ter em seus lábios um sorriso cativante, não demonstrando qualquer sinal de abatimento.

3/466 Por ser Zilá encantadora, a única morena de olhos verdes na Judeia, a esposa de José não abrangeu como ela não tinha se vinculado conjugalmente e arguiu ao caravaneiro o porquê. Dele não obteve manifestação verbal; contudo, o mesmo se dirigiu a uma rocha no fundo do cômodo que, para nós, fazia a função de porta. Retirada, deu visão a um ambiente escavado no barranco, repleto de rebentos e adolescentes paralíticos ou aleijados. A solitária benfeitora os recolhia pela região e deles zelava com alegria contagiante. Asseverou Maria que somente poderia ser Deus que estava junto da bondosa hebreia, que tinha fé Nele como nunca notara em outrem. Alfeu arrematou:

3/467 - “Vês que eles não têm como sair para nada.”

3/468 O prometido sentiu-se muito feliz na companhia de Zilá.

3/469 Demoraram-se em Gaza por três dias e, quando partiram, a trigueira graciosa lhes acenou até desaparecerem no horizonte.

3/470 Conversando sozinha em voz alta, a caçula de Joaquim nem percebeu seu primogênito se abeirar, por impressionada que ficara com Zilá. Interrogava-se com referência a fonte que lhe fornecia tamanha euforia.

3/471 - “Digo que vem do Pai”, respondeu-lhe o garoto.

3/472 - “Como vem do pai, se ela não conhece José?”, inquiriu a genitora, que, não raro, confundia-se.

3/473 - “Não é de José que digo. É Daquele que criou os campos, a grama verde. Digo de Deus, o criador de todo o universo, o Pai de todos nós.”

3/474 Maria ficou a meditar sobre o filho, que completara parcos nove aniversários:

3/475 - “Será que um anjo ensinou ao pequeno José as palavras que está a falar? Minha cria parece ter mais colheitas do que agora tem!”

***TERÁ DE VOLTA O BEM QUE FEZ QUEM DIVIDIR UM  
POUCO DO QUE TEM E NÃO SE ARREPENDER DO QUE DEU.***

veja 3/510

3/476 Estavam a um dia e meio de viagem de Ascalom quando ressurgiram Pústula e Simão, novamente sem que o caravaneiro os observasse com antecipação. Como depositava confiança neles, apenas anelou inteirar-se do destino da dupla.

3/477 - “Falo que estou a caminhar para Cafarmaum”, anunciou quem tinha o estranho nome.

3/478 Ante o comentário de Alfeu de que o vilarejo era distante, encerrou, resignado, o varão:

3/479 - “É que a minha pessoa queria ir a um lugar onde não se dessem tantas sementes pelos impostos, mas parece que os Herodes é que mandam em todas as terras. Para onde se vá, só se fala deles. O que quer que o Senhor tenha para mim não está nos lugares em que agora estive.”

3/480 Durante o deslocamento, os três hebreus foram se informando um acerca do outro. Simão tagarelou que possuía um casal de filhos, que sempre lhe questionavam a respeito do avô, que fenecera quando ele era bebê, divulgando ainda que tivera duas irmãs: uma que dele cuidara até quando moço, mas deixara o mundo; da segunda, desde menino nenhuma notícia obtivera. Igualando-se ao

seu escutador, que também não descendia de ninguém, salientou que seus herdeiros teriam, sim, o que dele difundir. O timoneiro, que atento em sua história permanecia, indagou-lhe:

3/481 - “Como é chamado o teu protegido?”

3/482 - “Para um homem que não tem passagens, como a minha pessoa, não é normal chamar meu protegido de como sou chamado?”

3/483 Ante a concordância de Alfeu e de uma sua pueril menção sobre a filha, quem evidenciava não ser agricultor arguiu:

3/484 - “Por que perguntas? Queres fazer parte da minha família?”

3/485 Verificando Simão a mudança de cor e a mudez imediata do caravaneiro, captou que o assunto matrimônio lhe causava agonia. Prontamente confortou-o:

3/486 - “Não te assustes. Falo que a minha protegida, como a tua pessoa, tem medo de se unir. Não sei o que está a acontecer: parece que todos os protetores não têm mais autoridade na própria família.”

3/487 Pústula, após ser repetidamente incentivado pelo amigo a expor sua vivência, apregou não ter muito o que relatar no tocante a seus antepassados, pois vinha de várias gerações de pestilentos, que viviam como animais nas cavernas dos montes. Esses, quando recebiam alimentos, jogado-lhes pelos da mesma linhagem que se mantinham ao largo, receosos de se avizinham, avançavam em direção a eles com desespero, não se importando se atirados nas pedras, na areia, muitos, buscavam-no com a boca em razão de não terem mais como segurá-los. Ante o sofrido testemunho, Alfeu, inconsequente, interrogou-o do porquê não ser enfermo. Sem detença, logrou como explicação:

3/488 - “Às vezes, um que tem as chagas se levanta dessa doença. Já tive três companheiras e todas se foram da mesma forma. Falo que tenho um protegido que não tem essa doença e logo estará a ir, como um asno que não mais quer leite.”

3/489 Apesar de garantir a si mesmo que nada inquiriria quanto ao motivo do esdrúxulo antropônimo do de sua gente, não dominando a bisbilhotice, o hábil líder de travessias não resistiu. O ex-leproso, cheio de si, com a pretensão em demonstrar que conhecia a região mais que o minúsculo guia, o que não era verdadeiro, narrou uma tradição entre os que contraíram a terrível moléstia:

3/490 - “Bem se sabe que não vens por estes caminhos. É que, quando se tem as chagas, se é chamado pelas chagas que se tem. É a maneira de todos ficarem a saber e não se misturarem.”

3/491 Consciente do pretérito e da tristeza que imperava no bravateador ao conversar com referência ao tema, Simão o interrompeu. Ao anunciar que o colega, também de marcha, compromissara-se com bonita hebreia, proporcionou-lhe alegria.

3/492 Então satisfeito, o liberto da hanseníase revelou:

3/493 - “E meu protegido foi chamado conforme o costume dos excluídos de onde veio.”

3/494 Alfeu, ainda mais interessado, proclamou:

3/495 - “Se te chamas Pústula, como é chamado o teu protegido?”

3/496 - “Falo que meu protegido é chamado Lázaro. Aí está um sinal que nem uma só pessoa deixa de ter.”

3/497 Locomoviam-se e paroleavam. O caravaneiro sentiu-se mais livre para exercitar sua curiosidade sobre os dois varões. O não mais tão calado viajante complementou o objetivo da jornada empreendida:

3/498 - “Tinha no meu interior que esses Herodes não estavam em todos os lugares que se vai. Quando em Cafarmaum saímos para recolher os peixes, muitas vezes, já se tem comandados deles a tomar os peixes. Pelo que vi, acontece o mesmo com o trigo que se planta.”

3/499 O terceiro colocutor imiscui-se, opinando:

3/500 - “E para todo o lugar a que se vai, se é escravo, queira ou não.”

3/501 Esperançoso, prosseguiu:

3/502 - “O Senhor falou para Pústula que é para voltarmos, porque enviou o Seu prometido com poderes jamais vistos e que irá necessitar de mim em Cafarmaum, e de Pústula. O Senhor falou para Pústula que o Seu prometido está muito perto, é só prestarmos atenção ao nosso redor. E agora estamos a voltar para Cafarmaum. Não é que não creio no Senhor, mas não pode ser a minha pessoa aquela que irá cuidar de Seu prometido: já tenho muitas colheitas, e Pústula só não está a perder pedaços de seu corpo porque não tem mais as chagas. A cada passo, Pústula quer uma sombra para descansar. Como podemos cuidar do Seu prometido?”

3/503 Alfeu, habituado ao calor do deserto, em segredo edificou seu juízo:

3/504 - “Esses dois homens devem estar doentes mesmo, não das chagas, mas porque o Sol fez mal a suas cabeças. Já estão até a falar com o Senhor. Nunca vi o Senhor aparecer e falar com mercadores. Sei que o Senhor só fala com rabinos e profetas. Falo que é melhor ficar longe deles, senão vou ver o Senhor, como eles, que só aparecem pela hora da ceia. Como manda nosso respeito para com aquele que chega dividir o pão, é o que faço, e eles aceitam todas as vezes. Sei que ainda vão falar que o Senhor mandou dar pão a todos aqueles que a minha pessoa encontrar pelo caminho.”

3/505 Concluindo, suplicou-Lhe:

3/506 - “Não que a minha pessoa não queira dar, mas se der o que ceiar a todo

aquele que encontrar, vou ficar sem pão, e todos aqueles que estão junto de mim. Será que estou em erro? Senhor, se fala com todos e está a me ouvir, fale com a minha pessoa.”

3/507 Ao terminar sua oração, notou o pequeno José a olhá-lo. Esse, mansamente, estimulou-o:

3/508 - “Digo para confiarmos Naquele que criou o céu, Naquele que fez a grama verde que alimenta o asno.”

3/509 Nada compreendendo, perguntou o caravaneiro o intuito do proferido.

3/510 - “Quando não tivermos pão para a ceia, digo para não turbarmos nossa mente, porque encontraremos irmãos que dividirão seus pães com as nossas pessoas. Dividirão seus pães porque um outro irmão dividiu os pães que tinha com eles quando tiveram fome. **Digo que todo aquele que souber dividir um pouco do que tem e não se arrepender do que deu, terá de volta o bem que fez.**”

3/511 A elucidação deixou o aluno com o raciocínio ainda mais desordenado:

3/512 - “Falaste que sou cria de um asno, não de uma mulher, e que mesmo sendo cria de um asno, o Senhor me alimenta?”

3/513 - “O que estou a te dizer é que o filho de um asno é um asno, que és filho de Deus antes de seres filho do homem.”

3/514 Alfeu continuou a não abarcar a aceção da assertiva. Reflexionou:

3/515 - “Primeiro fala que vim de um asno, depois, do Senhor; agora, que vim do homem. Nunca vi um homem ter cria. Não são as mulheres que têm crias? Essa cria é de poucas colheitas para saber como veio a este mundo, mas fala como se tivesse conhecimento.”

3/516 Sem que nada questionasse, foi orientado pelo mirrado interlocutor, que sorria, como se estivesse ciente de seus pensamentos:

3/517 - “Sei que não entendes o que te digo, mas chegará a hora em que todos conhecerão o caminho que conduz a Deus. Digo que nosso Pai mostrará a todos os Seus ensinamentos.”

3/518 Os vocábulos fizeram com que quem o guiava pelo inóspito território ponderasse:

3/519 - “É melhor chegarmos logo a um local com sombra. Até o pequeno José está a fazer confusão com as palavras. Vou pedir a todos que coloquem o manto na cabeça.”

3/520 Incontinênti, tornou a observar o ansiado libertador a sorrir; contudo, foi ele chamado pela mãe, o que encerrou o diálogo.

### 3-3.4

3/521 A caçula de Joaquim pleiteou ao primogênito que não se afastasse. O motivo guardou para si mesma: a presença de três indivíduos com vestimentas brancas lhe causava apreensão, pois, repentinamente, eram perceptíveis à sua visão e momentos após sumiam. Interrogava-se:

3/522 - “O que será que esses homens querem com o pequeno José, que muito conversa com todos eles?”

3/523 - “O pequeno José demonstra conhecer esses homens, mas onde foi que se juntaram a essa caravana que não vi?”

3/524 - “Como podem estar com túnicas tão claras? E por que Alfeu não foi conversar com eles, como faz com todos? Falo que esses homens devem conhecer Alfeu; se Alfeu conhece todos eles, não há o que temer. Mas não vi Alfeu falar com esses homens uma só vez!”

3/525 Mesmo acompanhada de Abigail, não compartilhava suas preocupações com ela, pois a calada hebreia não manifestava receptividade para escutá-la.

3/526 Maria era somente conjecturas e quase nada indagava ao timoneiro, muito menos aos dois agregados. Inquieta com o trio que alvamente se trajava, postulava sempre aos meninos que se mantivessem junto dela; porém, bastava desviar a atenção por um segundo para que o filho novamente paroleasse com os misteriosos forasteiros. Intrigada com os estranhos acontecimentos, prosseguiu se inquirindo:

3/527 - “Quando a minha pessoa estava na caravana dos egípcios, não dava para ver todas as faces e nem conservar no meu interior aqueles que chegavam ou saíam, eram muitos, mas aqui somos em duas mulheres, duas crias e três homens.”

3/528 Inopinadamente, ressurgiram os que ignorava a identidade. A consorte de José ratificou a soma:

3/529 - “Ou serão seis homens? Só sei que esses três homens não estavam na caminhada quando deixamos a moradia de Zilá.”

3/530 Para solucionar o impasse, garantiu-se:

3/531 - “Quando esses três homens estiverem com o pequeno José, perguntarei o que Abigail está a ver.”

3/532 Imediatamente, contra-argumentou:

3/533 - “E se Abigail perguntar o que estou a ver? Se a minha pessoa falar que estou a ver três homens e ela não, poderá ter em seu interior que estou doente da cabeça.”

3/534 Em sua mente, cruciante dúvida instalou-se:

3/535 - “E se esses homens forem anjos enviados pelo Senhor para cuidar da minha cria? Falo que vi meu anjo quando o pequeno José estava para vir ao mundo e sinto que ele voltou.”

3/536 Finalmente, decidiu como agir:

3/537 - “Agora sei como fazer para saber se Abigail vê esses homens: quando estiverem com o pequeno José, pedirei a ela que vá buscar a minha cria. Se Abigail falar que o pequeno José está a conversar com aqueles que têm túnicas claras, saberei que não são anjos; se ela não vir esses homens, saberei que são anjos e estão a cuidar da minha cria.”

3/538 Quando reunidos, procedeu conforme o planejado. A filha de Uzias, apesar de divisar algumas faixas além da vida de carne, nada observou. No mesmo instante da solicitação, trouxe-o pela mão. Quem ao nascer fora nomeado Jesus ficou a fitar Maria, como a arguir o porquê. Ela, encabulada, emudeceu. Ciente do que raciocinava a mãe, o garoto anunciou:

3/539 - “Digo que estou a aprender o que é para a minha pessoa fazer.”

3/540 A zelosa genitora, como as demais, asseverou que ele tinha apenas nove ceifas.

3/541 - “O meu corpo de carne é que tem a vivência que os teus olhos veem. Digo que o meu espírito, como o teu, está a passar pelos tempos a aprender.”

3/542 Por não compreendê-lo, questionou-lhe o significado do articulado.

3/543 - “Digo que não vim a esta morada plantar e colher o trigo, que vim resgatar compromissos de vivências passadas e trazer os ensinamentos de Deus a todos os povos, e quero que se multipliquem em todos os locais em que chegarem.”

3/544 - “Falo que palavras não sobrevivem aos tempos.”

3/545 - “*Digo que os ensinamentos de Deus sobreviverão aos tempos que estão por vir. Murallas, castelos e Templos cairão, mas os ensinamentos de nosso Pai permanecerão nesta morada para todo o sempre. Mesmo que os homens sigam por outros caminhos que não a prática dos ensinamentos de Deus, digo que eles um dia desistirão desses caminhos e verão que Aquele que nos mostra o caminho sem sofrimento é o Pai de todos nós.*”

3/546 - “Mas não vejo uma só pessoa a te proteger.”

3/547 Seu primogênito lhe lembrou que Deus não desampara nenhum de Seus filhos. Ela, então, confidenciou que tinha receio por continuamente se evadir.

3/548 - “Sei que estás a fugir por mim”, comentou o pequeno José, cômico da realidade.

3/549 Por sentir a ausência do marido, a matrona lamuriou-se:

3/550 - “Quando me uni a José, falei que nunca iria deixar a pessoa dele. Agora, aqui estou, longe de José.”

3/551 O atencioso menino, propositadamente, proclamou que o varonil ar-rimo garantira que não se separariam. Se porventura ocorresse, acharia-os, e ele jamais descumprira seus verbos, o que a acalmou. Ao repetir seu desassossego, foi elucidada:

3/552 - “Digo que José virá até nós, podes esperar.”

3/553 A caçula de Joaquim devaneou, e seu primogênito, inteirado da impossibilidade de não assimilar o que ela pensava, esforçou-se em mais apaziguá-la:

3/554 - “Digo que por algum tempo na vida de carne ficaremos distantes, mas não vais me perder. Depois desta vivência, nos encontraremos. Digo que só ficaremos um tempo sem nos vermos.”

3/555 Termos que Maria quase nada abrangeu, nem percebendo que o filho lhe respondia às íntimas indagações, e nelas prosseguiu:

3/556 - “O pequeno José fala palavras que nunca ouvi. Será que está a aprender tudo com o Senhor? Ou serão aqueles homens de túnicas claras que estão a ensinar ele? O pequeno José é pequeno só no tamanho, mas grande nos conhecimentos! Tudo o que está a falar é de um homem sábio.”

3/557 - “Se o pequeno José vem para libertar todos aqueles que são hebreus, por que querem tirar sua vida, se não fez mal a uma só pessoa? É só uma cria de poucas colheitas. Por que o Senhor não mandou um homem como aqueles de túnicas claras, que aparecem e desaparecem e que não podem ter a vida tirada?”

3/558 Envolvida em dúvidas, não se atentou que solitária ficara. Subitamente, escutou, não alcançando de onde o som provinha:

3/559 - “Digo que Deus nos mostra em Seus ensinamentos que podemos viver entre todos os males sem tomar parte neles, mesmo que nos deem condições de tomar parte neles, porque conhecemos o caminho que conduz a Ele. Digo que é só ignorarmos as alegrias passageiras da vida de carne que nos afastam de Deus que o mal passa e o bem fica.”

3/560 - “Mas como vou entender, se falas e não explicas o que falas?”, inquiriu a gerada por Ana à voz, mas não obteve retorno.

3/561 Procurando o filho com os olhos, vislumbrou-o a prostrar-se com os enviados por Deus. Novamente, fechou-se em reflexões e conclusões:

3/562 - “Sei que é o Senhor que está a ensinar o pequeno José porque os homens não têm tanta sabedoria. Só o Senhor sabe o que é bom para cada um.”

3/563 Após segundos, para si mesmo sentenciou:

3/564 - “É melhor nada mais ter no meu interior. Já estou a misturar as palavras com as muitas perguntas que fiz.”

3/565 Quando desacompanhada realizava sua prece costumeira, clamou ao único deus dos de seu povo:

3/566 - “Pai, como fala o pequeno José, não sei o que quer de mim, só sei que tenho medo do que está para acontecer. Sei que o pequeno José é o Seu prometido, mas não posso esquecer que me elegeram para ser aquela que carregou ele no ventre. Não conheço Suas leis, mas tenho a certeza de que tem o caminho para todos: peço que não permita que as minhas outras crias tenham que fugir destas Leis dos homens, Leis feitas com ódio por Lhe seguirmos. Senhor, sei que não devo temer pelo futuro deles, mas sabe que sou aquela que trouxe eles ao mundo e não aprendi a soltar minhas crias. Perdoe o meu erro, é que, às vezes, parece que estou muito só.”

3/567 Findada a súplica, interrogou-se:

3/568 - “Onde estarão José e as minhas outras crias, que não sabem, ainda, caminhar sós?”

***QUEM DIVIDE O QUE TEM SEM ESPERAR TER DE VOLTA O QUE REPARTIU, AMA SEU PRÓXIMO COMO DESEJA SER AMADO POR ELE.***

veja 3/575

## 3-3.5

3/569 Vagarosamente, o grupelho foi vencendo os obstáculos, restando a Maria somente observar:

3/570 - “Alfeu está a falar que estamos a chegar em mais um lugar. Será que todos deste lugar são de paz? Será que teremos que nos esconder ou necessitaremos sair sem fazer parada?”

3/571 - “Abigail está sempre calada. Ela não é de falar muito. Às vezes, vejo Abigail chorar e, quando pergunto a ela o porquê, me fala que sente a ausência do seu protetor. Sei que não é fácil perder aquele que se gosta: a dor não passa. Ainda tenho a dor de ver Joaquim naquela cruz.”

3/572 - “Agora vejo Alfeu mais confiante, porque tem os dois homens para conversar. Parece que ele não para de fazer perguntas a Simão e a Pústula. Falo que os dois homens já estão a se afastar um pouco dele. Sei que nem todos gostam de ficar a responder perguntas a todo momento.”

3/573 - “Outra vez Alfeu fala que estamos a fazer parada para deixar os camelos e asnos nas pastagens e para que recolhamos nossas ânforas com água. Alfeu pergunta se queremos fazer trocas: trocar o que, se só temos trigo e lã? Abigail falou a Alfeu que tem dois mantos que poderiam ser trocados por raízes e pães. Como essa donzela consegue trabalhar a lã e caminhar? As paradas são tão poucas. Não é fácil trabalhar a lã parada; caminhando, ainda é mais difícil. Essa donzela trabalha bem a lã e não será difícil trocar os mantos, de tão bem feitos que são.”

3/574 - “Ouvi falar que nossa outra parada é em Jâmnia. Já fizemos tantas paradas que nem sei há quanto tempo estamos a caminhar: só vejo a noite chegar e o Sol aparecer outra vez. Tem lugares em que Alfeu só faz parada para dar água e palha de trigo aos asnos. E quando encontramos poços secos? Ao jogar a ânfora e vir só areia, tenho no meu interior que não vamos conseguir chegar onde queremos.”

3/575 - “Vejo várias caravanas de mercadores a passar. Alguns saqueiam o pouco de raízes que temos, mas, confiantes no Senhor, sempre encontramos um daqueles que são de nossa gente que divide o pouco que tem. O pequeno José falou que **‘todo aquele que ama seu irmão divide o que tem sem esperar ter de volta o que deu’**. De onde vem a sabedoria de minha cria, que sempre tem no seu interior as palavras certas?”

3/576 - “Alfeu falou que estamos a ficar cada vez mais perto de Jâmnia, onde iremos ficar só uma noite, e que irá pedir permissão para estacionar, porque não se deve parar sem ter ordem daquele que no lugar tem mais colheitas.”

3/577 - “Minha cria sempre está a falar com todos, como se já tivesse visto as suas faces, sabe até como são chamados alguns dos moradores dos lugares em que chegamos.”

3/578 - “Quando é chegada a hora da ceia, o pequeno José pede a todos que venham conversar com o Senhor. Se alguma pessoa fica longe, sorridente ele pede ‘para que não fiquemos longe de nosso Pai, que não se consegue esconder nada Dele, mesmo que não se converse com Ele’. Minha cria ainda fala que ‘o nosso Pai tem conhecimento do que necessitamos, mas, que se conversarmos com Ele, verá que estamos a saber de Sua existência; que é só praticarmos os ensinamentos de Deus para estarmos no caminho que conduz a Ele; que só fica nas trevas da ignorância da existência de nosso Pai aquele que não quer conhecer os Seus ensinamentos’.”

3/579 - “A minha cria está a falar a todos que querem estar no caminho que conduz ao Senhor como conversar com Ele: ‘Pai, criador de todo o universo, fizeste a luz do Sol para que o homem não caminhe nas sombras e fizeste a noite, para que ele soubesse a hora do descanso. Pai, se não separasses o dia da noite, o homem deixaria sua vivência antes da colheita; se não separasses a noite do dia, ele dormiria sempre na própria ignorância. Fico grato a Ti, Pai, por estarmos juntos’. Vejo Alfeu, Pústula e Simão se olharem e perguntarem entre si sobre aquele que ensinou o pequeno José a fazer a oração, e minha cria responder, sem ser perguntada: ‘foi o enviado por Deus’. Alfeu não entendeu o que a minha cria falou, e afirmou que não viu ele falar com nem uma pessoa que não conhecesse. Sei sobre aqueles que o pequeno José fala, os homens que estão o tempo todo junto dele.”

3/580 - “Alfeu fala que à nossa frente segue uma caravana que vem de Gibetom, lugar onde, entre eles, estão a tirar a vida uns dos outros, e que só não

sabe se são doentes ou escravos em fuga. Parece que estão a mudar. Há famílias inteiras, crias, carneiros e asnos. As mulheres estão com as vestes rasgadas e demonstram serem sofridas. São todos muito diferentes. O homem tem a face de um rabino entre aqueles que são de minha gente, e fica a gritar uma oração muito estranha, que repete por todo o tempo que caminham. Ele fala estar grato aos prometidos quando se movem junto dos montes sagrados. Mas de que prometidos ele está a falar? Pede Alfeu para que a minha pessoa e Abigail não nos mostremos, e sei o porquê: como aquela caravana tem mais homens que a nossa, Alfeu tem medo de que venham e nos levem. Pústula se oferece para ver se são doentes, porque já teve a doença. Se forem, não irá ficar, outra vez, doente. Sei que depois que as chagas secam, não se fica mais possuído por elas. Aqueles que são de Gibetom expulsaram Pústula e chamaram ele de possuído pelas forças do mal. Por que será que não querem nos deixar passar? Quando Alfeu desvia, se desviam e não deixam aqueles que estão a vir seguirem. Demonstram querer discórdia, mas Alfeu é de discórdia? Vamos esperar a noite passar onde estamos, fala Alfeu, para ver se eles entendem que não queremos discórdia e nem responder aos seus insultos. Será que nos deixarão em paz e seguirão o caminho deles? É noite, ouço gritos. Passa no meu interior que o pequeno José está em oração: chamei por ele várias vezes e ele não se mexeu. Continua assentado com os olhos fechados, como passou a noite toda. Quando acordou, logo ao aparecer do Sol, falou a Alfeu que iria falar com aquele homem que estava a gritar o tempo todo. Alfeu não quis deixar ele ir, por ser ainda uma cria de poucas colheitas, com o que concordei, mas não conseguiu impedir, mesmo ao falar que Pústula, que era grande, eles ouviram. Falou o pequeno José: ‘se tamanho impusesse respeito, o camelo é que estaria a comandar, e as nossas pessoas é que iriam carregar as cargas; que Deus nos deu tamanho pequeno, mas inteligência para vencermos as dificuldades da nossa vida’. Quando Alfeu insistiu e falou que minha cria era pequena, igual ao que era chamado, minha cria respondeu ‘que Deus nos criou para sermos pequenos, não para sermos valentes e vitoriosos nas batalhas da vida de carne’. Parece que Alfeu não entendeu, porque falou que não queria brigar com a carne sem vida. Ante o pedido de explicação, minha cria falou palavras que não entendi: ‘deixemos de ver só com os olhos para percebermos ao nosso redor. Aquele que nos deu vivência, Aquele que criou o céu, a Terra e tudo o que nela vive. Tenhamos na mente um Ser maior do que podemos imaginar: esse Ser sabe de tudo antes de acontecer e está a olhar para nós neste instante. Como a tua pessoa e a minha, somos todos Sua criação, somos Seus filhos’. Antes de o pequeno José ir falar com aquele homem que faz orações estranhas, falou que eram nossos irmãos que ainda não haviam ouvido falar de nosso Pai. Vejo o pequeno José a falar com o homem que se assemelha ao nosso rabino, e todos ficaram a olhar para a minha cria. Alfeu, que foi junto, falou as palavras da minha cria: ‘sei que estás a conduzir essas pessoas e para onde quer que vás, não serás aceito, não terás paz e nem pão. Mesmo que tenhas, ainda estarás a procurar. Se estás perdido, não perdido no deserto, mas dentro da tua própria pessoa, tens que resgatar tua miséria,

não da moradia onde estás a viver, mas aquela que te ocupa’. Após as palavras do pequeno José, o homem que queria tirar a vida de todo aquele que passasse por sua frente, pediu para minha cria que se assentasse na rocha em que estava, e ficaram a conversar, até que começou a beijar sua mão e veio para junto da nossa caravana. O que será que a minha cria fez? Quando perguntei, falou que só havia mostrado àquele irmão um outro caminho. O homem que fazia orações estranhas falou que, por a minha cria ser de poucas colheitas, não poderia ter tanta sabedoria, que só poderia estar a vir daquele deus de que falava. Alguns daqueles que estavam com ele não vieram com a nossa caravana, seguiram outro caminho, mas a maior parte irá até Jope. Alfeu, ao ouvir do pequeno José que iriam caminhar junto das nossas pessoas só até Jope, que não seguiriam para Nazaré, ficou feliz por não ter que dar pão a todos. Alfeu afirmou que gostava das pessoas, mas aqueles que em sua caravana estavam tinham que ser alimentados, e os animais que trouxera para trocar por pão e água não daria para todos. Falou o pequeno José a Alfeu, o que me deixou muito alegre, e deixou Alfeu com vergonha: ‘não damos por perdido o que ainda não temos. Em Jope, encontraremos José, meu pai na vida de carne, e ele trará pão que Marta fez. Podes dar o que temos a eles. Não sabias de José e estavas a te preocupar com todos nós. Fica em paz, essa tua preocupação é normal no homem’.”

### 3-3.6

3/581 Noticiada sobre o consorte, Maria contava os minutos, quase não dormia somente para ver o advento de um novo dia. Ela, que praticamente nada parolera com o competente timoneiro, a cada vinte passos, inquiria-o se restava muito para chegarem. O nanico hebreu, que se sentia responsável por ela e descobrira havia escasso tempo que possuía um esposo, projetou o quão penoso teriam sido seus últimos meses, afastada dos demais de sua prole. Por ser solteiro, não tinha condições de conhecer o contentamento de rever um filho, mas, pela ventura estampada no rosto de quem velava, supôs como seria.

3/582 Conforme seus termos, por uma luz do Senhor divisou que não guiava apenas uma varoa com seus meninos. Abarcou, então, a causa de Elias lhe ter solicitado zelo extremado para com eles. Pelos fatos que presenciou, suspeitou que o pequeno José, muito sábio para ser uma simples criança, poderia ser o almejado redentor. Não satisfeito com a pseudodúvida, ao vê-lo se aproximar, interrogou-o sem rodeios:

3/583 - “És aquele que foi prometido aos profetas?”

3/584 - “Digo que, como a tua pessoa, sou um dos enviados por Deus a esta morada.”

3/585 - “Vieste do próprio Senhor?”

3/586 - “Por sermos criação de Deus, digo que todos nós viemos Dele.”

3/587 Não compreendendo o proferido, e anelando ter abonada sua conclusão, insistiu Alfeu:

3/588 - “Vieste direto do Senhor sem passar pelo ventre de uma mulher?”

3/589 - “Digo que todo aquele que tem um corpo de carne veio do ventre de uma mulher. Se não viermos do ventre de uma mulher, não teremos um corpo de carne. Digo que vim a esta morada como a tua pessoa, e quando não mais estivermos na vida de carne, não mais necessitaremos do corpo que agora temos.”

3/590 Orientação dada, aguardou que indagações fossem efetuadas. Por nada atinar, o caravaneiro não as articulou, o porquê de ver o garoto ao qual se afeiçoava se retirar para junto da genitora.

### 3-3.7

3/591 Avizinhava-se às dezesseis horas, o Sol ainda se exibia forte e ostentavam exaustão devido à jornada do dia, quando Alfeu resolveu que se refariam em uma espécie de caverna, cavada que fora por mãos humanas em um barranco, pois pouco distava para aportarem em Jope. Como acabara o líquido essencial à vida, saiu a procurar por uma cisterna que não estivesse seca.

3/592 Maria, como costumeiro, ficou a meditar. O pequeno José, consciente do que ela pensava, atestou que eram dirigidos a ele.

3/593 - “Passa no meu interior que um dia serás um homem”, exprimiu-se a caçula de Joaquim, que lhe questionou se a entendera.

3/594 - “A tua pessoa irá me deixar? Vou te perder quando fores um homem?”, complementou.

3/595 - “Digo que é o que todas as mães temem: que seus filhos se transformem em homens e mulheres, e elas os percam.”

3/596 Com imenso carinho, lembrou-a do que lhe garantira:

3/597 - “Outra vez, digo que não vais me perder.”

3/598 Ao escutá-lo, lamentou-se:

3/599 - “Falo que os dias que estão por vir serão difíceis. O que haverá neles?”

3/600 - “Digo que há muito por fazer por esses caminhos, onde há irmãos que não conhecem os ensinamentos de Deus. Digo que todo aquele que vier até mim os encontrará.”

3/601 - “São palavras belas. Conheço aquele que falou essas palavras para a tua pessoa?”

3/602 - “Foi o homem da Galileia.”

3/603 - “Não vi nem um só homem que é da Galileia”, e não prosseguiu a palestra porque se aproximaram, pela retaguarda, um grupo de varões com lanças.

3/604 Bastava terem armas ou demonstrarem autoridade para serem identificados como comandados dos Herodes. Imediatamente, aprisionaram-lhes e ordenaram, sem explicação, que os acompanhassem. Os protestos de Pústula de que não eram escravos de nada valeram.

3/605 Sob escolta, deslocaram-se até uma grosseira construção na entrada de Jope e nela foram encarcerados. As matronas e seus filhos ficaram separadas das solteiras, porém perto umas das outras, e os homens, em espaço mais recuado.

3/606 O timoneiro, após ter achado o poço e enchido três ânforas com água, retornou a área em que, pela sua concepção, os que transportava estariam em segurança, ainda para constatar que eram retidos. De uma prudente extensão os seguiu, até que foi lobrigado quando praticamente chegavam em Jope, sendo igualmente detido. Por ter sido capturado longe dos demais, não chamou a atenção dos três que o caçavam, pois um conceituado guia sempre se mantinha junto dos que conduzia. Desse modo, não cogitaram ser o nanico hebreu o responsável. Tampouco Ezequias o reparou, porque, além de usar um turbante, o que não portava quando com ele na praça do mercado de Rafá, estava hiperempoeirado e com a túnica em farrapos. Por anuir que, se mancasse, revelaria-se, andou o mais normal possível. Como os da turba evidenciavam esgotamento e os pés sangravam, o que coxeou não despertou interesse.

3/607 O negrume da noite imperava, e a desesperada Abigail, ignorando por que haviam sido impedidos, perguntou o que seria deles a Maria. Essa, salientou sua incapacidade de prever e, por estarem em Jope, também se lamuriou:

3/608 - “Agora, como vou encontrar José? Não nos falam nada, ficam o tempo todo a olhar para as nossas faces como se estivessem à procura de alguma pessoa. Ficaram com todos os nossos animais”, cessando a conferência com a protegida de Uzias, que muito pranteava, pois surgiram dois indivíduos secundados por quem montava guarda.

3/609 A vinda de Ana, tomada de surpresa, pois suspeitou que a um distinguia, foi intimada:

3/610 - “Vem, mulher, e todos os teus.”

3/611 Sobressaltada, puxou ainda mais os dois pequenos para junto de si e calados foram comboiados até o local no qual estavam os do sexo masculino. Outra vez, o varão que capitaneava quem julgou que identificara, abalizando o caravaneiro, Pústula e Simão, determinou à sentinela pronta soltura dos três.

3/612 Quem como tarefa vigiava os cativos apregoou que se retirassem rapidamente. Sem detença, os seis abandonaram o recinto sem absolutamente nada levarem. Somente perceberam a ausência de Abigail quando fora do degradante sítio, pois a viram chegar correndo, segundo glosou Alfeu, desnorteada como a um carneiro desmamado e derramando lágrimas em profusão, como jamais vira. Atônito, indagou acerca da fonte da qual provinha a extremada quantidade da alcalina secreção. Não manifestando seu descontentamento com o inoportuno comentário, Maria lhe explanou que ela continuava assustada.

3/613 Quanto aos demais que se adicionaram ao diminuto grupo, na totalidade permaneceram enclausurados.

3/614 O líder de travessias, a caçula de Joaquim, o aspirado redentor, o último fruto de Ana, a transtornada sobrinha de Isaías, o ex-leproso e seu escudeiro seguiram para o programado destino no vilarejo, mas não pelo caminho principal, apavorados com a probabilidade de os asseclas dos Herodes mudarem de ideia sobre suas liberações. Analisava Alfeu o acontecido, objetivando responder suas secretas inquiuições:

3/615 - “Ouvi aqueles comandados, que não sei de onde vieram, falar em tirar a vida de todos. De repente, apareceram dois homens, não sei de onde, como se já me conhecessem e ordenaram que me libertassem, e os dois que estavam com a minha pessoa. Nunca vi a face deles. De onde me conhecem? Como deixaram Maria, as duas crias e Abigail livres? Maria e as crias até que entendo, mas Abigail, uma mulher? Quando encontram uma mulher como ela, bem, nem é bom imaginar, e foram os mesmos homens que me libertaram que mandaram libertar elas. Sei que foi o Senhor que veio ao meu encontro, porque a minha pessoa não tinha como sair sem ajuda.”

3/616 Deslocando-se mais alguns passos, parou e propôs que orassem ao Senhor em agradecimento. Pústula se ofereceu para a efetuar:

3/617 - “Estou grato aos anjos do Senhor que não vejo por nos livrar de perder a vida nas mãos daqueles que ainda não conhecem o Senhor, mas tenho a certeza de que irão conhecer. Que a minha pessoa e aqueles que são de minha família aprendam a ficar gratos e a mais confiar no Senhor do que pedir. Falo que o Senhor não abre onde estamos encerrados, mas envia Seus anjos que nos libertam, porque sabe a hora da verdade de cada um. Fico grato por me ouvir, Senhor.”

3/618 Findada, retomaram silenciosamente a jornada. O nanico guia mergulhou novamente em ponderações. Observando quem ao nascer recebera o nome Jesus junto da genitora, colocou-se perto de ambos, sentenciando para si mesmo:

3/619 - “O pequeno José não falou uma só palavra desde que fomos encerrados. Nem foi notado, ao contrário de Mateus, que chora quando está com fome, com frio ou cansado. Falo que o pequeno José é forte, igual madeira de cruz.”

3/620 Incontinênti, atentou para o meigo olhar que o menino lhe dirigiu quando pensou no instrumento de martírio, um tronco de carvalho.

3/621 Maria meditava, não compreendendo o agir do conjecturado corre-ligionário de Herodes que fora à caça de José em Nazaré. Para ela, o mesmo homem que estava na praça central e que o padraсто lhe apontara por uma minúscula abertura, havia pouco estabelecera, com peremptoriedade, que deixassem a prisão. Interrogava-se:

3/622 - “Por quê? Estão a nos procurar, e, quando encontram, nos libertam?”

### 3-3.8

3/623 Ezequias, quando partiu de Rafá no encalço da trupe em que, para ele, José e os seus estavam, não mais era o capitão da empreitada, mas sim Zidec, que, juntamente com Zefir, à busca se agregara quando da volta de Hiatta de seu remunerado matador com a notícia da fuga para o Egito do prometido pelo deus dos hebreus.

3/624 Não somente os mercadores com os quais se deparavam eram interpelados sobre a caravana vinda de Belém com alguns do povo egípcio, até que localizaram os conduzidos por Salomão. Esses, aterrorizados com o prenúncio de óbito, deram as respostas pleiteadas. Os perseguidores cientificaram-se de que os que lhes obrigavam a esquadrinhar a tetraquia ficaram em Rafá, que Alfeu era portador de deficiência em um dos membros inferiores e que sangrava abundantemente em uma das pernas.

3/625 Os verdugos, ao regressarem ao vilarejo em que Neco reinava, inteiraram-se que o timoneiro que ardentemente anelavam enclausurar seguira rumo a Gaza. O consiliário e os demais algozes, sempre sob ameaças, refizeram, com fúria devastadora, os caminhos de suas preias. Qualquer um que não lhes desse as informações que julgavam ser possuidor, era escravizado, quando não fulminado, e os seus chacinados. No entanto, com Zilá não estiveram.

3/626 A horda de assassinos, na vizinhança de Jope, topou com um grupo de andarilhos constituído por vinte e dois indivíduos e alguns irracionais. Perguntaram pelo responsável e, ao se adiantar um detentor de muitas colheitas, que afirmou não estarem privados da própria vontade, concluíram ser ele. Como demandavam por um guia manco e não idoso, decidiram prendê-los para posterior averiguação. Zidec, Zefir e Ezequias diligenciaram para descobrir entre os maltrapilhos um homem, sua mulher e uma criança com tamanho em torno dos dez anos, sem sucesso. O primogênito de Mateus era o único que poderia reconhecer José, mas, como não o fez, supuseram que o carpinteiro morrera, ou se arredara com a pretensão de obter água ou alimento. O vira-casaca esforçou-se,

então, para visualizar Maria, pois ela crescera em Nazaré, como ele; todavia, não memorava suas feições com clareza, apesar de imbuído da convicção de que a distinguiria pela inocência que a caracterizava. Pelo trajeto, prestou atenção às varoas; entrementes, por usarem véus que lhes escondia o semblante por completo, falhou em seu propósito. Assustadíssima, a caçula de Joaquim permaneceu cabisbaixa, não admitindo que os dois meninos se afastassem um milímetro de junto dela.

3/627 Como nenhuma das detidas estava com apenas um rebento, optaram por deixar para a manhã seguinte uma identificação mais apurada.

3/628 Ao chegarem ao arsenal de Jope, onde existia uma cadeia, ordenou o ininterruptamente conselheiro real que fossem nela mantidos até o dia vindouro. Para Saú, o vigia, asseverou que ele ditava as resoluções, e se alguém ousasse lhe desobedecer seria punido com a morte. Os firmes vocábulos foram depreendidos com nitidez pelo hebreu menos que vassalo de Rúfus.

3/629 Recebeu a sentinela, quase onze horas da noite, a visita de dois adventícios, um dos quais era quem no general da tropa se arvorara, que decretou a soltura de duas mulheres, dois pequenos e três homens. Bastou os sete se ocultarem sob o negrume imperante, para os dois se ausentarem, sem mais nada articularem. Qual não foi o espanto do que guardava quando, na aurora do novo dia, o que prescrevera a emancipação dos encarcerados ressurgiu, acompanhado dos seus comparsas, vociferando que colocassem os cativos à sua frente. Feito o que estatuíra, proclamou que a fugitiva que procurava não estava entre eles e se retirou.

3/630 Saú nada abrangeu, pois, quem anteriormente determinara que livrasse os prisioneiros da aviltante cela volvia para os interrogar. Não relatando o ocorrido, consigo mesmo comentou:

3/631 - “Sei que foram Zidec e esse Zefir aqueles que com a minha pessoa estiveram, e simulam não saber de nada? Se esse Zidec está a fazer que não esteve aqui, que não se lembra que me mandou libertar as mulheres com suas crias e aqueles homens, foge ao meu entender, mas vou ficar em silêncio. Quando se dirige a fala a um desses comandados, com um pouco de misericórdia se é açoitado ou se tem a vida tirada só por levantar os olhos em direção a esses homens. O melhor é fazer a minha parte, porque esses comandados de Herodes Antipas são doentes da cabeça.”

### 3-3.9

3/632 Jope se diferenciava dos demais vilarejos por ser cercado por espessos lenhos. A muralha possuía somente dois portões: um destinado ao ingresso na

cidade e o outro à saída. Quem não tivesse necessidade de adentrá-lo, o que era cobrado, não importando o motivo e nem o período da estada, seguia pela trilha externa, ao longo do muro.

3/633 Deixando o cárcere, Alfeu, por estar escuro, enveredou-se por caminhos que não conhecia plenamente, acabando por se perder. Chegou ao portão de entrada, visto sua irmã nas cercanias residir, apenas quando amanhecia o dia. Deparamos com um sacerdote a proferir a oração que os subjugados acreditavam lhes ter sido legada pelo grande profeta, obrigatoriamente pronunciada quando expulsavam alguém que ficara leproso, em consequência, um pecador. Palavreadava o religioso:

3/634 - “Senhor, falaste para Moisés e Harom que, quando no corpo de uma pessoa é encontrado uma ferida, um corpo brilhante, ou os cabelos da face se tornarem brancos, essa pessoa será declarada impura. Falou para serem declarados impuros por todo o tempo aqueles cujas feridas estiverem no seu corpo: ‘Serão impuros e segregados a moradia fora de todos os lugares’.”

3/635 Ao finalizar, sentenciou a uma mulher inteiramente coberta:

3/636 - “Falo para ires deste lugar.”

3/637 Outra hebreia que se mantinha junto da ulcerosa e que não repetira os condenativos verbos, rompeu em prantos:

3/638 - “Minha cria, tão perfeita. Como foi acontecer com minha única cria? Senhor, não permita que ela se vá. Nunca mais voltarei a ver a minha cria”, e, em um gesto de desespero, desnudou a fronte da filha, exibindo suas infectas pústulas.

3/639 Por nada poderem fazer, os forasteiros que observavam o ritual permaneceram inertes diante de pungente sofrimento. Maria constatou que seu primogênito, além de apertá-la com força, não movia sequer as pálpebras. Como que paralisado, fitava a designada a sucumbir solitária no deserto.

3/640 A infeliz genitora da lazarenta, escondendo o marcado rosto da enxotada, rogou:

3/641 - “Senhor, não deixai ir a minha cria.”

3/642 Os homens, capitaneados pelo clérigo local, ordenaram que ela se apartasse. Sabedora de que seria a última vez que a veria, aventurou-se em alçar o véu da filha, no intuito de beijá-la, mas foi impedida.

3/643 Lacrimosa ao presenciar inenarrável padecimento, a caçula de Joaquim percebeu que o pequeno José volvia de sua aparente apatia. Orientou-lhe para não se aproximar das duas; contudo, ele pediu à desconhecida que osculasse a prestes a ser banida. Quando ela alçou a grossa mantilha, nenhuma das lesões mais existia. O corpo da enferma se mostrava absolutamente limpo, como se exprimiam. A eufórica hebreia começou a gritar:

3/644 - “O poder do Senhor curou minha cria.”

3/645 Por terem as necroses sumido, foi facultado a não mais purulenta prosseguir sua vivência junto da mãe.

3/646 Com a morfética recuperada, seguiram para um novo dia de aprendizado, com Maria ainda conduzindo seu primogênito por uma das mãos.<sup>[87]</sup> Transcurrido seguro interregno do sucedido, convicta de que fora ele o responsável pelo desaparecimento das máculas na varoa, com discrição anelou por confirmação:

3/647 - “Curaste a possuída pelas chagas?”

3/648 - “Digo que as chagas que nossa irmã possuía foram curadas porque ela e aquela que a carregou no ventre têm fé e confiança em Deus, o que nos libertam e curam.”

3/649 A partir da inusitada ocorrência, que ganhou notoriedade não apenas na Judeia, muitos dos dominados tomaram-na como um aviso do Senhor para que dedicassem maior atenção para com os seus molestados.<sup>[88]</sup>

## 3-4

3/650 Alfeu e os caminheiros, pouco depois, chegaram à moradia de Adam, edificada perto da trilha externa que circundava o muro protetor de Jope, ambiente no qual tinha a intenção de se conservar por escassos dias. Era um tugúrio em que, não somente pelos lados, entravam os raios solares, chuva e vento. Chamava-se o sítio areião por nele residirem inúmeros indivíduos improdutivos. Na gleba, nada do que se plantava, grelava.

3/651 A irmã do caravaneiro demonstrava ser venturosa cuidando da petizada alheia, uns órfãos em virtude das matanças provocadas pelos asseclas dos Herodes, outros cujos pais os jogaram nas inóspitas veredas por serem defeituosos e alguns, filhas e filhos de adúlteras, também considerados pecadores. Coabitavam com Adam seis mulheres abandonadas pelos esposos que ignoravam o porquê, motivo que ela conhecia: geraram unicamente meninas. Eles as trocaram por outras, pois, como hebreus e orgulhosos combatentes do déspota da hora que

---

[87] Quando o grupo de prisioneiros recém-libertados chegou diante das duas desalentadas mulheres, o prometido pelos profetas se agarrou a Maria e, livre do corpo de carne, estendeu as mãos sobre a infeliz, proferindo em seu ouvido:

- “Tuas chagas serão curadas.”

[88] Praticamente a totalidade dos subjugados acreditava que, por apenas vislumbrarem um leproso, contrairiam a terrível doença. Por ser a verdade imperante, os espíritos encarnados em resgate de suas mazelas eram levados para fora do vilarejo e abandonados, além de serem obrigados a se cobrir dos pés a cabeça, para que ninguém observasse suas feridas.

eram, necessitavam ter comportamento irreprovável, incluindo serem dotados de descendentes direto do sexo masculino.

3/652 Em uma tarde, quando o pequeno José, exausto por muito se recrear, além de ter acompanhado várias vezes a anfitriã na busca de água, distante sessenta minutos de jornada, refazia-se sob uma árvore seca, a nascida de Ana, vendo-o, aproximou-se e lhe perguntou o que pensava.

3/653 - “Passava no meu interior aquela donzela que não mais está possuída pelas chagas.”

3/654 Por acreditar, asseverou Maria:

3/655 - “Falo que aqueles que são comandados de Herodes e aqueles que são romanos agora irão saber onde estás porque curaste aquela donzela. Não devias ter curado aquela donzela que estava junto de muitas pessoas.”

3/656 - “Digo que vou trazer a cura para todos por intermédio dos ensinamentos de Deus.”

3/657 Assustada, esquecida do que viera seu primogênito fazer, indagou-lhe:

3/658 - “Como sabes que irás trazer a cura para todos? Foi o Senhor que te falou?”

3/659 - “Não sei se foi Deus. O que sei é que foi o mesmo homem que me disse para ir à Galileia, ...”

3/660 Complementou, após diminuta pausa:

3/661 - “... onde me vi em um corpo de homem, e muitos homens expostos nas cruzes”, mas foi interrompido.<sup>[89]</sup>

3/662 Apavorada por se recordar do genitor, sua interlocutora proferiu:

3/663 - “Não fales nada, não quero saber o que vai acontecer.”

3/664 Não desejosa de prosseguir com a palestra, a caçula de Joaquim se afastou, e seu rebento foi brincar.

***PROPAGANDEEMOS EXCLUSIVAMENTE O QUE OBSERVAMOS.***

veja 3/671

3/665 O vindo a este orbe no surgimento da luminosa Estela ainda se divertia quando atentou para quem vinha pelo caminho. Eram seu pai e irmãos. José abraçou-o com profundo carinho, confessando-lhe:

---

[89] ... e muitos homens expostos nas cruzes ...: pelos caminhos da tetrarquia, era comuníssimo encontrar hebreus supliciados pelos dominadores.

3/666 - “Tive tanto medo que te levassem. Onde está Maria?”

3/667 - “Digo que Maria está a ajudar Adam.”

3/668 O herdeiro de Jacó vinha a uns trinta passos à frente dos demais. Deixando o pequeno José com os irmãos, sob os cuidados do aparentado, foi para junto da consorte. Depois das apresentações dos que inicialmente se viam, Pús-tula lhe questionou como foi que os localizara.

3/669 - “Estávamos muito cansados, paramos por um tempo, e dormi. Quando acordei, lembrava de uma voz que me falara para não entrar em Jope, que era para a minha pessoa procurar fora de Jope uma moradia que parecia estar sem uma só pessoa, porque ali é que estariam aqueles que procurávamos. Foi o que fiz.”

3/670 Logo após José, o patriarca Mateus, Marta, João, Verônica e Tiago aportarem, os jovens e as crianças que residiam com Adam conferenciavam sobre fatos reais e imaginários que noticiavam ter experimentado, quando o pequeno José, orientando também a nós, apregoou:

3/671 - **“Digo para anunciarmos a todos só o que presenciamos.”**

3/672 Por abarcarem a instrução, narraram apenas o sucedido a cada um, nada acrescentando de inverídico ao relato.

3/673 A princípio, a eliminação das chagas da empestada interessou a poucos dos de Jope; tampouco despertou a atenção do consiliário e de Ezequias, porque, em suas certezas, o prometido pelo deus do subjugado povo, que os viera libertar, seria um fabuloso guerreiro. Para quem da mesma forma pensava, o ansiado redentor, que expulsaria os opressores, jamais se preocuparia com excluídos.

3/674 O restabelecimento da saúde da doente foi considerado uma graça do Senhor, um milagre, como hoje é dito; porém, o mercenário Zefir ficou curioso e intrigado. Sem compreender por que, sentiu que o episódio lhe causara significativa mudança de comportamento. Nada comentou no tocante a sua desconfiança de que os caçados estariam por perto. Zidec, que chefiava, com a crueldade que o caracterizava, a empreitada, apoiado pelo áulico primogênito de Mateus, quem conhecia as difíceis sendas, decidiram estacionar em Jope por acreditarem que o manco caravaneiro não alterara seu itinerário, mas sim, para despistá-los, rumara para outro vilarejo, e chegaria em breve, visto os animais que possuía indubitavelmente seriam velhos e estariam estafados.

3/675 O ainda conselheiro real, não de Herodes, o grande, mas de Antipas, comunicou a quem primeiramente se pusera no encalço do anelado salvador que não mais lhe satisfaria o ajustado, mesmo que o encontrasse, pois havia anos que esquadrihava a tetrarquia e nada conseguira, prescindindo, de imediato, de seus préstimos.

3/676 Sem ter para quem queixar-se, o desempregado propôs-se a autonomamente continuar suas investigações acerca do paradeiro do nascido na Estrela de Belém. Por julgar que Saú sonegara informações, foi interrogá-lo. Com o intento de intimidar o vigia, mostrou-lhe o medalhão que simbolizava a autorização do soberano para fazer perguntas e obter respostas. Dissimuladamente, proclamou:

3/677 - “Falam que, em tempos de perseguição, muitos daqueles que são hebreus passam por aqui. É verdade?”

3/678 - “A tua pessoa é um hebreu?”

3/679 Ante a enérgica negativa de quem denotava ser um comandado, Saú asseverou que não lhe era lícito cooperar, pois, como propriedade de Rúfus, somente com ele assistindo é que poderia se manifestar. Então convicto de que a sentinela escondia cruciais esclarecimentos, Zefir lhe ofereceu, como paga por eles, o medalhão que tinha em mãos, alardeando que na posse dele seria um homem livre, recebido na totalidade dos ambientes e teria invejável autoridade. Exibiu-lhe, com pompa, a marca pessoal de Herodes Antipas gravada no precioso tesouro. O escravo indagou o que detinha na mente de tão importante que valeria o objeto. Por inferir que José morrera e que Maria seguia sozinha em uma caravana, não obrigatoriamente na de Alfeu, garantiu o mercenário:

3/680 - “Uma mulher sem seu companheiro e uma cria passaram por aqui há alguns dias.”

3/681 Complementando, questionou-lhe:

3/682 - “Para onde foram?”

3/683 Intuindo que Zefir pouco conhecia sobre os fugitivos, mas como eram de sua gente, nada relataria, Saú ousadamente proferiu:

3/684 - “Perdão, mas esse medalhão só dá poder quando é entregue por Herodes Antipas. Para mim, não tem utilidade: serei encerrado e condenado a perder minha vida na cruz por estar com ele.”

3/685 O pronunciado reforçou no caçador de humanos por recompensa a persuasão de que suas presas estiveram em Jope. Agredindo fisicamente seu indefeso colutor, raivosamente sentenciou:

3/686 - “Sei que ajudaste eles, mas vou encontrar a todos”, e retirou-se, encolerizado.

***PARA ACEITARMOS DEUS E EXERCITARMOS OS SEUS ENSINOS,  
NÃO É APENAS A BUSCA DESMEDIDA PELA RIQUEZA DA VIDA  
MATERIAL E OS NOCIVOS REGOZIJOS TRANSITÓRIOS DESTA  
MORADA QUE TEREMOS DE RENUNCIAR.***

veja 3/692

**REMOVAMOS A TRAVA DE NOSSOS OLHOS PARA  
CAPTARMOS A RESPOSTA AO QUE PEDIMOS.**

veja 3/694

### 3-4.1

3/687 Mateus, não exitoso no propósito de se aproximar de seu caçula, que, por não se recordar dele, recusava até mesmo sua companhia, muito se entristeceu. Prosseguiu o menino chamando Maria de mãe e não desgrudou um instante dela. José postulou ao tio que esperasse um tempo, pois era comum os de escasas colheitas estranharem os que não tinham o costume de ver.

3/688 Os viajantes demoraram-se vinte dias no tugúrio usado como permanente habitação por Adam. Durante o período, o nanico caravaneiro recluso conservou-se, com receio de ser distinguido e delatado a Ezequias, que, em seu entender, procurava-o, pois, com certeza, alcançara Salomão e se informara de seu nome. Com sua descrição, o comandado saberia que fora enganado na praça do mercado em Rafá.

3/689 Posicionado pela esposa, o herdeiro de Jacó glosou com o aparentado acerca das ações do primo. O cultivador de melões ainda mais consternado ficou ao descobrir o que seu primogênito fazia, pois, desde quando saíra de Nazaré, nunca enviara notícias. Lamentou estar ele, que fora educado com consciência do que os Herodes infligiam aos hebreus, a favor dos dominadores. Envolto em seus pensamentos, sequer abarcou que o nascido na luminosa Estela se avizinhou e se postou junto dele. Quando mentalmente supôs que o filho poderia estar a socorrê-los e não no encalço do prometido aos profetas, este meigamente lhe patenteou:

3/690 - “Digo que muitos dos nossos irmãos que para a vida de carne tornam, outra vez não querem ouvir sobre Deus. Uns porque de nosso Pai nada se lembram, mas, outra vez, O conhecerão em Seus ensinoss e O aceitarão, na vivência que estão a ter ou em vivência futura. Digo que muitos de nossos irmãos, ao na vida de carne conhecerem Deus por intermédio dos Seus ensinoss, outra vez não O aceitarão porque a prática do que ouviram fará com que deixem os caminhos que lhes trazem as alegrias passageiras que Dele nos afastam.”

3/691 - “O que devo fazer para que Ezequias aceite e pratique o que estás a trazer do Senhor?”

3/692 - **“Digo que para aceitarmos Deus e praticarmos o que Ele nos mostra em Seus ensinoss, muitas vezes, não é só a busca desesperada pela riqueza da vida de carne que teremos de renunciar, será necessário renunciarmos a nós mesmos.”**

3/693 Por transbordar angústia em seu interlocutor, concluiu:

3/694 - **“Digo que se ficarmos a sentir só as nossas dores e sofrimentos, não conseguiremos reconhecer a ajuda que nos é ofertada pelo irmão que está junto de nós desde que iniciamos a vivência no corpo de carne que agora temos. Se nem a presença desse irmão percebermos, como reconheceremos o caminho que conduz a Deus que nos é mostrado? Digo que é necessário extrairmos a trava de nossos olhos para reconhecermos as respostas aos nossos pedidos.”**

3/695 O velho Mateus nada replicou, admitindo que o neto por adoção tinha razão. Para si mesmo anunciou:

3/696 - **“O pequeno José viu que a minha pessoa estava a sofrer por Ezequias. Não devo esquecer que, como a mim, Ezequias terá a oportunidade de conhecer a verdade do Senhor, mesmo estando ao lado de Herodes Antipas.”**

3/697 Convicto, asseverou:

3/698 - **“Sei que esta cria é aquela que irá mostrar a todo aquele que for de minha gente a verdade do Senhor. Falo que ele é diferente: conhece e é seguro do que fala. Só aquele que conhece a verdade do Senhor pode confiar tanto Nele.”**

3/699 Agradecendo ao nosso Pai a compreensão que alcançara, finalizou:

3/700 - **“Sei que não vou ter vida quando esta cria estiver a falar da verdade do Senhor: já faz três noites que vejo Ana quando durmo e não sei o que ela quer de mim. Se vejo Ana depois de tanto tempo, é porque existe vida após a morte.”**

3/701 Desencarnou transcursadas três semanas, sem alarme, em um entardecer, durante o descansar de mais um dia da extenuante jornada. Não reviu seu primogênito para lhe dar um bom puxão de orelhas, como apregoava que faria.

***RESPEITARMOS OS ANIMAIS É NOS RESPEITARMOS E A DEUS.***

veja 3/730

## 3-5

3/702 Por terem trocado alguns dos irracionais por sementes para a plantação que realizaram para Adam e por provisões para a viagem, partiram com destino a Nazaré com apenas três bestas de carga. A caravana era composta por Alfeu, José, Maria, Marta, o nascido na resplandecente Estrela, os dois Mateus, Verônica, João, Tiago, Pústula e Simão. A filha de Uzias conservou-se em Jope, completando o período de sua vivência como Abigail sem mais ver o almejado libertador ou escutar sobre ele.

3/703 Por se ocupar com os outros filhos, Maria até pareceu ter olvidado de seu primogênito, que a cada dia mais se calava.

3/704 Com o transcorrer do deslocamento, os alimentos foram escasseando, fato que obrigou o timoneiro a parar em Gulgal, vilarejo habitado apenas por hebreus, motivo pelo qual, em sua opinião, não correriam perigo. No entanto, mesmo que ameaçados, estacionariam, porque, se continuassem, certamente, famintos, pereceriam antes de Cessareia de baixo. Foram recepcionados por Matias, denominado pastor, não porque apascentava os dóceis bovídeos, mas porque tinha o maior número delas e era o encarregado pela divisão da lide. Receberam autorização para se demorarem no povoado por quanto carecessem.

3/705 Quem também fora chamado Jesus se tornou companhia constante do grande proprietário em seus afazeres, que, em uma manhã, questionou-lhe se seria, quando crescesse, artesão como o arrimo.

3/706 - “Digo que a minha pessoa iria ficar muito agradada: José constrói riscadores para que os homens trabalhem a terra e dela consigam seus sustentos, faz a proteção do Sol e da chuva para as moradias e trabalha a madeira para que os homens protejam suas moradias de irmãos que entram nelas para levar o que não lhes pertence, mas digo que chegará o dia em que esses irmãos respeitarão a moradia do outro irmão, ...”

3/707 Com discreto sorriso, concluiu:

3/708 - “... mas não vou ser carpinteiro, digo que vou ser pastor.”

3/709 A assertiva propiciou a quem se responsabilizava pelos de Gulgal a anunciar o costume entre os subjugados de os genitores ensinarem aos seus descendentes varões a profissão que tinham. O mirrado forasteiro, então, revelou:

3/710 - “Digo que não vou ser pastor de ovelhas.”

3/711 Foi demais para Matias, que espantado proclamou:

3/712 - “Mas o que estás a falar? Não há outro animal para se pastorear. Os asnos não se perdem, eles sempre vêm quando têm sede ou fome; os camelos, nunca temos tantos que necessitemos ficar a olhar; cavalos, só os comandados dos Herodes é que têm. Falo que não há do que ser pastor, a não ser de ovelhas.”

3/713 Utilizando-se de um recente acontecimento vivido por seu interlocutor, o pequeno José se manifestou:

3/714 - “Digo que tens muitas ovelhas, como Deus, o Pai de todos nós, tem muitos filhos. Quando uma de tuas ovelhas se perde, vais à procura dela. Até que a encontre, não desiste de procurar por ela. No tempo em que fica à sua procura, tens na mente o que fez ela se perder, se ela vai encontrar o caminho de volta.”

3/715 Mansueto, prosseguiu:

3/716 - “No tempo em que procura pela ovelha que se perdeu, qual das ove-

lhas mais necessita da tua pessoa e de cuidados: aquela que está no cercado ou aquela que se perdeu do rebanho?”

3/717 O convicto posicionamento foi incontinênti:

3/718 - “Aquele que se perdeu do rebanho.”

3/719 Selou seu raciocínio o anelado servidor:

3/720 - “Digo que serei o pastor daqueles que se afastaram do caminho que conduz ao nosso Pai. Digo que serei um pastor de homens para Deus.”

3/721 O anfitrião, apesar de abranger o articulado, indagou, por ser ele ainda diminuto no tamanho:

3/722 - “Como vais pastorear homens? Vais colocar eles em um cercado, igual às ovelhas, para que te vejam e ouçam? Falo que não tens colheitas para falares aos homens e conheces pouco dos escritos para falares do Senhor.”

3/723 Para o atento garoto, complementou:

3/724 - “Sei que por seres da proteção de um carpinteiro, nem uma só pessoa irá te ouvir. Falo que terias que ser um profeta ou da proteção de um rabino para que aqueles que são de nossa gente ouvissem a tua pessoa. A caminhar pelo deserto, como irás aprender as Leis do Senhor?”

3/725 Diante das intransponíveis dificuldades elencadas, o primeiro dos filhos de Maria apenas proferiu:

3/726 - “Digo que Deus enviará a ajuda de que a minha pessoa necessitar.”

3/727 Em distinta ocasião, quando quieto em cima de uma rocha, Matias, que o observava, inquiriu-lhe o que fazia.

3/728 - “Digo que estou a conhecer os homens e os caminhos que querem nesta morada.”

3/729 Por acreditar que anunciaria estar orando ao Senhor, não os vocábulos que nada entendera, o de muitas poses encerrou a conversa. Com Alfeu, mais tarde, comentou sobre seu recepcionado:

3/730 - “De onde vem a sabedoria dessa cria? Ela fala como um homem, mas é uma cria de poucas colheitas; dá respostas de sábio e ainda nem teve tempo para conhecer as Leis do Senhor. O que fará essa cria? Já ouvi ela falar àqueles que são de nossa gente ‘para não batermos nos animais, que nos dão o leite e levam nossas cargas’, e explicou o porquê: ‘não é porque temos inteligência que maltrataremos aqueles que não têm’. Essa cria falou ainda **‘que respeitar os animais é respeitar nosso Pai e nós mesmos’**. Sei que o Senhor está com essa cria.”

3/731 Com o avaliado, o caravaneiro anuiu; porém, nada expôs com referência a desconfiança de ser ele o ansiado prometido.

3/732 Situava-se Gulgal em um bonito vale, região na qual seus habitantes viviam em paz, como se fossem de uma mesma descendência. O nutritivo e morno líquido fornecido pelas dóceis alimárias era abundante, as radículas e o trigo, fartos. Alfeu, aquilatando os atributos do vilarejo, pôs-se a refletir que, por José estar com os seus, e por Pústula e Simão poderem continuar sozinhos, ele não se importaria de ficar o resto de sua existência no povoado. A água era fresca e profusa; quando se retirava do poço a ânfora cheia, no mesmo instante era reposta.

3/733 O primogênito de Maria, quando não estava com o pastor, sentava para meditar, visualizando a paisagem, em um dos inúmeros montículos. O diligente timoneiro notava que seu espreitado dialogava com o invisível. Escutava-o agradecer ao Pai, como se houvesse alguém junto dele. Em diversas oportunidades, o menino pronunciava em voz alta:

3/734 - “Digo que a vontade de Deus é a minha vontade.”

3/735 Em uma dessas ocorrências, interrogou-se Alfeu:

3/736 - “Aquele que é chamado de Pai está no interior do pequeno José ou são as pedras? E se estiver no interior dele? Não, o pequeno José é uma cria de poucas colheitas para ficar doente da cabeça. Será que uma cria de poucas colheitas fica doente da cabeça?, ou será que o pequeno José fala com o Senhor? O pequeno José fala palavras de sabedoria, o que é impossível para uma cria de poucas colheitas.”

3/737 A despeito da tranquilidade de Gulgal, José, em prosa com a consorte, avisou-a da definição que tomara. Esclareceu que urgia prosseguir a jornada, entre outras causas, para cuidarem dos bens do velho Mateus. Se demorassem muito mais, não teriam como se sustentar, pois os escribas instalariam neles seus escravos, o que, por ignorar as providências do tio antes de se ausentar pela última vez de Nazaré, não sucederia. Peremptório, concluiu:

3/738 - “Falo que aqueles que são nossos pequenos não podem ficar só a caminhar pelo deserto, a conhecer passagens de mercadores. As crias que temos necessitam ser ensinadas por um rabino, o que agora não podemos dar.”

3/739 A caçula de Joaquim abarcou a preocupação do esposo. Acreditou que, por ele estar com os membros superiores lesionados pelo fogo desde o incêndio em Hiatta, tinha receio de morrer e os seus ficarem à mercê dos Herodes ou de saqueadores que infestavam os torrões pelos quais se enveredavam. Para si mesma, decretou:

3/740 - “Marta e Verônica necessitam estar em um lugar livre do ódio. Chega Sara, que sofreu tanto. Falo que não irei deixar acontecer com elas o que aconteceu com Sara. Que o Senhor me ajude.”

3/741 Absorta, finalizou:

3/742 - “Falo que ter crias nestes tempos não é bom.”

3/743 De pleno acordo com o marido, começou a se preparar para a partida, fazendo por dois dias ininterruptos a assada massa do essencial cereal junto das outras mulheres de Gulgal.

### 3-5.1

3/744 Possuíam pães com abundância e raízes, coadjuvada pelo seu primogênito, na tarde do terceiro dia após ter o cônjuge decidido que reiniciariam a marcha, Maria foi buscá-las. O herdeiro de Jacó, sentindo-se isolado depois da morte de Mateus, resolvera ir labutar nas plantações que os de Gulgal mantinham.

3/745 Os do vilarejo tinham atividades, exceto a petizada. A elas, quando o Sol marcava quinze horas, como hoje determinamos, dirigiu-se um que vinha pela estrada. Inquiriu de uma caravana que poderia ter por eles cruzado, pois se perdera dela em uma tempestade e precisava encontrá-la. Fazendo-se desinteressado, cordatamente garantiu que, mesmo que não tivessem notícias, afastaria-se, motivo pelo qual não carecia que comentassem com ninguém sobre sua pessoa.

3/746 - “Soube que um daqueles que é de minha família está ferido e necessita de ajuda para continuar a caminhada; os outros já têm muitas colheitas. Falo que são conduzidos por um homem chamado Alfeu”, explanou o forasteiro.

3/747 Apontando para um dos da juvenil plateia, patentou:

3/748 - “Alfeu tem o tamanho daquela cria e está a puxar uma das pernas.”

3/749 Incontinênti, indagou:

3/750 - “Vistes eles?”

3/751 Um dos que brincavam, indicando o tugúrio que os fugitivos habitavam, respondeu:

3/752 - “Falo que estão naquela moradia. Meu protetor falou que chegaram na lua passada.”

3/753 O adventício inteirou-se da não presença de José e dos varões, que os menores se divertiam junto de Marta e que a genitora da prole estava no vale. Perguntou, ainda, o aproveitador, se Maria deslocara-se sozinha. Foi informado de que seu primeiro fruto a assistia. Igualmente lhe divulgaram que o anunciado guia permanecia na gruta que os abastecia de água.

3/754 Os dados que o estranho aspirava obter foram conseguidos. Percebendo a oportunidade de estar com a mulher e um dos seus, foi até eles, precavido para não atrair atenção, apesar de que, entre os homens de Gulgal, apenas o líder de travessias não trabalhava a terra, pois seus dias eram de absoluta inatividade.

3/755 Quando o que veio de fora avistou uma matrona secundada por um de

parcas primaveras, proferiu-lhe o nome. Como foi atendido, complementou, abalizando o garoto que a auxiliava:

3/756 - “Esse é aquele que foi prometido aos profetas hebreus? Já falaste para ele o que veio fazer neste mundo?”

3/757 - “Deixa ele em paz”, manifestou-se Maria sem hesitação, vocábulos que, para o desconhecido, confirmaram que a dupla era, com efeito, quem procurava.

3/758 Ordenou que os dois com ele seguissem, que, se não agissem conforme impusera, os demais partícipes da caravana seriam castigados, fazendo-se acreditar que possuía comandados. A caçula de Joaquim, por aceitar como verossímil os verbos de seu algoz, obedeceu. O pequeno José nada pronunciou, somente concentrou-se nos movimentos do caçador, que gritava constantemente para não ser olhado.

3/759 Ao regressar de mais um dia de labor, José interrogou a sentenciada como nascida do mesmo parto que Judas do paradeiro da tia, intrigado com sua ausência, logo ela que via perigo sempre que escurecia. Demandou por ela no vale, distante quinhentos metros, onde a filha posicionara-o de que a madraستا campeava por alimentos. Por não a localizar, desceu ao longo da depressão. Defrontando-se com o manto da consorte com algumas radículas ceifadas, temeu pelo pior. Assustado, voltou em busca de socorro.

3/760 Matias, sem detença, reuniu as crianças, pois era consciente que, por muito ficarem à beira da vereda, invariavelmente novidades relatavam. Questionou-lhes se haviam visto Maria abandonando o vilarejo. Responderam que não; todavia, atestaram que um aparentado de José estivera com eles. A assertiva mais atemorizou o já alarmado carpinteiro, que glosou ser o primogênito de Mateus o único dos de seu sangue com presença admissível, no entanto, em seu entender, ele não estivera em Gulgal, pois não viria solitário, além de querer receber paga não apenas pelos dois desaparecidos.

3/761 - “Não pode ser Ezequias. Falo que ele não tem coragem de lutar com a minha pessoa, mesmo sem forças como estou.”

3/762 O pastor instigou os de poucas colheitas a descreverem como lhes assemelhava o homem. Compararam-no a Alfeu, porém maior. Tinha ele minguada barba, e na parte inferior do rosto. Ainda na furna, o folgado timoneiro foi chamado; entrementes, noticiou-os ignorar o ocorrido. Ao escutá-lo, José asseverou não terem o que fazer, arrematando:

3/763 - “Nada sabemos sobre aquele que levou Maria e o pequeno José e nem o caminho que seguiu. Só podemos esperar pelo Senhor, Aquele que enviará ajuda.”

3/764 O forasteiro que chegara a Gulgal era Zefir, que cruelmente torturara Adam e exclusivamente granjeara as informações que almejava ao declarar que, a cada negativa dela, mataria um dos que eram por ela zelado.

3/765 Logo após ter aprisionado o ansiado salvador e sua mãe, o mercenário continuou a marcha montado em seu camelo, protegido do ardor da tarde. A caçula de Joaquim andava logo atrás, atada pelas mãos por uma tira de couro que findava no captor, mas seu primogênito permanecia solto, a fitar o não mais comandado de Herodes Antipas.

3/766 Não muito depois, apeou Zefir do animal que comodamente o transportava. Primeiramente a saciar a sede, observou o pequeno José e não resistiu ao seu olhar meigo e sereno. Ofereceu-lhes de sua água; até mesmo segurou a ânfora para que o menino bebesse. Maria não compreendeu o gesto do bárbaro assassino, como não abarcou o porquê de, logo ao reiniciarem a jornada, ele a libertou das amarras.

3/767 Pouco adiante, não suportando o calor, o prometido pelos profetas parou, e o mercenário, na realidade também um hebreu, asperamente se manifestou:

3/768 - “O que estás a fazer? Já te falei para caminhares.”

3/769 O pequeno José conservou-se calado. O não mais obediente a Zidec trouxe a genitora ainda mais para junto do filho, ordenando que se assentassem. Ficou ela, com um pedaço da veste umedecida com o conteúdo da bilha que lhe fora dada, a refrescar a face de seu rebento, o que o sequestrador estudava com inusual interesse.

3/770 No crepúsculo vespertino do dia ulterior ao rapto, o trio aproximou-se de uma cabana na estrada para Nazaré que evitava Cessareia de baixo, utilizada somente por saqueadores. O mercenário, atentando que estava ela ocupada por ladrões, ocultou a nascida de Ana e a avisou para não pleitear amparo, pois não seria respeitada; contudo, não conseguiu fazer o mesmo com o aguardado redentor, que correu para junto de um dos partícipes da súcia. Para surpresa dos da assembleia, o menino foi carinhosamente pego no colo por um deles, que lhe perguntou se sabia o que fazia ali.

3/771 - “Digo que és um pastor sem as tuas ovelhas, e que perdeste uma delas”, foi a pronta resposta.

3/772 Proclamou o homem, que o devolveu ao chão:

3/773 - “Falo que jamais irei esquecer essas palavras.”

3/774 No esconderijo, foras-da-Lei, cujo cabeça principal mantinha com Zefir relações de troca, dividiam o produto de uma pilhagem consumada pouco antes.<sup>[90]</sup> Junto deles, inúmeros varões que seriam permutados por irracionais. Quando se retiraram, quem apenas o primogênito de Maria conhecia os acompanhou.

---

[90] Como articulavam, o **cabeça principal** era quem capitaneava os demais.

3/775 O pseudomarginal que enlaçara o anelado servidor fora Matias, que, juntamente com Alfeu, contrariando a solução de José, saíra à procura da dupla logo depois da conversa com as crianças. O caravaneiro, pela rota costumeira, dirigiu-se para Jope, enquanto que o grande proprietário se enveredou pela senda de que se valiam os que roubavam. Ao deparar-se com alguns deles, para não ser morto, simulou ser um da mesma corja. Pelas circunstâncias, foi compelido a com eles andar. Após tê-lo encontrado e ser obrigado a partir, para si mesmo garantiu como procederia:

3/776 - “Quando não sentirem minha ausência, voltarei para junto do pequeno José.”

3/777 Com a debandada dos delinquentes, Zefir enunciou que passariam a noite no ermo local. Causando espanto, ofertou seu manto à hebreia, para que essa se protegesse do frio. Em nenhum instante repousou. Ao alvorecer, inexplicavelmente para a caçula de Joaquim, abandonou-os sem nada proferir, deixando-os livres e com um jarro cheio do imprescindível líquido que os resguardaria.

3/778 Desabituada a tomar decisões, Maria não soube o que fazer. Comentou com o seu primogênito:

3/779 - “Falo que essa é a primeira vez que estamos só, a tua pessoa e a minha.”

3/780 No mesmo momento, interrogou-se:

3/781 - “Será que vamos ficar outras vezes?”

3/782 Permaneceram estacionados no tugúrio durante o transcorrer do dia. Quando se preparavam para mais um gélido período noturnal, a consorte de José, ao cobrir o filho com o agasalho que o mercenário propositadamente olvidara à vista dos raptados, desconhecendo por completo onde estava, apregoeou que era imperioso optar por um norte para seguir. Mas qual? Expressiu-se, não muito convincente:

3/783 - “Quando aparecer o Sol, falo que iremos por um dos caminhos, que nos levará a algum lugar.”

3/784 Preocupada, não adormeceu. Na madrugada, acreditou escutar passos. Sobressaltada, pensou ser Zefir que se arrependera e regressara, mas, por cessarem, concluiu que fora obra de sua imaginação. O pequeno José, despertando, acalmou-lhe:

3/785 - “Não necessitas ter medo. Digo que Deus enviará ajuda, podes ficar em paz.”

3/786 Na aurora do novo dia, ao principiarem a jornada, escolheu Maria aleatoriamente o rumo. Aproximando-se da hora do almoço, alcançaram um minúsculo aglomerado humano, Cascvalho, habitado somente por mulheres e crianças que viviam do trabalho coletivo da confecção de ânforas. Ignorante da peculiari-

dade, solicitou a uma delas que chamasse o responsável, pois a ele instaria consentimento para efetuar parada.

3/787 - “Aqui não há homens, todos partiram para a batalha. Todos aqueles deste lugar que são homens falam que têm que lutar pela terra prometida, que está escrito olho por olho, dente por dente”, foi a objetiva elucidação obtida.

3/788 Por nada depreender, questionou quem combatiam:

3/789 - “Aqueles que são comandados de Arquelau que vieram da Assíria.”

3/790 Postulando comida para o filho, foi convidada a entrar e se alimentar.

3/791 - “Que não seja nada embebido em água”, glosou o menino, colocando-se entre as duas.

3/792 A concebida por Ana e o incógnito libertador foram autorizados a em Cascalho conservarem-se, cabendo-lhes a estrebria como aposentos. Ao se acomodarem, o pequeno José se aproximou da mãe e com singeleza se manifestou:

3/793 - “Lembras daquele homem que nos mantinha encerrados?”

3/794 Com a resposta positiva, continuou:

3/795 - “Agora entendi por que aquele homem não queria que a minha pessoa olhasse para ele: digo que é porque a minha pessoa podia ver um pouco de bondade em seus olhos.”

3/796 - “Mas como pode haver bondade nos olhos de um homem cruel?”

3/797 - “Digo que nossos olhos refletem o que está na nossa mente.”

3/798 Tentando esclarecer a colucutora que Zefir não era bárbaro como demonstrava, finalizou:

3/799 - “Aquele homem não queria que a minha pessoa testemunhasse, mas digo que pude ver bondade em seus olhos.”

3/800 A assertiva deixou Maria meditando no significado dos verbos do filho. A cada conversa, menos abrangia do proferido.

3/801 - “Estou a sentir, Senhor, o peso de ser aquela que carregou o Seu prometido no ventre. Peço que não permita que a minha pessoa desista de ter que entregar minha cria, que é o Seu prometido, àqueles que são de minha gente”, rogou.

3/802 E mais uma noite descansou longe de Gulgal. Quando novamente em vigília, teve sua atenção fixada para um indivíduo em uma adjacente elevação, acolhendo ser um do sexo masculino, por causa da rapidez com que andava. Mesmo estando ele distante, em secreto, conjecturava que o conhecia, o que foi confirmado por seu primogênito.

3/803 - “Estás a falar o que não entendo”, meigamente proclamou.

3/804 - “Digo que aquele homem é Matias, que veio nos buscar.”

3/805 Minutos pareceram séculos para a esposa de José. Discernindo que era mesmo o pastor, intimamente ao nosso Pai apregouo:

3/806 - “Fico grata por ouvir as minhas orações.”

3/807 No advento do grande proprietário, ela o indagou como os encontrara.

3/808 - “Nem mesmo a minha pessoa sabe. Só tenho no meu interior ter ouvido, por muitas vezes, a voz do pequeno José a falar: ‘vai pelo caminho da direita; sobe o monte e vai pelo caminho da esquerda; não desças o vale’. Ouvi para seguir até um lugar só de mulheres ao descer a colina, e foi o que fiz.”

3/809 Aventou Maria a hipótese de que imaginara o sucedido quando cochilara; entrementes, Matias garantiu que estava desperto e se deslocando quando das instruções. Ambos não compreenderam o acontecido e nada inquiriram ao menino, que assistia à palestra. Retirou-se o recém-chegado para agradecer às habitantes de Cascalho por terem recebido e socorrido os dois. Dedicou-se, durante o restante do dia, a auxiliar as carentes varoas.

3/810 Revitalizado da jornada com o relaxante sono que tivera, o pastor, logo pela manhã, avisou que iniciariam o retorno a Gulgal. Na partida, reunidas praticamente a totalidade das moradoras, dirigiu-se a Deus:

3/811 - “Falo que tenho um coração humilde, que não há arrogância em mim, que não duvido do poder do Senhor e que a Sua vontade é a minha vontade. Deposito fé no Senhor, agora e sempre.”

***NÃO TEMANOS NOSSO PAI, QUE ESTÁ INTEIRADO EM  
RELAÇÃO A NÓS MAIS DO QUE NÓS MESMOS, E CUJAS  
AÇÕES, NA INTEGRALIDADE, SÃO PARA O NOSSO BEM.***

veja 3/834, 3/836 e 3/840

***SOMOS NÓS QUE NOS PUNIMOS, NÃO DEUS.***

veja 3/838

3/812 Afastados de Cascalho, o almejado redentor, que ganhara das íncolas do aglomerado um asno como mimo e o puxava pela vereda, repentinamente, parou embaixo de uma árvore seca e noticiou:

3/813 - “Digo que já estive aqui com o homem da Galileia. Ele me perguntou se os homens conhecem o seu futuro!”

3/814 Matias, serenamente, alertou o disposto viandante acerca de quem esse constantemente comentava:

3/815 - “Falo que todos veem sombras de homens quando dormem. Como a tua pessoa, vejo sombras quando estou a dormir. Não deixes ficar no teu interior só a sombra desse homem que viste.”

3/816 Incentivando o garoto, concluiu:

3/817 - “Sigamos nosso caminho para vermos se encontraremos esse homem da Galileia.”

3/818 Um pouco mais tarde, confessou a Maria que tinha dificuldades para dialogar com o pequeno José. Ela concordou e complementou:

3/819 - “Não sei como entender a vontade do Senhor.”

3/820 O pastor procurou andar pela costumeira trilha, objetivando não se deparar com os saqueadores com os quais estivera. Nas adjacências de Gulgal, depois de três dias, notou que vinham em sentido contrário alguns dos combatentes do tirano. Por ser popular na região e não estar com sua consorte, não esclareceria com êxito como uma mulher e a criança de um outro hebreu o secundava. Uma ideia que julgou ser salvadora lhe ocorreu: ocultaria o primogênito de Maria e ela seria tomada como sua núpera cômputa, a que lhe daria o primeiro filho. Incontinenti, encobriu o menino, que sorria, sob sua segunda túnica, solicitou a ele que o abraçasse na altura do peito, entrelaçasse os membros inferiores ao seu quadril e conservasse-se quieto. Ainda colocou sobre seus adornos o manto utilizado para proteção nas frias noites.

3/821 Se defrontando com Ezequias, Maria não levantou os olhos, o que em absoluto provocou suspeitas, visto ser a atitude normal para a época.

3/822 O comandante dos homens que serviam ao terrificante rei era Zidec, que, inexplicavelmente, poucos minutos permaneceu em Gulgal. Ao se aproximar do casal, distinguindo o varão, interrogou-lhe:

3/823 - “O que estás a fazer aqui?”

3/824 Matias, antes de responder, em pensamento clamou ao Senhor que lhe guardasse e perdoasse:

3/825 - “Com a nova companheira, fui a Cascalho, na moradia daquela que veio do mesmo ventre que a minha pessoa, para ver se ela necessitava de ajuda. Como conheces, lá só há mulheres, e mulheres não sabem trabalhar a terra. Se não sabem trabalhar a terra, não terão como dar a parte do imposto.”

3/826 Observando que o pastor estava diferente, o consiliário glosou:

3/827 - “Estás um pouco cheio. Essa tua nova companheira tem te dado bons pães para ceiar. É necessário fazer parada, senão irás cair sem vida pelo deserto.”

3/828 Prestes a seguir, questionou:

3/829 - “Ouviste falar de um José e de uma Maria, que estão a fugir por estes caminhos?”

3/830 Voltando a rogar por desculpas, sentenciou Matias que não. Ante firme posicionamento, o sempre conselheiro real os deixou.

3/831 Esperando desvanecerem-se no horizonte e após ter certeza de que não havia batedor na retaguarda, o pastor retirou o suado pequeno José do esconde-rijo. Por ele ainda se patentear alegre, indagou a causa.

3/832 - “É que tremias o tempo todo, não de medo de Zidec, mas de Deus, por estares a dizer uma não verdade.”

3/833 Com clareza ímpar, apregoou:

3/834 - **“Digo que Deus é nosso Pai e Dele não necessitamos ter medo.”**

3/835 - “Estás a me falar que o Senhor sabe que O temo porque falei uma não verdade?”

3/836 - **“Digo que Deus sabe o porquê de tudo, que Deus nos conhece mais do que nós mesmos nos conhecemos.”**

3/837 - “E se o Senhor me mandar um castigo porque falei uma não verdade?”

3/838 - **“Digo que nosso Pai não nos castiga, que somos nós mesmos que nos castigamos.”**

3/839 - “O Senhor irá querer bem a Zidec, que está a perseguir a tua pessoa e a todos aqueles que são de nossa gente, que nega a Sua existência?”

3/840 - **“Digo que Deus quer o bem de todos nós, Seus filhos, mesmo quando O negamos.”**

3/841 O pasmado Matias, fitando seu interlocutor, que proferia palavras de significado profundo, para si mesmo garantiu que ele era, de fato, distinto, pois, com pouca idade, ensinava-o sobre o Senhor.

3/842 - “É esse Deus que estás a me mostrar que quero, o que chamas de Pai”, decretou em alto som.

3/843 - “Pai do espírito, não do corpo de carne”, complementou o ansioso redentor.

3/844 - “Do que estás a falar? Em carne?”, replicou o grande proprietário.

3/845 - “Digo que existem vidas após a morte do corpo que agora temos, e vou mostrar a todos.”

3/846 A chegada de Matias com os sequestrados foi motivo de muita festa em Gulgal. Seu ato o tornou ainda mais respeitado.

3/847 José, os de sua prole, Pústula e Simão mantiveram-se no vilarejo aguardando Alfeu, que regressou transcurados seis dias. Refeita a caravana, com bastante provisões, partiram rumo a Nazaré.

## 3-5.2

3/848 Depois de emancipar Maria e o pequeno José, Zefir deslocou-se sozinho até se agregar a alguns dos que combatiam por Herodes Arquelau, definição que os marginais não aceitavam, pois afirmavam serem assírios que faziam somente suas próprias vontades, que não obedeciam a ninguém. Ao ser o algoz de Ana perguntado acerca do que fazia, não se manifestou. Um dos estrangeiros, que bem o conhecia, foi quem respondeu:

3/849 - “Falo que esse homem está a caçar aquele que veio sob a Estrela de Belém. Parece que não tem tido sucesso.”

3/850 Dirigindo-se para o também mercenário, inquiriu-o:

3/851 - “Não apareces há muito tempo. Tinha no meu interior que perderas a vida. Desta vez, quanto tempo vais ficar?”

3/852 - “Fiquei muito doente. Não estou a mando de Herodes Antipas, estou a buscar o prometido pelo deus hebreu por mim mesmo”, articulou o verdugo que dedicara as últimas dez primaveras a diligenciar sobre o paradeiro do advindo quando do surgimento do fulgurante astro.

3/853 Ao saber que no local passariam o período noturnal por ser, na opinião geral, seguro, cansado, adormeceu pesadamente. O mesmo sucedeu com os demais, inclusive com o que ficou de sentinela. Durante a madrugada, foram atacados e assassinados pelos varões de Cascalho. Como propositadamente deixariam um dos invasores de suas terras vivo, aleatoriamente, escolheram Zefir.

3/854 Quando em incursões, os assírios dividiam-se em dois ou três grupos, que tinham funções previamente definidas. Os do primeiro se encarregavam de providenciar água e alimento; os do segundo, de obterem as informações necessárias, e os do terceiro, quando carecido, incumbiam-se de vigiar os prisioneiros. Foi com este que o raptor pernitoiu.

3/855 No novo alvorecer, ao chegar os que pesquisavam a situação, encontraram os comparsas fenecidos. Rúfus, que capitaneava a súcia, ordenou que os corpos fossem contados, pois, para cada um dos seus que perecera, abateria quatro indivíduos do subjugado povo. Acreditou que a chacina não ocorrera em represália pelos desprezíveis dominados trucidados havia poucos dias, e sim que foram surpreendidos enquanto repousavam. Quando era vingança, conservavam quem aquilatavam ser o possuidor da voz de comando na cruz.

3/856 Inspecionando a circunvizinhaça, avistaram em estado de choque o único poupado, que perseverava no balbuciar:

3/857 - “Tiraram a vida de todos.”

3/858 O cabeça pensante ficou intrigado. Quem era o amalucado? Um dos assírios se aproximou e, por estar familiarizado com ele e com o ensejo pelo qual

estava na Judeia, determinou que procurassem pelos corpos de um menino e de uma mulher. Posicionado de que o forasteiro viera de longe para matar o nascido na cintilante Estela, face a face com o traumatizado, Rúfus lhe indagou:

3/859 - “Conhece a minha pessoa?”

3/860 - “Houve um massacre e todos perderam a vida, menos a minha pessoa, como naquele dia em Belém. Mas por que, por quê?”, questionava Zefir, que se referia ao extermínio dos Josés e das crianças, ainda sob o império de Herodes, o grande, em que somente, no seu entender, o anelado salvador não falecera.

3/861 Alienado do ambiente, continuou arguindo o motivo de apenas ele ter sobrevivido à carnificina de trinta e um assírios. Por o proprietário do vigia Saú não ter acatado que foram os rebeldes que aniquilaram seus cúmplices, levou-o detido para Cessareia de baixo. Pelo trajeto, os do bando decretaram que seu modo tresloucado de agir era por remorso ou para escapar da morte.

3/862 No vilarejo, o encerrado pronunciava vocábulos sem significado para os que o guardavam:

3/863 - “Falo que ele virá me libertar, devo esperar. Sei que ele virá. Deveria ter deixado o camelo para ele, que não deve ter a proteção em seus pés que vem com a chegada das colheitas. Agora, já devem estar feridos de tanto caminhar. Falo que não deixei o camelo para ele porque não conhecia o que agora conheço. Sei que ele vem me ver.”

3/864 Permaneceu na cadeia por três dias. Ausente a claridade do Sol, notando a praça do mercado iluminada por inúmeras pilhas de lenha ardente, objetivando ser inteirado do porquê, gritou por elucidação. Foi informado pelo atalaia que, por ser a oportunidade em que a lua demorava-se no céu por mais horas, era festa. Todavia, como vivia entre os usurpadores, abrangeu a causa: alguém seria executado, mas não admitiu que seria ele. Sentiu-se angustiado, que algo ruim aconteceria. Quando, através de uma abertura, fitava as labaredas, repentinamente, vislumbrou por quem ansiava, que lhe noticiou:

3/865 - “Digo que serás julgado pelos homens, não por Deus, o Pai de todos nós, que está a olhar para tua pessoa, como está a olhar para todos os Seus outros filhos.”

3/866 Da mesma forma que o garoto surgiu, desapareceu. Zefir, então, bradou de felicidade e em abundância:

3/867 - “Falo que ele veio me ver!”

3/868 Não tardou muito para ser conduzido do cárcere ao local de trocas e amarrado à pedra na qual os declarados culpados recebiam o castigo.

3/869 - “Onde está aquele que estão a falar ser o prometido aos profetas hebreus?”, interpelou-o Rúfus.

3/870 Quantas vezes perguntado, asseverava ignorar. Encolerizado, o interrogador ordenou que lhe flagelassem até que respondesse, pois tinha sido visto com um subjugado de poucas ceifas.<sup>[91]</sup>

3/871 Manifestou-se, com extremada calma, o vergalhado:

3/872 - “Não sei, e mesmo que a minha pessoa soubesse, não te falaria. Naquela cria há mais luz do que em todas as fogueiras. O prometido aos profetas já me perdoou de tudo o que fiz, que foi pelo meu não conhecimento da verdade do Senhor. Sei por que esta é a mais longa das noites e por que é mais um dia de cerimônia: tens no teu interior que sei onde está aquela cria e que irei te falar. Podes acabar com a cerimônia.”

3/873 Plenamente consciente das circunstâncias, ratificou seus verbos:

3/874 - “Não sei onde está aquele que foi prometido aos profetas, e mesmo que a minha pessoa soubesse, não te falaria. Aceito o que aquela cria está a ensinar e sei que estou do lado certo.”

3/875 Resolvido, concluiu:

3/876 - “Podes tirar a minha vida na cruz, no fogo ou na água, mas te faço um pedido: prefiro perder a vida na cruz ou no fogo.”

3/877 Curioso por Zefir não desejar perecer afogado, não obstante estranhar sua atuação, Rúfus indagou o fundamento para a inusual solicitação:

3/878 - “É que aqueles que são de minha gente necessitam da água. Aquele que foi prometido aos profetas veio libertar todos aqueles que são de minha gente da escravidão dos Herodes, e não tenho o direito de sujar a água.”

3/879 O algoz de Ana prosseguiu na justificativa, acarretando perplexidade em seus ouvintes:

3/880 - “Não fui libertado só dos Herodes, mas da própria maldade que existe no meu interior.”

3/881 Com as energias que lhe restavam, clamou ao primogênito de Maria:

3/882 - “Fico grato, onde estiveres, por me libertares das minhas maldades.”

3/883 Não se importando com a plateia, dirigiu-se a Deus:

3/884 - “Falo que estou pronto, Senhor. Sei que não sou merecedor de ir para junto da Sua pessoa, mas fico grato se puder olhar para mim, este pecador que tirou muitas vidas daqueles que são de minha própria gente por não conhecer a Sua

---

[91] Um dos rebeldes que estivera na moradia abandonada, local em que Matias se fizera passar por marginal, observara Zefir chegar acompanhado de um menino. Ao revê-lo em Cessareia de baixo, delatou-o a Rúfus.

verdade. Agora que conheço aquele que foi prometido aos profetas, não quero deixar a vida sem o Seu perdão.”

3/885 Posseio com a súplica do condenado, o furioso inquiridor sentenciou que o calassem com saraivadas de chibatadas. Findadas, insistiu em ser informado do paradeiro da procurada criança. A cada negativa que ofertava, Zefir mais contrariava o animador do espetáculo público. Quando esse novamente determinou que acoimassem o justicado, os dois eficientes carrascos fizeram-no desfalecer. Ao vê-lo prostrado, Rúfus decretou que no tronco de carvalho fosse amarrado para que nele expirasse. Porém, com pasmo, um dos verdugos avisou que ele sucumbira.

3/886 Para que servisse de exemplo, o corpo do caçador de recompensas foi içado até o nefando madeiro, no qual permaneceu por três dias. Como ninguém se ofereceu para retirá-lo, foi abandonado no deserto, de bruços, posição de profunda desonra para qualquer dominado, para alimentar os abutres.

3/887 Um homem que fraquejasse diante do perigo, que se permitira abater por um semelhante, independente das condições, sinal de que era covarde, tinha esquecido seu humilhante nome, que era extirpado das mentes dos que o conheciam com inconcebível, para nós, naturalidade, pois articulá-lo era repulsivo, motivo pelo qual Zidec e os de sua corja demoraram, e muito, para se inteirarem do sucedido com Zefir. Coroando o opróbrio do arrependido varão, por ter sido executado com a pecha de doente da cabeça, foi seu antropônimo olvidado de imediato.

## 3-6

3/888 Muita tristeza ensejou aos íncolas de Gulgal a partida dos que buscavam a Galileia. Quando de Cessareia de baixo se aproximaram, Alfeu, por receio de ser distinguido, decidiu que estanciarium nas antigas terras de Antípatris, um insignificante aglomerado humano situado nos arredores do enorme vilarejo. Experiente nos costumes imperantes, sabia que, por serem viandantes, não chamariam atenção. No lugarejo e cercanias, área de moradia temporária para muitos, dado que os seus não conseguiam ficar com o que colhiam, era corriqueiro que caminheiros se alojassem por curto período.

3/889 Depois de instalados, José, verificando que muitas das residências estavam com as coberturas danificadas, colocou-se a consertá-las, secundado do filho, que, sempre com vontade de tudo se cientificar, questionava-lhe sobre Nazaré, se era grande, que distância ainda teriam que percorrer. Anelando chegar mais perto de seu interlocutor, o aguardado redentor pôs-se a subir na improvisada escada.

3/890 - “Mas és maior que a minha pessoa e não caís”, com cativante ingenuidade manifestou-se em resposta ao pensamento do genitor para que interrompesse sua ação, pois uma das estragadas vigas poderia ruir com seu peso.

3/891 O herdeiro de Jacó ficou a sorrir, sem alternativa a não ser autorizar que o filho junto dele ficasse.

3/892 Da descontração de ambos, Maria não compartilhava. A começar de quando fora encontrada por Zefir, não mais se alegrava, pois o proferido por ele marcou-a densamente:

3/893 - “Tens no teu interior a profecia que fala ser uma vida de glória a que espera a tua cria? A tua cria será um homem que conhecerá a dor e o sofrimento causados pelos nossos pecados.”

3/894 Por jamais ter duvidado de que Deus protegia seu primogênito, a caçula de Joaquim, em oração, rogou-Lhe por forças para suportar o que viesse a acontecer. Meigamente, finalizou-a:

3/895 - “Porque não tenho conhecimento de Suas Leis.”

3/896 Desde que o mercenário pronunciara infaustas palavras, a cada petiz que via, ligava-o ao seu pequeno José. No povoado, por pouco conversar com as compatriças, deixou muitos com a conclusão de que ficara sem voz.

3/897 Mateus, o inseparável tio do prometido pelos profetas, quando brincava, comentou com seus parceiros que pelo imenso mar de areia muito andara, tornando-se alvo de zombaria, porque garantiam que se nutrira de lagartos e de gafanhotos. Condoído de quem consideravam irmão de sangue, incontinênti o pequeno José negou a assertiva.

3/898 Por seus verbos não receberem a concordância dos garotos, foram reclamar com José, que os norteou a explicar que o alarmado pelos do grupo não era veraz. Ante o imediato esclarecimento obtido do vindo de Maria de que o fizera, inquiriu se ele nunca desagradara os colegas.

3/899 - “Só algumas vezes”, confessou o queixoso.

3/900 Percebendo que os dois se apaziguaram, o habilitado orientador nada mais articulou, apenas ficou a observá-los, novamente, irem recrear-se junto da criançada, que se apinhavam no contorno do local em que os irracionais ingeriam água.

3/901 A dupla inteirou-se de que cada um dos demais juvenzinhos estava com um minúsculo peixe fenecido a fantasiar que o mesmo nadava. O último fruto do ventre de Ana aspirava, igualmente, participar do passatempo, mas não lhe aceitavam, porque não tinha um vertebrado. O almejado libertador, furtivamente ausentou-se de perto do bebedouro e para o lago dirigiu-se, capturando um exemplar. Ao regressar, trazendo-o nas mãos, convicto de que morreria por es-

tar fora de seu ambiente, com rapidez colocou-lhe no diminuto tanque. Os que com os animais sem vida se divertiam, admiraram-se, pois o dele se moveu sozinho. Por acreditarem que também o do pequeno José não vivia, perguntaram-lhe como que fizera.<sup>[92]</sup> Espantado, esse lhes respondeu:

3/902 - “Digo que só o soltei”, o que proporcionou aos da plateia divulgarem por semanas o sucedido.

3/903 Terminada a distração, os nazarenos rumaram para a moradia em que se alojavam, estando Mateus a puxar o asno mimoseado pelas de Cascalho, quando escutaram pleito de auxílio. Ao se aproximarem de onde provinha o som, depararam com um homem muitíssimo machucado. Acomodaram-no de bruços no lombo da alimária, aportando na denominada caverna das cabras. O esperado redentor então se manifestou:

3/904 - “Digo que vamos te ajudar porque pediste a nossa ajuda”, e, após bem abrigá-lo, foi-se embora, acompanhado pelo tio.

3/905 Por afiançar que os comandados de Herodes Antipas objetivavam matá-lo, o ádvena insistiu que os dois mantivessem em segredo sua estada. Foi o que motivou o çacula de Ana a não expôr sobre o ocorrido, mesmo porque ficou com medo do hebreu.

3/906 Na refeição do entardecer, o pequeno José não comeu sua parte. Maria, estranhando o comportamento, glosou com o marido que o filho não gostara do sustento. José, que saboreava o mesmo caldo de raiz, apaziguou o sentimento materno afirmando nada haver de errado com o alimento. Com certeza, completou, o menino estava sem fome. Entrementes, o anelado salvador guardara sua porção para dar ao ocultado.

3/907 Depois do jantar, o protegido de Jacó narrou à esposa que os do vilarejo ficavam com ínfima quantidade do que ceifavam. De mais que cinquenta por cento os Herodes se apropriavam, e o remanescente era dividido entre seus cruéis combatentes e outros que proclamavam serem romanos. Praticamente nada sobrava aos que trabalhavam a terra. Enquanto confabulavam, não lobrigaram que o pequeno José e Mateus discretamente se retiraram em direção à furna. Defronte a ela, o sempre presente escudeiro, receoso, não adentrou.

3/908 O fugitivo, que era escravo, jogador inveterado e despojador, em virtude de forte pirexia, alucinava. Somente enxergava os asselvajados soldados. Foi acalmado pelo prometido, que lhe ofereceu nutrimento para o corpo. O esbulhador solicitou água e o concebido por Ana foi encarregado de ir buscá-la.

---

[92] Antípatris não sofria escassez, tão comum nos demais vilarejos, do líquido essencial à vida. Possuía um diminuto açude, como chamamos, de água doce.

Na fonte, ao encher a ânfora que o forasteiro trazia em sua matula, notou-a furada. Sem opção, voltou com a notícia. Sem mais ninguém que pudesse acudi-lo, o primogênito de Maria foi até a mina e trouxe o precioso líquido em sua túnica, sob o olhar incrédulo do tio e do camuflado. O febril, saciado em sua sede, novamente perdeu os sentidos. Deixando-o na cava, os dois retornaram para o convívio dos seus.

3/909 Mateus ficou intrigado com a incrível façanha do sobrinho; porém, nada indagou. Se o tivesse, conscientizaria-se que, por estar o jarro sem serventia, o aparentado quebrou-o quase ao meio e, após várias tentativas, sem sucesso, de efetuar o transporte em uma das metades do recipiente, colocou-a sobre seu primeiro induto, rasou-a e cobriu-a com o segundo, caminhando lentamente para não agitar demasiadamente o conteúdo.<sup>[93]</sup>

3/910 Antes do pôr-do-sol ulterior, quando a dupla de socorristas regressara de onde estava o ferido, que não mais tinha a temperatura elevada, foram congregados pelo rabino, juntamente com o restante da criançada. Esmael, também ancião do povoado, iniciou seu discurso asseverando que não ignoravam o sucedido havia cerca de dois dias. Com energia nas palavras, pois se persuadira, e nenhuma dúvida turbava suas horas, de que um dos da plateia era o responsável, prosseguiu:

3/911 - “Um homem conhecido dos comandados dos Herodes está a se esconder neste lugar, e sei que um entre vós está a ajudar ele. Falo que esse homem não é um daqueles de nossa gente, é um rebelde que só faz maldade, um homem que só sabe jogar e saquear. Ele está a se esconder, não sei em que local, mas sei que será punido, porque a vingança do Senhor é infinita.”

3/912 Objetivando que o autor da obra se mostrasse, complementou:

3/913 - “Lembro a todos vós que do Senhor virá a misericórdia ou o castigo: o castigo para aquele que estiver a esconder a verdade e a misericórdia para aquele que a verdade revelar. Falo que é necessário ser justo e punir.”

3/914 Terminado a coletiva reprimenda, um dos meninos apregouou:

3/915 - “Falas que é necessário ser justo e punir esse homem, mas no rolo sagrado da Lei está escrito que, se te vingares de alguma pessoa, o Senhor se vingará sobre a tua; se um dos teus te ofender, perdoa ele, porque, quando pecares, o Senhor perdoará o teu pecado. Por que o Senhor irá castigar aquele que está a livrar esse homem da morte por mãos romanas?”

3/916 O arabi elucidou-os conforme fora educado, mas com agressividade, o que deixou o pequeno José assustado:

---

[93] Os caminheiros hebreus ou os que careciam estar sempre alerta para fugir ao primeiro sinal de perigo usavam, quando possuíam condições, **duas túnicas** sobre o corpo. Para muitos, o vestuário era o único bem material de sua propriedade.

3/917 - “Falo que o Senhor perdoa, mas sabe punir. O Senhor fará o pecador sentir o peso da Sua ira.”

3/918 - “Mas é necessário punir ou perdoar?”, perseverou Lucas.

3/919 Não possuindo condições de esclarecer tão profunda questão, o rabino encontrou solução que não o implicaria:

3/920 - “Aquele que conseguirá responder essas perguntas é o prometido aos profetas. Nosso tempo é o da espera.”

3/921 Pela reunião ser encerrada abruptamente, sem mais nada poder ser explanado, os benfeitores do espoliador não obtiveram êxito em ofertar suas versões ao assunto.

3/922 No entardecer do terceiro dia desde que os dois acobertavam o adventício, recobrou ele a consciência. Quando o primogênito de Maria se aproximou, arguiu-lhe:

3/923 - “Trouxeste água na túnica ou a minha pessoa, quando estava a dormir, foi que viu? Aconteceu ou não?”

3/924 - “Depende da tua pessoa. O que queres ter como verdade?”

3/925 O ladrão, que compreendeu a assertiva, calou-se.

3/926 Ao noticiar que se retiraria, o almejado redentor foi pelo procurado inquirido do motivo que o levava a auxiliá-lo.

3/927 - “Porque pediste a nossa ajuda”, explicou-se.

3/928 - “Falo que és diferente daqueles que têm as colheitas que agora tens”, concluiu o jogador.

3/929 - “Já me disseste”, fez-se escutar o pequeno José, que saiu da caverna, retornando para sua transitória moradia, acompanhado por Mateus que o aguardava no lado de fora.

3/930 Ainda envolvida com a proposição de Zefir, a caçula de Joaquim foi ter com o marido, expondo a preocupação, que a exauria, com o fruto primeiro de seu ventre. Relatou-lhe o sucedido pela manhã, quando devaneava e ele, seguro por suas mãos, affiançara-lhe:

3/931 - “Digo que aqueles que estão doentes é que necessitam da cataplasma e dos chás, não aqueles que estão sãos.”<sup>[94]</sup>

3/932 O articulado deixou-a sobressaltada, porque seu primogênito mostra-

---

[94] No final da tarde anterior, quando pegava gravetos para manter a fogueira acesa durante a noite, Maria lobrigou Mateus na entrada da caverna das cabras. Sem ser notada, ficou a observar se da fumaça o pequeno José sairia, o que de fato

ra-se inteirado do que se passava em seu íntimo. Indagou ao aplicado confidente o que ocorria.

3/933 - “Sabias antes de sua chegada que essa tua cria seria diferente. Não falaste que o teu anjo anunciou que ela viria com a missão de libertar todos aqueles que são de nossa gente?”, manifestou-se José.

3/934 Recordada do porquê do nascimento e intuindo a posteridade do filho, não aceitou a probabilidade de ser privada de sua presença. O consorte, que abrangerá sua amargura, objetivando amenizar o infável sofrimento do momento e antevendo o porvir, orientou-a:

3/935 - “Não turbes o teu interior, o pequeno José é uma cria de poucas coelheitas, mas devemos nos preparar para o que não conhecemos.”

3/936 Maria nada comentou. Todavia, o sentimento de mãe lhe garantia que o outrora Jeremias ocultava o campeado. Ao finalizarem, postulou ao cônjuge:

3/937 - “Sei que a vida daquele que veio de mim não me pertence, mas peço para falares com ele, que ainda necessita da tua e da minha pessoa.”

3/938 Por ter percebido no agir do garoto que alguma travessura aprontava, o protegido de Jacó compromissou-se a com ele conversar. Incontinênti, questionou-se:

3/939 - “Mas o que vou perguntar, se nada vi?”

3/940 E o ansioso salvador continuava não se alimentando no jantar, entregando-o, invariavelmente, para seu assistido.

3/941 Na furna, não muito tempo depois, o restabelecido assaltante iniciava o primogênito de Maria nos segredos das pedras dos bichos, que também poderiam ser de madeira. Nas cúbicas peças, em cinco das seis faces estava representada uma quantidade determinada de um mesmo irracional, de um a cinco, ficando a sexta superfície sem marcação. Os mais reproduzidos eram o camelo, o jumento, a serpente, o carneiro e a pomba. Previamente, os participantes ajustavam o que apostariam, pressagiavam a apuração e as lançavam. Venceria quem atinasse a adição por elas revelada.

3/942 O estrangeiro pleiteou ao aprendiz que ofertasse o possível resultado; logo após, ele espalharia os toscos artefatos.

3/943 - “Um”, foi o conjecturado.

---

aconteceu. Foi o que bastou para que em seu íntimo se estabelecesse a desconfiança de que ambos escondiam o infrator, mas não os interrogou. Contudo, a preocupação a dominou.

Quando para si mesmo afiançava que seu menino não era para socorrer um jogador e saqueador, vergonha para os de seu povo, o prometido lhe norteou:

- “Digo que aqueles que estão doentes é que necessitam da cataplasma e dos chás, não aqueles que estão sãos.”

3/944 Descortês, inquiriu o camuflado:

3/945 - “Se são vários animais e são duas pedras, por que pedes o número um? Às vezes, não és sábio.”

3/946 - “Se sou um, se és um e Deus, o Pai de todos nós, é um, qual a utilidade dos outros números?”, ingenuamente indagou o nominado Jesus ao vir ao mundo.

3/947 Nada replicando, o vindo de fora insistiu em outro palpite.

3/948 - “Sete.”

3/949 Arremessadas, o prognosticado pelo de parcas primaveras se evidenciou.

3/950 - “Falo que ganhaste.”

3/951 - “Mas, o que ganhei?”

3/952 - “Necessitamos combinar o que ganhar. Põe o teu asno e coloco outro. Aquele que acertar fica com os dois asnos.”

3/953 Extasiado, o ádvena prosseguiu:

3/954 - “Não sabes o que são estas pedras. Falo que são a essência da vida. Quando ganho, sinto que o Senhor está junto de mim. É como se os anjos conduzissem minha mão, porque sei do amanhã.”

3/955 Com sinceridade, concluiu:

3/956 - “Ganhar traz alegria ao meu coração.”

3/957 O prometido, que atento o escutava, arguiu-o sobre o que sucederia se porventura perdesse.

3/958 - “Falo que o mal irá rir.”

3/959 Com os olhos nos de quem fugia dos comandados dos Herodes por ter não somente trapaceado nas atividades de azar, o menino enfatizou:

3/960 - “Digo que o mal não sorri.”

3/961 O esbulhador, tendo como exemplo sua vivência, concordou, pois, quando a derrota o visitava, padecia.

3/962 - “Não me disseste que não irias mais jogar e nem ficar com o que não te pertence?”, lembrou-lhe o pequeno José do juramento recém feito.

3/963 O forasteiro não tinha desculpa para novamente estar com as pedras dos bichos, pois, com veemência, garantira que alteraria sua atuação. No entanto, não honrara a palavra empenhada. Contristado, tornou a afirmar:

3/964 - “Vou devolver tudo o que tomei e não vou mais ter a posse do que

não me pertence. Vou cumprir o que te falo. A nossa vida vai por caminhos que não conhecemos: cometi muitos pecados, veio a tua pessoa, e mudo o que vai no meu interior.”

3/965 De fato, possuía condições de modificar seu viver, pois tinha apenas dezenove anos. Questionado do porquê de seu agir, apregooou não saber, recomeçando a atirar seu objeto de prazer. Coincidentemente, nas três seguidas oportunidades, a somatória dera sete. Muito estranhou o vicioso. Olvidado do que articulara, entusiasmou-se. Convicto de que o advindo fora por influência de seu colocutor, interrogou-o de como procedera, imensamente desejoso de copiá-lo.

3/966 - “Digo que me fizeste uma promessa e ficarei a ver por quanto tempo irás manter o que prometeste”, respondeu-lhe, com carinho, o aguardado redentor, que, sem detença, apartou-se para auxiliar o pai, que recolhia grossos arbustos para queimar.

3/967 José, após parolar com a esposa, dispensou maior atenção às ações do filho e de Mateus. Constatou que não comiam na segunda refeição do dia; que se retiravam imediatamente e voltavam, não muito depois, com as cuias, confeccionadas com adequados calhaus, vazias. Acreditou que socorriam o saqueador de quem noticiavam.

3/968 Observando os dois ajuntando lenha para Maria, subitamente teve uma ideia. Apontando para um tronco, solicitou ao pequeno José que o trouxesse, no que foi atendido com presteza. Todavia, o garoto não o moveu um milímetro sequer. Incontinênti, justificou-se ao genitor, que simulou não o entender:

3/969 - “Não conseguiste carregar a madeira? Por que não podes com ela?”

3/970 - “Porque essa madeira é grande e pesada.”

3/971 Almejando não o acusar, pois não comprovara que fazia travessuras, o herdeiro de Jacó administrou o diálogo com inteligência, instando-lhe que outra vez tentasse. Mesmo empregando muito vigor, o nascido Jesus sucumbiu ao intento.

3/972 - “Essa madeira não me parece pesada e nem grande. Posso com ela”, asseverou José, que se avizinhou do caule seco e, sem dispêndio algum de energia, levantou-o.

3/973 - “Digo que és grande e tens muita força, o que não tenho.”

3/974 - “Não deves esquecer que és uma cria de poucas colheitas e que necessitas de um protetor para saber o que é certo ou o que não é. É o nosso destino ter paciência e esperar para ajudar. Falo que para aqueles que são hebreus é que foi escrito que a terra produzirá espinhos ...”, manifestava-se José, quando foi interrompido pelo filho que, compreendendo o intuito da conferência, declarou que precisava lhe relatar um acontecimento.

3/975 Com o propósito de que o menino não imaginasse que de algo acerca do desaparecido varão se inteirara, o viúvo de Sara indagou-lhe se era urgente.

3/976 - “Para mim é muito importante: digo que escondi aquele homem que todos estão a procurar.”

3/977 José, com a experiência que somente as primaveras proporcionam, ponderou:

3/978 - “Antes de falarmos com aquele que veio de fora, perguntemos as nossas pessoas se temos como dever entregar esse homem ao rabino ou se devemos continuar a esconder ele.”

3/979 Não demonstrando sentimento que não o de instruir, concluiu:

3/980 - “Falo que é de nosso conhecimento que todos deste lugar estão inquietos.”

3/981 Ante a explicação ofertada pelo mirrado juvenzinho, de que o amparado afiançara que não mais jogaria e nada furtaria, norteou-lhe, anunciando como interpretava uma das Leis Mosaicas:

3/982 - “Não plantes na terra em que já exista plantação de trigo duas espécies de sementes, falam os escritos. Falo que não estamos mais em uma terra do deserto, que vivemos entre homens bons, que respeitam as Leis. Como seria possível vivermos juntos, se os maus não forem expulsos?”

3/983 Convencido do que pronunciava, completou:

3/984 - “Se os maus não forem expulsos de junto dos bons, falo que nem uma só pessoa terá bondade no seu interior.”

3/985 O anelado libertador, diante do proferido, com os olhos nos de seu pai, depois nos de Maria, que se aproximara e acompanhava a conversa, sorriu e nada respondeu, unicamente postulou autorização para levar um pouco de caldo para seu assistido, que não era nutrido desde a noite anterior. Entretanto, a mãe sugeriu-lhe convidá-lo para vir se alimentar junto deles.

3/986 Feliz com o desfecho da ocorrência, quem fora em Hiatta nominado Jeremias, correndo rumou para a caverna das cabras; contudo, não mais encontrou o adventício, que, oculto, cientificara-se da confissão de seu benfeitor e, no mesmo instante, fora embora.

***QUANDO NOSSAS PERVERSIDADES EVIDENCIAREM-SE MAIS  
ROBUSTAS QUE NOSSAS BENEFICÊNCIAS, VIGIEMO-NOS.***

veja 3/1029

3/987 No novo dia, Esmael conduzia seus alunos para uma minúscula edificação, a qual chamavam Templo. Passando a comitiva pelo centro do vilarejo, notaram um homem na pedra do castigo, como os hebreus designavam o esteio

utilizado para a execução da pena corporal. O pequeno José, por conhecer intensamente o tio, que ficava apavorado quando presenciava cenas de violência e seguidamente não dormia com tranquilidade, pediu-lhe que não atentasse para o que sucedia: os comandados de Herodes Antipas puniam o defraudador, e alguns dos moradores, satisfeitíssimos, apreciavam, contando em voz alta, entusiasmados, as chibatadas.

3/988 O arabi requereu a um dos varões que junto deles caminhavam para guiar os educandos até seus destinos e, do sítio em que estava, bradou com os de sua gente que se deliciavam com o sofrimento alheio, afirmando que o espetáculo era um prazer do demônio, que o mal contaminaria e tornaria pecadores os que dele compartilhassem; todavia, não foi escutado.

3/989 O almejado redentor discretamente se afastara dos demais que ao estudo se dirigiam e, após a coima ter findada, do ladrão se avizinhou; porém, foi retirado do local pelo ancião, que lhe instou a ficar junto das outras crianças.

3/990 Sempre que iniciava as aulas, Esmael tinha como costume dadivar ao Senhor, para que tivessem bons dias. Cada um dos partícipes portava um ramo que, depois de ser abençoado, era colocado sobre a pedra da purificação. Terminada a oferenda, ele, fitando o horizonte, proclamava:

3/991 - “Falo que aqueles que são essênios, homens de grande sabedoria, fixam o olhar para o oriente, de onde irá vir o prometido pelo Senhor. Aqueles que são essênios não são diferentes das nossas pessoas, mas sacrificam os seus dias, renunciam ao que conforta a vida de todo homem e oram, porque sabem que se aproxima o momento em que aquele que foi prometido aos profetas virá trazer a salvação.”

3/992 Ultimadas suas tarefas na escola e com o caçula de Ana em segurança, o primogênito de Maria rapidamente chegou até a jaula, como denominavam o recinto em que ficavam os presos após serem maltratados, deixada estrategicamente na povoação para servir de exemplo. O espoliador tentou encobrir o rosto; no entanto, não alcançou êxito. O menino lhe perguntou como se sentia e, pela resposta, prosseguiu:

3/993 - “Digo que não mostras que estás bem! O que fizeste?”

3/994 O estrangeiro confessou ter trapaceado nas atividades lúdicas; entretanto, imediatamente se corrigiu, atestando que não, que fora enganado por um dos cruéis dominadores.

3/995 Questionou o pequeno José se os fermentos doíam.

3/996 - “Falo que mereci o castigo recebido”, exprimiu-se, com incompreensível empáfia, o inquirido, pleiteando ainda que lhe fosse lida a tábua pregada no fétido cárcere.

3/997 - “Este homem ficará sem o respeito de todos até que restitua o que saqueou.”

3/998 Descoberto a causa do justicamento, arrematou o nascido Jesus:

3/999 - “Outra vez ficaste com o que pertencia a um irmão?”

3/1000 - “Não, joguei e ganhei, mas o homem que perdeu não gostou de perder”, noticiou o assaltante, pronunciando o antropônimo de seu adversário, Zidec.

3/1001 Mal cessou a elucidação, os atalhias, percebendo o garoto, proibiram-no de na área permanecer, pois não era permitido prosear com um condenado.

3/1002 O filho de Maria se ausentou de diante da móvel cela, conforme ordenado; contudo, deslocou-se em sentido oposto, onde ficou sem ser lobrigado, apesar de os assalariados que guardavam o supliciado continuarem de sentinela, não obstante distraídos a observar as mulheres que se abasteciam na cisterna.

3/1003 O despojador, que conservava os primitivos dados em mãos, absoluta convicção tinha de que estavam encantados. Acreditando que possuía o pequeno José algum tipo de poder, solicitou-lhe que escolhesse um número para que ele, então, lançasse os objetos de azar. Intimamente, o varão garantiu que ficaria livre se a somatória resultasse no palpitado. Foi proposto o três. O declarado culpado espalhou os pseudosseixos e a totalização obtida foi o sugerido.

3/1004 - “Falo que estou liberto”, concluiu, estatuindo a seu interlocutor para sempre ficar junto dele.

3/1005 Inopinadamente, apropinquou-se dos veladores um idoso hebreu, interrogando o que fizera o enclausurado. Um deles esclareceu:

3/1006 - “É um jogador dos caminhos.”

3/1007 - “Falo para libertares esse homem”, sentenciou o desconhecido, deixando o subalterno dos Herodes a rir, pois o estranho não sabia de quem era o retido.

3/1008 - “Este homem está encerrado por mando de Zidec”, divulgou o outro.

3/1009 - “Vai chamar aquele que te comanda”, decretou o velho.

3/1010 Acampado nas cercanias, o conselheiro real veio atender o viajante. O de fartas ceifas indagou-lhe, sem pestanejar:

3/1011 - “Quanto queres por este homem?”

3/1012 - “Dez camelos e vinte carneiros”, comunicou Zidec, também sem manifestar dúvidas, asseverando ser-lhe a quantidade usurpada.

3/1013 Ofertou, o recém-chegado, dez alimárias, salientando que, independente de aceitar, o prisioneiro, com a coima que lhe impunha, certamente morreria. O consiliário não entendeu o porquê dele estar imbuído da enorme vontade de comprá-lo. Ao arguir o interessado, foi-lhe explicado:

3/1014 - “Minha caravana vinha do além Jordão e quando uma tempestade de areia me encontrou, fiquei sem água e pedi ajuda ao Senhor. Prometi que, se a

minha pessoa encontrasse água, ajudaria a primeira pessoa que necessitasse, e este homem é a primeira pessoa que encontro que está a necessitar de ajuda.”

3/1015 - “Falo que este homem é um saqueador e jogador, que irá tomar os teus pertences”, avisou Zidec, ainda não inferindo a motivação.

3/1016 Persistiu o mercador:

3/1017 - “Prometi que ajudaria o primeiro homem que encontrasse à minha frente que necessitasse de ajuda.”

3/1018 Aquiesceu o conselheiro ao preço, determinou que soltassem o enjaulado, que a negociação assistiu, e apartou-se, muitíssimo prazeroso.

3/1019 Ausente o consiliário, o esbulhador dirigiu-se ao primogênito de Maria, que no local mantinha-se em silêncio. Por acatar que orara por ele, e somente graças ao fato que se salvara, articulou:

3/1020 - “Não sei se pediste o perdão do Senhor para os meus pecados. Dez cabeças de animal é muito. Fico grato à tua pessoa.”

3/1021 Virando-se para o forasteiro, complementou:

3/1022 - “Serei teu escravo por sete colheitas.”

3/1023 - “Falo que não te adquiri. A troca que fiz foi para a remissão dos meus pecados”, respondeu o velho, que o convidou a seguir com o grupo que liderava, se fosse mesmo seu desejo reembolsá-lo com trabalho.

3/1024 Assentindo, o defraudador proclamou que o acompanharia e, ao despedir-se do anelado servidor, dele escutou:

3/1025 - “Digo que tens em teu caminho um irmão que muito te ama. Não batas na mão que te acolhe e não saqueies teu irmão pelo tempo em que ele estiver a dormir. Digo que este filho de Deus te dá muito mais do que tua liberdade.”

3/1026 - “Do que estás a falar?”

3/1027 - “O que agora te digo é para conservares na mente por todas as tuas vidas: ...”

3/1028 Orientou-nos, então, o nascido Jesus:

3/1029 - “... **quando o nosso lado mau se mostrar mais forte que o nosso lado bom, digo para nos vigiarmos que venceremos o mal que há na nossa mente.**”

3/1030 A caravana do comerciante partiu da gleba de não mais posse de Antípatris sem que os nativos se inteirassem de seu destino, e para sua provisória moradia o outrora Jeremias rumou, onde narrou à mãe, detalhadamente, sobre o ocorrido. Ela, não abrangendo a causa para o fruto de seu ventre ter se afastado do rabino sem autorização, logrou elucidação:

- 3/1031 - “Porque batiam naquele homem que necessitava de mim.”
- 3/1032 - “Mas o que poderias fazer por ele?”
- 3/1033 - “Digo que ouvir seu lamento. Agora, estou a procurar como poderei ajudar aquele homem.”
- 3/1034 - “Por que não me ajudas?”, questionou a caçula de Joaquim, hiperpreocupada com o que sucederia a seu colocutor no futuro, pois permanecia mais do que convicta de que o perderia, sentimento de conhecimento de seu primogênito.
- 3/1035 - “Digo que não quero que sofras por mim.”
- 3/1036 Ficou a desassossegada genitora quieta e José, que da conversa participara, receitou-lhe, após ter o garoto se retirado:
- 3/1037 - “Estás a sofrer pelo que tens no teu interior que irá acontecer. Não debes esquecer que o pequeno José é só uma cria de poucas colheitas, e como uma cria de poucas colheitas deverá viver, até que o Senhor fale a ele o que fazer. Falo que não devemos contrariar as Leis do Senhor.”

### 3-6.1

- 3/1038 Zidec estava em Cessareia de baixo não somente a caçar o prometido pelos antigos profetas, mas também com o objetivo de apreender. Arrogaria não o trigo ou as alimárias, mas varões, e saudáveis.
- 3/1039 Em 26 de Novembro de 1 a.C., um dia após a partida do benfeitor ancião, os asselvajados soldados reuniram na praça central do vilarejo os íncolas do sexo masculinos, excluindo os meninos. O consiliário explicaria o porquê de sua ordem, porém os subjugados, recalcitrantes, pisavam com energia o solo em sinal de protesto. Mesmo com suas palavras sendo abafadas pelo barulho que faziam, divulgou-lhes:
- 3/1040 - “O que fazeis, como fizeram vossos protetores, não é do meu gosto. Sei que vossos protetores quiseram expulsar Péfido-Amã, comandado do rei Artaxerxes, que queria acabar com aqueles que eram hebreus.”
- 3/1041 Enfático, prosseguiu:
- 3/1042 - “É inútil insistir. Estou neste lugar para cumprir mandos.”
- 3/1043 Entrementes, foi interrompido por ninguém menos que José, o ex-carpinteiro de Nazaré, autoproclamado porta-voz da coletividade:
- 3/1044 - “Vejo que conheces o passado daqueles que foram de minha gente.”
- 3/1045 - “Tenho conhecimento de alguns dos escritos do vosso povo, o que me basta para saber o que vai nos vossos interiores.”

3/1046 - “Falo que não mostras que tens conhecimento desses escritos.”

3/1047 Raivoso e apontando o dominado que ousara enfrentá-lo, sentenciou rapidamente o conselheiro real:

3/1048 - “Estás enganado. Sei que sabes que não tereis paz se não nos expulsardes de vossas terras. Para vós, todos os comandados de Herodes Antipas são seres imundos. Sei que cortariam a minha garganta, o que me basta.”

3/1049 Com indiferença, apregoou:

3/1050 - “Estou aqui para confiscar.”

3/1051 - “Confiscar o que, se já levaste tudo o que temos?”

3/1052 O impetuoso José, com desenvoltura, complementou:

3/1053 - “Por que colocaste na madeira como são chamados os homens deste lugar? Falo que já estamos a perder muito tempo; depois, queres receber os impostos. E como pagaremos, se não nos deixas trabalhar a terra? Ou vais querer nosso trabalho?”

3/1054 - “É o que quero. A partir de agora, sereis escravos de Herodes Antipas.”

3/1055 E os cordatos indivíduos, em virtude das circunstâncias, foram apropriados, com exceção dos com muitas ceifas e dos doentes. Seguiram com Zidec sem oporem resistência, pois não ignoravam que qualquer ato de rebeldia ocasionaria a morte dos seus.

3/1056 Assenhorearam-se do herdeiro de Jacó, mesmo esse velho e ferido, como exemplo para os demais de agir errôneo. Alfeu e Simão, que ficaram escondidos, não foram privados da liberdade; tampouco Pústula, pela idade que tinha.

3/1057 Após o marido ter se ausentado, a preocupadíssima Maria comunicou seu primogênito de que seria ele o responsável pelo agradecimento do alimento no almoço e no jantar. Entendendo que era também o encarregado das tarefas não elencadas verbalmente, o pequeno José teve um início como chefe de família desastroso. O pai começara a fazer um banco para o diminuto Templo, e com muita disposição foi terminá-lo; todavia, quando o levantou, ele simplesmente desmontou. Insatisfeito com sua nova função, foi até a genitora e indagou, abalizando os pedaços de lenho no chão:

3/1058 - “Não é possível a minha pessoa ser o homem desta moradia. Digo que não sei trabalhar a madeira.”

3/1059 Seus vocábulos provocaram um jovial sorriso na caçula de Joaquim, que esclareceu:

3/1060 - “Não foi o que te falei. Como és aquele que veio primeiro, farás a oração das ceias. Se alguma pessoa perguntar sobre o homem desta moradia, indicaremos a tua. Não somos mulheres sem um cabeça. É só até José voltar.”

**POR NÃO PRECISARMOS SOFRER, COMO CONCLUIR O ATUAL  
ESTÁGIO NA VIDA DE CARNE SEM PADECIMENTOS?**

veja 3/1068

3/1061 Ainda nas antigas terras de Antípatris, o nascido Jesus mais uma vez tentou noticiar a mãe das visões que tivera atinente a seu futuro:

3/1062 - “Digo que vi a minha pessoa em uma cruz que estava em um monte.”

3/1063 A colocutora, decididamente, garantiu que nada de ruim deixaria lhe suceder.

3/1064 - “Digo que poderei estar em uma cruz se alguns daqueles que se programaram vir à vida de carne com a minha pessoa mudarem seus caminhos, e sabes que não poderás mudar o que está por vir.”

3/1065 - “Sei que não posso mudar o que irá acontecer, mas, se não falares a uma só pessoa as palavras que estás a falar serem ensinamentos e ficares comprometido, sei que não estarás em uma cruz.”

3/1066 - “Digo que não vim a esta morada para ajudar a multiplicar os corpos de carne, como muitos de nossos irmãos, mas vim para trazer a todos os ensinamentos de nosso Pai e resgatar compromissos que conquistei em vivências passadas.”

3/1067 - “Mas se falares a todos essas palavras que estás a falar serem ensinamentos, sei que irás ser perseguido e muito sofrerás.”

3/1068 - **“Digo que Deus tem para todos nós, Seus filhos, um caminho livre de sofrimentos: é só praticarmos os Seus ensinamentos que encontraremos paz e alívio para nossas dores. Nosso Pai não fará com que não mais sintamos dores se praticarmos os Seus ensinamentos, mas Seus enviados nos ajudarão a encontrar outro caminho a seguir. Digo que teremos, então, a oportunidade de eleger qual caminho queremos: o da dor ou o que conduz a Deus, que é a prática dos Seus ensinamentos.”**

3/1069 - “Mas conseguirás fazer com que todos conheçam o caminho que leva ao Senhor?”

3/1070 - “Digo que é o que vim fazer nesta morada: mostrar a todos os povos o caminho que conduz a Deus e resgatar compromissos de vivências passadas.”

3/1071 Arrematando, confessou:

3/1072 - “Não quero que sofra por mim.”

3/1073 Maria ficou pensativa, mas sobre o proferido nada questionou ou glosou.

3/1074 Diante do ocorrido com o patriarca dos Clópatas, Alfeu acreditou que deveriam retomar a jornada sem ele; porém, por causa dos seus descendentes, Pústula e Simão recomendaram-lhe que pedisse a mais dois homens que os acompanhassem, para auxiliarem a deles cuidar. Contudo, caso resolvesse partir,

salientaram os agregados, demoraria para se organizar e, como urgia retornar às suas residências, não tinham condições de aguardar. Sugeriram-lhe que permanecesse no lugarejo com os sob sua responsabilidade por mais algumas luas, para que a petizada se fortalecesse e não corresse riscos dispensáveis na estafante marcha.

3/1075 - “Podes até perder uma delas. Falo que os caminhos do deserto são de muito sofrer para as crias de poucas colheitas”, complementou o ex-leproso.

3/1076 Em relação a José, as opiniões dos três foram unânimes: não volveria.

3/1077 O caravaneiro explanou sua percepção à concebida por Ana. Essa, ao ser mencionado que um de sua prole poderia perecer no percurso, optou por protelar a estadia no aglomerado humano, finalizando:

3/1078 - “Zidec e seus comandados já passaram por aqui e muito logo não voltarão.”

3/1079 Sem bens para trocar por mantimentos, foi ela labutar como agricultora junto das demais íncolas, obtendo seu quinhão do alimento e do leite. Não raro, ficava a observar o horizonte, na expectativa de avistar o marido. Uma das varoas, que também tivera o consorte confiscado, chamada igualmente Maria, em um desses momentos aproximou-se e a advertiu:

3/1080 - “Não deixes ficar no teu interior só o que crês que irá acontecer. Sei que nada mudará os nossos caminhos.”

3/1081 A mãe do pequeno José, então, a inquiriu se os forasteiros, que conversavam com Alfeu, apregoaram sobre sendas em construção, por ter sido a notícia que auferiram acerca do porquê da apreensão de hebreus. A do mesmo nome, mulher experiente, motivo de seu ceticismo, respondeu-lhe:

3/1082 - “Falaram que viram, mas não tenho no meu interior que viram alguma pessoa a fazer caminhos. Falam o que ouviram de outros.”

3/1083 A caçula de Joaquim explicitou sua esperança no regresso do cônjuge. A interlocutora desiludiu-a:

3/1084 - “Falo que não irão voltar. É como no tempo da revolta, quando os comandados de Herodes encerravam os homens e anunciavam que levariam eles para trabalhar a terra, e nem um só homem voltou.”

3/1085 Na manhã de mais um dia que raiara na gleba não mais pertencente a Antípatris, um adventício, que aparentava bastante idade, com a túnica e o turbante inteiramente brancos, apresentou-se a Esmael, indagando por Maria, a esposa de José, o carpinteiro, e seus rebentos.

3/1086 - “Este homem veio de longe, de Alexandria, no Egito, para te falar”, asseverou o rabino que, sem detença, afastou-se para que os dois confabulassem.

3/1087 - “A paz de Deus esteja com a tua pessoa.”

- 3/1088 Após a saudação, prosseguiu o recém-chegado:
- 3/1089 - “Vim para te conduzir ao lugar em que teu filho estará em segurança, mas respeitarei a tua vontade se não quiseres minha ajuda. Peço para conservares na mente os sinais dados por Deus.”
- 3/1090 Exalando tranquilidade, ultimou:
- 3/1091 - “Voltarei depois que o Sol for e voltar por seis vezes para saber o que decidiste”, e, sem mais nada articular, retirou-se.
- 3/1092 Acompanhado por Esmael, que o ficou esperando a uns vinte passos, partiu em direção a Jope.
- 3/1093 A outra Maria que, curiosa, escutara a prosa, perguntou à também genitora de João, Verônica e Tiago por que o estrangeiro viera para guiá-la. Desconfiada, continuou seu interrogatório:
- 3/1094 - “O que há com a tua cria? Qual delas está em perigo?”
- 3/1095 - “Quando o Sol aparece já estamos em perigo. Não são só as minhas crias que estão em perigo, são todas as crias. Pelo tempo em que os Herodes e seus comandados estiverem a fazer o que querem, todos estamos em perigo”, proferiu a inspirada tia e madrastra de Marta.
- 3/1096 A assertiva fez com que a colocutora, além de concordar, acrescentasse:
- 3/1097 - “Não são só as tuas crias que estão em perigo. Todas as crias serão escravos dos Herodes quando tiverem mais colheitas.”

## 3-6.2

3/1098 Juntamente com os apropriados nas antigas terras de Antípatris e em outros vilarejos, o unigênito de Jacó laborava na edificação de estradas para os romanos; no entanto, sequer imaginava onde. Quebravam pedras e cavavam barrancos. Nos primeiros dias da jornada, não foi permitido que dormissem; tampouco lhes forneceram sustento, somente água, mesmo quando encetaram a morrer. Quirino, o carrasco maior, no linguajar dos hebreus, sentenciava ao ter seu plantel de trabalhadores diminuído:

- 3/1099 - “Este foi um que queria fugir, e conseguiu.”
- 3/1100 Os corpos eram atirados em valas e não cobertos, pois logo outros infelizes seriam jogados por cima.
- 3/1101 - “O Senhor dá a vida, o Senhor tira a vida. Receba, Senhor, este homem em Sua paz”, repetia José a cada falecimento.
- 3/1102 Alguns dos privados da liberdade sugeriram enfrentar os soldados,

conclamando seus pares para se lembrarem que Moisés matara um dos capitaneados pelo faraó, o qual tratara, no garantir deles, seus pais como cativos; contudo, o finalmente prudente viúvo de Sara, que padecia o que a si próprio causara, pois não precisava, por ser velho, tornar-se menos que vassalo, em nenhuma ação tomou parte.

3/1103 Seus ferimentos, quando do incêndio em Hiatta, vertiam sangue; entretentes, obrigavam-no a se empenhar junto dos demais com redobrado afínco.

3/1104 Em instante de escasso descanso, dele se aproximou um varão, chamando-o pelo antropônimo.

3/1105 - “Conheces a minha pessoa?”, questionou surpreso ao adventício.

3/1106 - “Falo que és o protetor do pequeno José.”

3/1107 - “Como é que me conheces?”

3/1108 - “Sou aquele que o pequeno José escondeu.”

3/1109 Memorando o ocorrido na gleba que não mais pertencia a Antípatris, quando, em seu entendimento, o ocultado saqueador fizera com que o primogênito de Maria mentisse, o herdeiro de Jacó, com proposital rudeza, indagou:

3/1110 - “O que mais queres do pequeno José?”

3/1111 - “Sou um daqueles que não fazem o bem e mesmo a saber, o pequeno José me ajudou. O pequeno José é uma cria diferente. Quando se está perto dele, acontecem fatos diferentes”, resposta que fez o inquiridor apartar-se, sem mais nada pronunciar, pois inferiu que o despojador pretendia obter informações sobre o menino.

3/1112 A lide era desde o nascer até o pôr do astro rei. Mesmo sendo, para os da época, ancião, e comprovadamente doente, José de nada foi poupado.

3/1113 Em uma manhã, Quirino, o romano coordenador das atividades construtivas, mandou que trouxessem à sua presença o destacado idoso. Noticiando que havia dias que o observava, salientou ter notado que os de seu povo o respeitavam. Sem detença, interrogou-o, não sem antes enfatizar que acreditava ter ele mulher e filhos, que passavam por dificuldades com sua ausência:

3/1114 - “Gostarias de voltar para tua moradia, não é verdade?”, ao que o prisioneiro aquiesceu.

3/1115 Completou o verdugo:

3/1116 - “Sei que estão a falar em fuga. É melhor teres no teu interior o que queres, porque nem uma só fuga dará certo”, e retirou-se.

3/1117 Também por não abarcar o objetivo do dominador, José não proferiu uma única palavra.

3/1118 No dia ulterior, novamente compareceu perante ao carnífice, que alinhara os que suspeitava serem os organizadores da planejada evasão. Rispidamente, exigiu que cada um anunciasse o nome. Zalete, exprimiu-se por primeiro. Cainam, da tribo de Judá foi o segundo, seguido de Natan e de Failete. Perguntou o usurpador se os quatros eram de Nazaré, o que confirmaram. Dirigiu-se, por último, ao viúvo de Sara, notificando-o:

3/1119 - “Sei que és de Nazaré.”

3/1120 Aos cinco prolatou:

3/1121 - “Sei que estais a preparar uma fuga. Por agora, tenho vós, que fazeis orações diferentes.”

3/1122 Apontando o dedo indicador para o herdeiro de Jacó, alardeou:

3/1123 - “Estou certo de que entre vós está aquele que fala por todos. Se não me entregardes aquele que é o cabeça, sereis cúmplices dele. Estais certos de que não sabeis do cabeça, aquele que fala por todos? Ou não quereis falar?”

3/1124 Os integrantes do quinteto nada articularam. Quirino, irado com a não delação, convencido de que José o mentor da trama conhecia, apregoou:

3/1125 - “O vosso silêncio será inútil porque irei descobrir aquele que fala por todos.”

3/1126 Findando, sentenciou que enclausurassem somente quem julgara que lhe informaria acerca do chefe da rebelião, que ficaria por três dias sem nada ingerir.

3/1127 O cônjuge de Maria foi conduzido para uma cavidade, espécie de cela onde eram punidos os cativos, que media três metros de comprimento, dois e cinquenta de largura por um e meio de profundidade. Logo que adentrou, a figura do primogênito da companheira inundou-lhe o ser. Conservava-se convicto de que, se delatasse a liderança de Natan, estaria livre. Por se negar a proceder conforme a vontade do carrasco, outra vez, colocou o que o prometido viera fazer em perigo. Contudo, justificou-se:

3/1128 - “Sei que Quirino quer que a minha pessoa entregue um daqueles de minha própria gente. Falo que o Senhor não me perdoaria, nem pela minha liberdade.”

3/1129 Seu condenador se aproximou do buraco e lhe asseverou:

3/1130 - “Não agiste com sabedoria ao não me ouvir. Vamos ver por quanto tempo terás vida. Falam que um homem não fica com vida por mais que três noites. Quanto tempo irá suportar um hebreu?”

3/1131 O dia inicial José tolerou. No subsequente, começou a ter miragens, sentindo sua vivência se esvaír. No terceiro, rogou ao Senhor:

3/1132 - “Sei que estou a sofrer por minha culpa, que não deveria entrar em discórdia com Zidec. Agora, Maria e todos aqueles que dela vieram estão sob Sua proteção. Não permita que a minha pessoa deixe a vida por não ter água para beber.”

3/1133 Esperançoso, concluiu:

3/1134 - “Peço que me dê ao menos um pouco de água. Senhor, sei que pode fazer. Use um desses homens aqui presentes. Falo que confio no Senhor.”

3/1135 Encerrada a prece, piamente admitiu ter sido escutado. Incontinênti, avizinhou-se o jogador com o implorado, a lhe comunicar:

3/1136 - “É só um pouco. Quando puder, trago mais.”

3/1137 Chorando, o enjaulado agradeceu ao Senhor pelo que recebeu. Seu benfeitor pediu que saciasse logo a sede, senão seria flagrado. Garantiu-lhe José que nada de ruim aconteceria, pois estavam resguardados por invencível força. Lamentando as circunstâncias, noticiou ao ainda viciado varão que não se manteria consciente por muito mais e, em voz alta, clamou ao Senhor que o desculpas-se, pois os filhos ficariam sozinhos. Subitamente, claro como o Sol, captou:

3/1138 - “Pediste um pouco de água, e te foi dado. Estás com medo de deixar sua vivência? E a confiança em Deus que falaste ter há pouco? Buscaste sofrer e tens medo? Confia em Deus.”

3/1139 Envergonhado e assustado, inquiriu ao defraudador se proferira algo. Com a resposta adversa, decretou que fora o Senhor, e não mais reclamou da sorte.

3/1140 Na manhã do quarto dia do encarceramento, Quirino, sem nenhuma explicação, foi até o compartimento do castigo com o precioso líquido e alimento e ordenou que soltassem o escravizado. Ao herdeiro de Jacó confessou:

3/1141 - “Não me fales nada, nem sei por que faço.”

3/1142 Com o socorrido pelo pequeno José, que tinha plena liberdade para ir e vir, o viúvo de Sara comentou a atitude do romano, que longe dos dois permanecia. Afirmou ter sido o Senhor quem amolecera o sentimento do carrasco. Quando fora do local de suplício, observou o carníface, secundado do saqueador, retirar-se, instante em que uma valiosa moeda de ouro caiu de suas roupas. Dela José se apossou, pois interpretou como intencional o ato do algoz de inúmeros dos de sua gente. Em seu entender, não tivera ele coragem de disponibilizá-la sem ardileza. No entardecer, o habituado nas atividades de azar informou-o de que iria para Jope. Desassossegado com a situação da esposa, solicitou-lhe que passasse a ela o tesouro que detinha e a avisasse que regressaria.

***SE APENAS AMARMOS A QUEM NOS AMA, QUE MÉRITO TEREMOS?***

veja 3/1149

3/1143 Nas antigas terras de Antípatris, Maria continuava amargurada com a ausência do marido e pela conjuntura desfavorável que os filhos enfrentavam, e pensativa nos termos anunciados pelo homem que viera de Alexandria para ampará-la.

3/1144 Após mais um dia de exaustivo trabalho, uma das agricultoras encontrou seu rebento a queimar em brasas, como se exprimiam. A desesperada hebreia, enlutada pela morte de seu primogênito, demandou por assistência. Apreensiva pelos seus, a caçula de Joaquim recolheu-os, agir seguido por outras mães, que temiam que a pirexia fosse o principiar da hanseníase.

3/1145 O servidor asseverou que desejava auxiliá-la. Mesmo não lhe sendo consentido, muito insistiu. Maria perguntou o que teria ele condições de fazer.

3/1146 - “Poderei carregar água para ela banhar aqueles que são de poucas colheitas. Digo para não deixarmos ela só, agora que está a necessitar de ajuda.”

3/1147 - “Gosto da tua pessoa e não suportarei te ver doente. Falo que nem uma só pessoa gosta daquela mulher.”

3/1148 Acompanhado nas minúcias pelas varoas que aplicadamente absorviam o diálogo, o prometido ensinou:

3/1149 - **“Se amarmos só aqueles que nos amam, que mérito teremos? Para estarmos no caminho que conduz a Deus, além de amarmos aqueles que nos amam, digo para amarmos aqueles que não nos amam, para bendizermos aqueles que nos maldizem, para fazermos o bem àqueles que nos odeiam.”**

3/1150 Imediatamente, as da plateia se puseram a acudir a em dificuldades. Uma foi preparar caldo quente; outra, esteira decente e túnicas para o febril menino e a concebida por Ana, segurando o satisfeito professor pela mão, locomoveu-se até a moradia da desalentada genitora.

3/1151 Depois da demonstração de como amar seu próximo, nenhuma outra do lugarejo evitou a mais que desprovida irmã, que realmente não praticava os ensinamentos de Deus. Maria, a partir do acontecido, jamais fez diferença entre seus filhos, quando ficavam enfermos, e o das outras mulheres.

***PREOCUPEMO-NOS SIM COM O CORPO DE CARNE QUE TEMOS,  
MAS NÃO NOS ESQUEÇAMOS DE NOSSO ESPÍRITO.***

veja 3/1159

***PARA QUE NOSSO FUTURO SEJA DE REALIZAÇÕES,  
FAÇAMOS A CADA DIA A BOA SEMEADURA.***

veja 3/1163

### 3-6.3

3/1152 Por pronunciar chuva e por a messe estar pela metade, Esmael, em virtude do recém-confisco, reuniu os jovens e providenciou a divisão de tarefas, objetivando terminarem-na. Os mais fortes arrancariam o trigo e se responsabilizariam pela obtenção das pedras para a segregação do novo do das safras anteriores; outros bateriam os frutos para que se depositassem em cima do manto feito com vários pedaços de lã de carneiro. Os demais transportariam o produto da ceifa para dentro da caverna. O nascido Jesus, que se empreitou o mais pesado, foi impedido pelo rabino por ser pequeno. Apesar de muito perseverar, não granjeou autorização para laborar.

3/1153 As famílias dos que participassem de alguma forma das atividades desenvolvidas fariam jus a um incremento nos víveres que fossem distribuídos. Por conhecer o proceder, o anelado salvador se disponibilizou para o trabalho, pois apenas Marta e Maria labutavam para o sustento das cinco crianças e de Alfeu, o qual, por ser o caravaneiro e por estar estacionado, tinha que ser nutrido pelos que o contrataram.

3/1154 Enquanto separava os lidadores mirins em grupos de quatro e indicava onde deveriam ir, na lavoura de Acam, de Calée, ou de Eliazar, observou o arabi que o mais velho dos Clópatas se retirava tristonho e cabisbaixo por ter sido recusado. Chamando-o, indagou:

3/1155 - “A tua pessoa, que necessita de moedas, sabe cuidar das ovelhas?”

3/1156 Abrindo um largo sorriso, o garoto respondeu afirmativamente e, diariamente, pôde pastoreá-las.

3/1157 Durante a guarda, lobrigou que cada uma devorava com aflição o capim verde que encontrasse, para que outra nele não avançasse.

3/1158 Em um entardecer, compartilhando da conversa da mãe com as mulheres que com eles dividiam a mesma residência concernente o que fariam no vindouro alvorecer, se tosquiariam os dóceis bovídeos, se amanhariam o solo, levantou-se e, sendo atentamente escutado, apregouu:

3/1159 - **“Digo que só estamos a nos preocupar com o alimento para o corpo de carne, em cuidar só do corpo que agora temos, mas com a busca do alimento que vem de nosso Pai, os Seus ensinamentos, não, com as vidas após a morte do corpo que temos, não. Não é o espírito que foi criado por Deus mais importante do que o corpo de carne? Digo para praticarmos os ensinamentos de nosso Pai, porque, se não o fizermos, não haverá colheita farta para nem um só de nós, Seus filhos.”**

3/1160 Ante o sepulcral silêncio, prosseguiu:

3/1161 - “Olhai os pássaros que voam sobre os lírios nos campos. Eles, iguais a nós, semeiam os campos, mas não se preocupam com quanto haverão de colher.

Pergunto a todos vós: quantos de nós poderemos mudar o curso de um só rio com nossas preocupações?”

3/1162 Por nada articularem, finalizou:

3/1163 - **“Digo para praticarmos o que nosso Pai, que é Deus, nos mostra em Seus ensinamentos, e deixemos que a terra e a chuva façam brotar a semente que plantamos no seio da terra. Façamos nossa parte e esperemos ter colheitas fartas, como os pássaros que semeiam e, quando chega a noite, dormem tranquilos nas árvores sem se preocuparem com o que ainda está por vir. Digo para fazermos a cada dia a nossa sementeira, para que tenhamos colheitas fartas nas vidas que haverá de vir após a morte do corpo de carne que agora temos.”**

3/1164 As mulheres, apreensivas em demasia com a conquista do custeio do corpo de carne, entenderam com exatidão o proferido.

### 3-6.4

3/1165 Na construção para os romanos, o saqueador, que não lograva êxito em ter nada de valor, viu-se mais uma vez portando ouro, o que José lhe incumbira de entregar à esposa. Pouco tempo antes, estivera com joias e algum dinheiro, que malbaratou nas atividades lúdicas, conseguidas traindo a confiança do comerciante que lhe libertara. Fugira na calada da noite com expressiva fração do tesouro do negociante. Por acreditar que viriam em seu encalço, anuiu trabalhar para Quirino. Por ser hebreu, orbitaria em meio aos seus sem que suspeitassem; conseqüentemente, saberia o que entre eles se passava e ao coordenador delataria os que agissem em desacordo com as determinações expedidas. Consciente do roubo que executara, aproximou-se dos comandados de Herodes Antipas por julgar que não seria procurado pelo mercador fiel e temente ao Senhor em um local de sofrimento e violência.

3/1166 Possuía o jogador o vil metal em mãos e, se o destino o favorecesse, o que garantia para si mesmo que adviria, abiscoitaria bestas para montar uma caravana. Imbuído de muito auferir, deparou-se com soldados a lançar a sorte. Apelando para participar do irreprimível programa, foi aceito. Quando um deles requestou que sugerisse a totalização, sua proposta foi incomum. Estranhando, o combatente inquiriu:

3/1167 - “Por serem duas as pedras, por que pedes o um?”

3/1168 Reproduziu idêntica resposta que o pequeno José, com o escopo de aparentar sobeja erudição:

3/1169 - “Se és um, se sou um e o Senhor é um, qual a utilidade dos outros números?”

3/1170 - “Para ganhar ou perder”, ironicamente manifestou-se o embrutecido guerreiro, para o deleite dos da plateia.

3/1171 O despojador, alterando sua opinião, anunciou o sete e espalhou os adaptados seixos. A somatória dos dois nele resultou; porém, como nada apostara, nada granjeou.

3/1172 Entusiasmado, lembrando-se do acontecido quando ombreara com Zidec e a adição dos dados raramente não era o sete, nele arriscou o que recebera do unigênito de Jacó. Venceu, e na maioria das oportunidades seguintes, sempre exigindo, por pensamento, a proteção do garoto que o socorrera. Acumulou significativa quantidade dos almejados instrumentos romanos de compra que circulavam na tetrarquia e quatro jumentos. Ao amanhecer do dia, comunicou que a partida que iniciava seria a sua derradeira. Feito as escolhas, prometeu-se ofertar fausto ao menino, dando-lhe metade do que embolsasse. Palpitou no sete. Arremessados seu inseparável aparelho de prazer, foi ele o saldo. Viu-se, então, premiado com diversos irracionais e recursos financeiros em abundância, o que lhe possibilitaria organizar não uma, mas três cáfilas.

3/1173 Inconformadíssimo com o fado de seu oponente, o último dos que insistiam na competição, sarcasticamente indagou que mágica fizera, desafiando-o para o lança terminal. O viciado, não assentindo, fez menção de guardar o que afortunara. Avivando sua ganância, quem ininterruptamente mantinha o rosto coberto quando aplicava as chibatadas, suscitou-lhe:

3/1174 - “Jogo contra tudo o que ganhaste com o teu sete e coloco mais quatro moedas e um camelo. Jogo no dois, os olhos do diabo.”

3/1175 Não resistindo à tentadora provocação, pois, bem-sucedido, dobraria seu capital, o esbulhador condescendeu. O que o regozijou aos píncaros foi o laurel extra lhe oferecido. De antemão, viu-se proprietário de portentosas caravanas. Antes de propeler os maléficos calhaus, direcionou a quem o salvara na ex-gleba de Antípatris a solicitação de amparo, concluindo:

3/1176 - “Estou em tuas mãos.”

3/1177 Olhos do diabo porque quem o pleiteasse certamente seria derrotado. Para tristeza do defraudador, o fruto do arrojo foi dois.

3/1178 Por nada mais possuindo para rivalizar, o perdulário hebreu rogou ao vitorioso que lhe presenteasse com pelo menos um dos valiosos objetos, na época circulares, empregados como meio de pagamento, mas não foi atendido. Por muito persistir, atestou o castigador que poderia obtê-la, caso tivesse algo de interessante para disputar.

3/1179 - “Jogo o asno que tenho”, apregoou o espoliador, com desfaçatez, omitindo que o animal era de Quirino.

3/1180 A conjuntura se repetiu: foi sobrepujado. Tendo o pernicioso hábito

do jogo enraizado em sua índole, concorreu com sua liberdade. O encapuzado lhe preveniu:

3/1181 - “Sabes que, se perderes, furarei tua orelha e serás meu escravo.”

3/1182 - “Quanto vale a vida de um homem livre?”

3/1183 - “A tua? Só esta moeda”, e atirou uma das menores.

3/1184 Não muito depois, no mercado de Cessareia de baixo, com substancial acréscimo ao valor apostado, o saqueador foi vendido para Numídia, conselheiro de Maruno, que adquiria trabalhadores fortes e saudáveis para o importante romano.

3/1185 Desde que se tornara patrimônio móvel do carrasco, o assaltante intimamente decretou que o pequeno José o emanciparia, enxergando sua silhueta em cada menino que avistava.

3/1186 O novo dono do corrompido pelas pedras dos bichos iria para Jope, com passagem pelas antigas terras de Antípatris.

***NOSSO ESPÍRITO ESTARÁ DESPROVIDO DE AMARRAS SE  
EXERCITARMOS OS ENSINOS DE NOSSO PAI.***

veja 3/1227

***AO DARMOS O QUE COMER A QUEM TEM FOME, ÁGUA A QUEM  
TEM SEDE, AO COBRIRMOS QUEM TEM FRIO, PRATICAMOS  
OS ENSINOS DE DEUS E NOS AUXILIAMOS PARA QUANDO EM  
OUTROS TEMPLOS DE CARNE REGRESSARMOS.***

veja 3/1243

3/1187 À beira da primitiva estrada, observou o prometido pelos profetas uma caravana que se aproximava. Quando por ele cruzou, acompanhou-a com o olhar. O ladrão que se fizera cativo, que carregava uma padiola, então, resignado com sua condição e, estranhamente, pretendendo não ser reconhecido, ocultou a face; todavia, o feito pastor, puxando-o pela túnica, questionou:

3/1188 - “Por que todas as vezes que te vejo estás a te esconder? Digo que cada vez que te encontro ...”, sendo interrompido pelo que labutava sem recompensa alguma, que, bronqueado, sentenciou-lhe que demorara para chegar.

3/1189 - “Por que tardei?”

3/1190 - “Falo que esperei a tua pessoa por muito tempo.”

3/1191 - “A minha pessoa não sabia que tinha um encontro com a tua.”

3/1192 - “Por um momento tive no meu interior que a tua pessoa iria vir para me ajudar”, confidenciou o privado de vontade.

3/1193 Percebendo a aflição de seu interlocutor por estar na desagradável situação, o ansioso redentor, que junto dele andava, perguntou-lhe se não fora

o próprio quem proclamara não ser necessário se desesperar quando subjugado pela sorte. O despojador não conseguiu contestá-lo, pois o preposto de quem carecia obedecer cegamente mandou que parassem e ficassem quietos.

3/1194 - “Por que nada podes dizer?”, indagou, inocentemente, o pequeno José.

3/1195 - “Escravo só deve falar quando lhe é ordenado.”

3/1196 Logo após, Maruno avisou que estacionariam, pois sua esposa conceberia. Quando abaixava a padiola, o jogador escutou que, ainda durante a noite, não seria mais patrimônio material de um outro varão. Inteirado da reputação de seu amo em relação aos da classe que pertencia, o recém-comprado asseverou ser impossível.

3/1197 - “Digo que serás liberto”, reproduziu a notícia o nascido Jesus, que se afastou e em uma rocha, não muito longe, sentou-se, atento ao rebanho e ao que acontecia.

3/1198 No instante costumeiro, levou as alimárias ao cercado, cientificou Maria sobre onde estaria e voltou para perto dos da caravana. Com o negrume a prevalecer, a mãe foi buscá-lo; no entanto, o garoto anunciou que urgia no local permanecer, pois uma mulher precisaria dele.

3/1199 Ao ecoar um grito de dor, que atinou ser da futura amparada, a caçula de Joaquim espreitou seu primogênito, que demonstrava estar em oração. Retornou sem delonga para junto dos demais filhos e solicitou a Alfeu que fizesse companhia a seu menino.

3/1200 Quando a parturiente começou a gemer, Maruno abandonou sua tenda e, enérgico, notificou os que agrilhoava que não toleraria barulho algum, nem de respiração. Depois de três horas, um estridente pranto aquebrantou o silêncio que preponderava. Seu herdeiro aportara nesta morada. Felicíssimo, decretou a Numídia que enfileirasse os de sua propriedade e que eles prosseguissem calados.

3/1201 Feito o determinado, o capataz, subindo em uma elevação, dirigiu-se aos submissos:

3/1202 - “A graça dos deuses está presente. No quarto dia das calendas da terceira lua, na vigésima oitava colheita do império de Augusto, a nova Terência Fabíola trouxe ao mundo um descendente. O senador Quirino Maruno chamará ele de Marcos Balé. Segundo o direito e tradição romanas, quando da chegada de um descendente, os escravos em que o romano Maruno tocar serão livres.”<sup>[95]</sup>

3/1203 O venturoso pai deixou a luxuosa barraca para indicar quais dos trinta e

---

[95] ... **quarto dia das calendas da terceira lua** ...: 4 de Março.

seis seriam emancipados. Diante deles, manteve distância, por nojo. Com um comprido ramo de arbusto, encostava-o na cabeça dos seus escolhidos e apregoava:

3/1204 - “Vai, estás livre. Toma o teu resgate.”

3/1205 Ato contínuo, seu conselheiro oferecia razoável quantidade do almejado objeto de ouro que circulava na tetrarquia ao eleito. Oito foram descativados, uma das mais expressivas alforrias feitas por um adventício, fato que ficou marcado na lembrança de incontáveis dominados.

3/1206 O sem alvedrio que estivesse a par de um que auferira o regalo de decidir seu destino, tinha remotíssima chance de igualmente obtê-lo. Quando o legislador se aproximou do esbulhador, encostou a madeira em seu vizinho e por ele passou; todavia, parou, como a meditar, deu um passo atrás e também o roçou. Como os demais indultados, o assaltante se ajoelhou e encetou a chorar.

3/1207 Findado o ritual, imediatamente foi ao encontro do pequeno José, o qual, coadjuvado por Alfeu, que nenhum ruído causava, aguardava o desenrolar do evento. Proclamou o vicioso:

3/1208 - “Foi como falaste: fui libertado, e não saíste daqui. Que poderes tens?”

3/1209 - “Digo que outra vez ganhaste tua liberdade. Procura cuidar melhor dela.”

3/1210 O defraudador, com o dinheiro abiscoitado nas mãos, confessou:

3/1211 - “Não foi tudo perder a liberdade. Falo que estive com o teu protetor, que me deu uma moeda para te entregar, mas perdi ela nas pedras, e ainda me deste a liberdade!”

3/1212 - “Digo que não foi a minha pessoa aquela que te libertou.”

3/1213 Enquanto o hebreu, apesar de que com distinta intenção, agradecia ao nascido na fulgurosa Estela de Belém, vários dos que da mesma forma foram perdoados os rodearam, incluindo inúmeros outros que, insatisfeitos, permaneceram agrilhoados.

3/1214 Os anistiados, em unísono, asseguravam que fora o pastor que depositara um pouco de bondade no romano e manifestaram o desejo de proceder em concordância com a vontade de quem julgavam ser o seu real salvador. Dispueram-se a lhe dar o bem amealhado, destinado ao reinício de suas vivências, o que receberam do estrangeiro, ou trocá-las por animais, que a ele pertenceriam. A proposta, obviamente recusada, fez com que os olhos do ladrão brilhassem de cobiça.

3/1215 Inteirou-se quem por muito tempo fora chamado Jeremias o que pensava seu irmão:

3/1216 - “Se entre aqueles que são escravos essa cria faz com que todos queiram dar as suas riquezas a ele, o que não acontecerá quando ela estiver com aqueles que têm riqueza maior?”

3/1217 Entendendo que, ao enaltecer e anunciar a autoridade que tinha certeza o primogênito de Maria possuía, granjearia fortuna em seu benefício, mais efusivo o perdulário se exprimiu:

3/1218 - “Falaste que a minha pessoa seria livre ainda esta noite, e foi o que aconteceu. Fico grato à tua pessoa. És uma cria de poder.”

3/1219 Os demais agraciados mais que ansiaram em contentar o benfeitor. Esse, ciente de que o jogador envilecia a recém-conquistada condição, reafirmou:

3/1220 - “Digo mais uma vez que não foi a minha pessoa aquela que te libertou.”

3/1221 Para alcançar sucesso em sua pretensão, precisava o inteligente espoliador que o menino direcionasse o mérito da emancipação a si mesmo. Objetivando obrigá-lo a se revelar, afiançou:

3/1222 - “Sei que foi a tua pessoa que me libertou com o poder que vem do Senhor.”

3/1223 - “Digo que não liberto uma só pessoa, que Aquele que nos liberta é Deus, o Pai de todos nós.”

3/1224 - “Como poderia o Senhor me libertar se não está aqui?”

3/1225 - “Digo que somos libertados de nossa ignorância por intermédio dos ensinamentos de Deus, que são luz para todos desta morada, com os quais nos orientamos em todas as vidas que temos.”

3/1226 - “Palavras nunca me libertaram do cárcere. O que me libertou do cárcere foram as moedas que ofertei.”

3/1227 - **“Digo que todo aquele que praticar os ensinamentos de Deus, mesmo que esteja preso em um corpo de carne, estará livre, porque não se consegue colocar no cárcere o espírito que habita o corpo de carne de todo aquele que praticar os ensinamentos de nosso Pai. Digo que só a prática dos ensinamentos de Deus nos liberta de todos os tipos de prisão.”**

3/1228 - “Como saberei qual pessoa devo seguir para conhecer o Senhor?”, perguntou-lhe um dos não mais cativos.

3/1229 - “Aqueles que são profetas? A tua pessoa?”, complementou.

3/1230 - “Digo para vires com a minha pessoa a semear os ensinamentos de Deus e conhecerás o caminho que conduz ao nosso Pai.”

3/1231 O alforriado modificou o questionamento:

3/1232 - “É a tua pessoa que temos que seguir para chegar até o Senhor?”

3/1233 - “Não levo nem uma só pessoa até Deus. **Digo que o que nos conduz até nosso Pai é a prática dos Seus ensinós.**”

3/1234 Respondia quando foi interrompido por um distinto espectador, que absolutamente nada captara do articulado:

3/1235 - “Devo dar ao Senhor as minhas moedas quando vierem os ensinós do Senhor? Ou devo dar a minha moeda à tua pessoa, que falou com o Senhor por todos e que pediu pela minha liberdade? Falo que darei tudo o que pedires: o manto, a água, até mesmo o pão que irá saciar minha fome. Se pedires, darei ao Senhor e à tua pessoa.”

3/1236 - “Digo que Deus, o Pai de todos nós, não necessita de pão, água ou cordeiro. Quanto a mim, não foi pela riqueza da vida de carne que vim a esta morada. **Digo que se dermos o que ceiar àqueles que têm fome, água àqueles que têm sede, se cobrirmos aqueles que têm frio, estaremos no caminho que conduz a Deus.**”

3/1237 Entre os ex-escravos de Maruno, o que se depararia com o prometido quando esse principiasse no propagar os ensinós de Deus, manifestou-se:

3/1238 - “Nos tempos que estão por vir, como saberei que estou a fazer o que o Senhor me ensina, como estás a falar?”

3/1239 - “**Digo para amarmos todo aquele que encontrarmos pelos caminhos como nos agradaríamos de ser amados que estaremos a fazer o que Deus nos mostra em Seus ensinós.**”

3/1240 - “Todo aquele que ouvir os ensinós que trazes levará eles a todos como agora estás a falar?”

3/1241 - “*Os ensinós de Deus, nosso Pai, por agora, não serão por todos anunciados como digo. Muitos de nossos irmãos não crerão no que trago a todos os povos, outros negarão que caminharam junto de mim, outros ainda trocarão os ensinós de Deus por moedas, mas haverá aqueles que os anunciarão como os anuncio e os praticarão.* Digo que todo aquele que levar a um irmão os ensinós de nosso Pai como trago e os praticar, quando na vida de espírito estiver e não mais se lembrar do bem que fez, ouvirá daqueles que ajudou: ‘tive fome e me deste de ceiar; tive sede e me deste de beber; vim de outro lugar e me recebeste em tua moradia; estive doente e cuidaste de mim; estive no cárcere e foste me ver’. **Digo que Deus, nosso Pai, nos mostra em Seus ensinós para fazermos o bem a todos os nossos irmãos, Seus filhos.**”

3/1242 - “Quando a minha pessoa fizer o bem a todos aqueles que são meus irmãos, como falaste, que recompensa terei?”

3/1243 - “**Digo que se fizermos o bem como Deus nos mostra em Seus ensinós, plantaremos da boa semente para colhermos seus frutos**

**nas vidas após a morte do corpo de carne que agora temos. Digo que se fizermos o bem a todos os nossos irmãos, será a nós mesmos que faremos para quando em vivências futuras estivermos, e toda vez que negarmos ajuda a um dos nossos irmãos, será a nós mesmo que negaremos ajuda para quando em novos corpos de carne estivermos.”**

3/1244 Por o indagador se considerar injustiçado com as tribulações que lhe sucederam desde que nascera, o outrora Jeremias nos e lhes complementou o norte ofertado:

3/1245 - “Agora que estais a conhecer os ensinoss de Deus, os praticai até com o maior dos faltosos que tendis na mente. Nessa morada, há muitos que anunciam ser sem faltas e julgam os faltosos: que lance a primeira pedra aquele que não tiver uma só falta. **Digo que não há outro caminho para chegarmos a Deus a não ser a prática dos Seus ensinoss.**”<sup>[96]</sup>

3/1246 Terminado o colóquio, o assaltante, ao despedir-se do incógnito ser-vador, o convidou para que o secundasse. Em seu íntimo, uma única certeza:

3/1247 - “Com o poder que esta cria possui e com a sabedoria que tenho, ganharei muitas moedas.”

3/1248 Respondendo ao que fervilhava no pensamento do irmão, o, momentaneamente, pastor garantiu-lhe que não viera para ajuntar riquezas e, sim, para espalhar os ensinoss de Deus. Nada abrangendo do proferido, o despojador noticiou que rumaria para Jerusalém. Foi-lhe recomendado a se fixar na circunvizinhança, onde teria a oportunidade de trabalhar a terra, ambiente com menor possibilidade de ser tentado pela concupiscência; porém, em quem o jogo estava entranhado balbuciou:

3/1249 - “Necessito ir em busca ...”, não tendo coragem de revelar seu escopo, fortuna e o que advinha dela.

3/1250 Objetivando ardentemente que o garoto fosse em sua companhia, pois, sobrevivendo seu desejo, alcançaria as metas materiais que almejava, prosseguiu, afirmando que gostaria de lhe confidenciar, mas que ignorava quais palavras utilizar.

---

[96] Diferentemente do sedimentado entre os hebreus, o prometido aos desse orbe ensinou, em oportunidade distinta, a um varão que apreciava fomentar intriga:

- “Digo que pecado é toda falta que cometemos contra um irmão.”

O norte ao mexericador foi por ser questionado:

- “Como não há pecado em mim, nem naqueles que são de minha família, porque todos deste lugar não querem falar com a minha pessoa? Quando chego, todos vão embora, até se chego no poço fico só.”

Com o anunciado, o rapaz, cabisbaixo, retirou-se calado e cõscio de como proceder se anelasse alterar para melhor suas horas.

- 3/1251 - “Depende do que queres me dizer”, explicou seu interlocutor.
- 3/1252 Nada mais articulou o esbulhador. Sem por que permanecer na ex-gleba de Antípatris, dirigiu-se para Cessareia de baixo, interrogando-se do motivo do primogênito de Maria sempre acudi-lo. Enquanto andava, meditava:
- 3/1253 - “Essa cria não necessita fazer nada, basta estar por perto e maravilhas acontecem. Que cria de poder!”

## 3-7

- 3/1254 Brincava o pequeno José com Mateus quando regressou o homem de Alexandria, que solicitou a Esmael o mesmo que anteriormente. Com os dois meninos junto dele, para com a caçula de Joaquim salientou que o tempo dado para que refletisse findara, concluindo:
- 3/1255 - “Vim para conduzir a tua pessoa e teus filhos, mas digo que só te conduzirei se quiseres.”
- 3/1256 Apreensiva sobre como seriam localizados pelo consorte caso fossem embora, demandou orientação, no que foi prontamente atendida:
- 3/1257 - “Não te preocupes. Digo que Deus enviará a ajuda da qual José necessita e ele te encontrará em Nazaré.”
- 3/1258 Apesar de em seu colocutor acreditar, Maria indagou ao nascido Jesus se do forasteiro emanava sinceridade.
- 3/1259 - “É um dos enviados por Deus. Digo que aquele que nele confiar não se perderá pelos caminhos.”
- 3/1260 Ante os convictos verbos, concordou a receosa genitora em seguir o de trajas cândidos, juntamente com os vindos de seu ventre.
- 3/1261 - “Fizeste bem em perguntar a teu filho. Digo que nos conhecemos, e ele sabe o que se passa na minha mente. Voltarei com ajuda após o Sol ir e vir por três vezes”, comentou o visitante, retirando-se.
- 3/1262 Ao ser comunicado de que seus transportados iriam para Nazaré, Alfeu somente impedimentos colocou. Sentenciou não ser possível, pois não tinham animais e varões para os auxiliar com a petizada, além de haver duas meninas para serem protegidas. Como percorreriam as veredas sem serem atacados? A concebida por Ana se viu obrigada a deliberar como um do sexo masculino. Mesmo ciente que o caravaneiro não se regozijaria, carecia fazê-lo; afinal, tratava-se de sua prole. Pelo marido estar ausente, ela quem deveria agir:
- 3/1263 - “Não posso te pedir que me acompanhe, mas tenho que levar minhas

crias para Nazaré, e vou fazer. Se me ajudares, ficarei muito grata. Tenho no meu interior que José irá ficar grato à tua pessoa. Sei que nada irá acontecer, porque o Senhor enviou ajuda.”

3/1264 Alfeu estranhou na determinada mulher a firmeza e a fé que tinha no amparo do Senhor. Ao inquirir, com arrogância, qual o apoio prestado, escutou o relato sobre o benfeitor egípcio. Sentindo-se ferido em sua autoridade, desdenhou a figura de quem aparentava ser velho, assegurando que ele não atingiria nem o meio da marcha, quanto mais aportaria em Nazaré.

3/1265 - “Ele é um homem com muitas colheitas e se tivesse que caminhar, não iria muito distante, mas é verdade que é bem mais forte que todos aqueles que são hebreus juntos. Onde estão seus camelos? Seus asnos? Suas ânforas com água? Onde estão seu pão, leite ou raízes? Sua túnica é branca, não há areia em seu corpo e ele não está cansado”, replicou Maria, que aceitara ser o advena um mensageiro de Deus.

3/1266 Com simplicidade no expressar, arguiu-lhe:

3/1267 - “A tua pessoa ou ele é o mais forte?”

3/1268 Por compreendê-la perfeitamente, nada respondeu o timoneiro, apenas aquiesceu guiá-la até Nazaré. Esclarecendo que procuraria Esmael para ver o que arranjará para reiniciarem a jornada, afastou-se.

## 3-7.1

3/1269 No prazo estipulado, irrompeu no miserável aglomerado humano uma caravana proveniente de Jope com doze indivíduos, comandada por Alceu, nela incluso o homem de Alexandria, que se destinava a Cafarmaum.

3/1270 Agregados a ela andavam dois irmãos que procediam de Hiatta e buscavam Nazaré com o intento de se reunirem ao restante dos seus. Natanael, ultrapassado Jope, ao ser informado pelo alvo espírito de que os da família do carpinteiro Clópatasurgia fossem socorridos, glosou com Ismael o pleito recebido. Ficaram muito felizes em serem úteis, pois o benemerente varão os acudira, e muito, quando nas antigas terras de Jacó moraram. Ismael, não obstante ter nascido primeiro e não ver o mesmo que o irmão, anuiu com o que dele derivava, pois o que vaticinava, invariavelmente ocorria. Convidados por quem o rabino Elias salvara da morte prematura, acederam integrar o grupo que esse constituía, desligando-se do de Alceu.

3/1271 O não perceptível, para muitos, encarregado de fazer com que Maria completasse o deslocamento ocasionado pela rebeldia de José ao que se programara fazer quando na vida de carne, avisou-a de que iria embora, pois ela e os

seus estavam em boa companhia para a viagem a ser empreendida. Afiançou, no entanto, que, se precisassem dele, estaria presente. A caçula de Joaquim intrigou-se com a assertiva. Como poderia ser? Concluindo seus pensamentos, a nosso Pai se dirigiu:

3/1272 - “O Senhor tem caminhos para todos. Sei que é só crermos no Senhor que todos os caminhos serão mostrados. Fico grata, Senhor, por estar em nossos caminhos.”

3/1273 Com sete bestas de carga, de propriedade dos recém-incorporados, sob as ordens do insatisfeito Alfeu, que ainda não admitira haver Maria decidido por ele, partiram em 26 de Dezembro de 1 a.C. para a Galileia.

3/1274 A cada estanciada, o egípcio surgia, orientando onde encontrar o precioso líquido, qual a melhor senda a seguir, etcétera. Norteava-os até nos insignificantes detalhes. A concebida por Ana tinha como veraz que ele era do outro mundo, pois ninguém mais o via, a não ser seu garoto, mas nada questionou.

3/1275 Em virtude do real líder da travessia se fazer notar unicamente pela mãe e filho, Alfeu acreditou que os dois é que efetuavam as sugestões. Não entendia como o que lhes saciava a sede estava sempre no local noticiado e, por mais paradoxal, os de caravanas com as quais cruzavam confirmavam, como predito, que avistaram saqueadores ou por eles foram esbulhados, que se depararam com romanos e comandados dos Herodes. Menosprezando-os, perguntava-se como poderiam saber:

3/1276 - “Maria é uma mulher e o pequeno José não tem colheitas para ter caminhado por todos esses caminhos.”

3/1277 Prestou extremada atenção em Natanael e Ismael, para se certificar se eram eles os responsáveis.

## 3-7.2

3/1278 Quando o recalitrante guia se preparava para fazer nova parada, ultimado mais um estafante dia, a consorte de José lhe garantiu ser imperioso descansarem em distinto espaço, pois soldados subiam de Cessareia de baixo. Se ficassem, seriam alcançados. Sob protesto do coxo hebreu, a marcha continuou. Quando finalmente acamparam, Alfeu, hiperinconformado com o que sucedia, relembrou a si mesmo que era ele que estava familiarizado com as veredas e não a mulher Maria, que o direcionava havia dilatado, segundo asseverava, período. Intimamente, deliberou que apregoaria a ela que não mais aceitaria suas indicações, somente não agindo da forma pretendida porque sobreveio à sua frente o forasteiro que aportara com a cáfila capitaneada por Alceu e que, anteriormente, também conversara com a desafeta na ex-gleba de Antípatris.

3/1279 - “Deverias falar quando chegas. Poderias ter tirado minha vida”, proclamou ao adventício, assustado.

3/1280 Sorrindo, quem se apresentava como um de proveitosa longevidade cuja origem sentenciavam ser Alexandria, docemente tentou se explicar:

3/1281 - “Digo que és um homem que na vida de carne não conhecestes o caminho ...”, mas foi interrompido com descortesia.

3/1282 - “Já estive por estes caminhos de pedras e areia e sei onde todos vão dar, e Maria e o pequeno José estão a me ensinar como conduzir a caravana. Agora vens e fala que não conheço estes caminhos!”

3/1283 Educada e pacientemente, o surgido de inopino articulou:

3/1284 - “Digo que é a minha pessoa que anuncia a Maria e ao pequeno José quais os caminhos mais seguros, onde podeis dormir em paz, sem perigo algum para todos vós. Quanto ao caminho de que a minha pessoa estava a te dizer, não era sobre estes que conheces.”

3/1285 - “Sobre qual caminho estás a falar?”

3/1286 - “Quero te dizer do caminho que conduz a Deus.”

3/1287 - “Não quero conhecer mais caminhos! Os caminhos que conheço me bastam para ganhar algumas moedas. Se a minha pessoa conhecer mais caminhos, na certa irei me perder, e nem uma só pessoa me irá dar caravana para conduzir.”

3/1288 - “O caminho que quero te anunciar é o caminho que conduz a Deus, o Pai de todos nós, Aquele que criou esta morada e todas as outras moradas que existem no universo.”

3/1289 - “Se esse deus que estás a falar criou esta morada, então, me fala porque estou nesta morada e para onde irei depois que a vida deixar o corpo que tenho?”

3/1290 - “Digo que Deus é que sabe por que Seus filhos vêm a esta morada e para onde irão depois que deixarem a vida de carne.”

3/1291 Ainda sentindo sua autoridade relegada, nada almejando compreender, o timoneiro, malcriadamente, indagou:

3/1292 - “E qual é a ligação entre o que estás a falar com o que estou a fazer?”

3/1293 Quem parecia ser um ancião, calmamente se manifestou:

3/1294 - “Digo que só vês o caminho que estás a trilhar, só vês onde colocas os pés. Pergunto a tua pessoa: o que há além daquela rocha que está a sessenta passos da tua pessoa?”

3/1295 - “Falo que não sei. Não sou um enganador, e se fosse, não estaria aqui.”

3/1296 Aspirando nortear a seu interlocutor outras sendas que não as terrenas que esse tinha ciência, prosseguiu o egípcio:

3/1297 - “Digo que há duas crianças que foram deixadas por um pai que não tem amor a um filho de Deus. Peço a tua pessoa que leves esses filhos de Deus até Nazaré e entregues os dois a uma mulher chamada Rute.”

3/1298 Fazendo menção de se retirar, todavia, por estar latente no pensamento de Alfeu que dialogava com quem era ilusório, complementou:

3/1299 - “A minha pessoa estava a esquecer de te dizer que sou desta morada, só não vivo a vida que vives. Deixa Deus entrar mais vezes em tua vivência e não anuncies os teus feitos a nem um só irmão: tuas palavras poderão te levar a morte. Digo que se quiseres permanecer com vivência, conserva teus feitos só para a tua pessoa.”

3/1300 Incontinênti, desapareceu da visão física de seu aluno. Esse, temeroso, pois parolera com uma alma do outro mundo, dirigiu-se ao local apontado, asseverando para si mesmo que não comentaria com ninguém o ocorrido. Como fora predito, encontrou as duas rejeitadas; uma, com cerca de quatro aniversários, e a outra, pelo tamanho, de no máximo dois. Durante o tempo em que demoraram até Nazaré, não mais discutiu e nem teimou com Maria.

3/1301 Com o orgulho e a vaidade sobrepondo-se ao confidenciado, Alfeu não arquivou a recomendação, ou melhor, sequer escutou o que o homem de Alexandria lhe prevenira. Arrependeu-se amargamente por não tê-la praticado.

### 3-7.3

3/1302 Natanael, o precursor da caravana, consoante o costume, ao volver para junto dos demais, avisou que atingiam o objetivo da estafante marcha. Ainda não amanhecera, e do alto de uma das cinco elevações que circundavam Nazaré, que seus habitantes designavam montes, avistaram o hospitaleiro povoado. A caçula de Joaquim, após longa ausência, glosou que quase não o reconhecia.

3/1303 O improvisado batedor, sentindo que o firmamento cintilava, como se estivesse em festa por ver as estelas, finalizou:

3/1304 - “Falo que o nosso caminho acabou. Até o céu está a nos esperar”, com o que concordou o realizado guia.

3/1305 Enquanto desciam a montanha, o pequeno José opinou que Nazaré era minúscula. Alfeu afirmou que nunca sentenciara que era grande.

3/1306 O garoto, jubiloso pelo término da jornada, inquiriu a mãe se havia crianças entre os seus aparentados. Garantiu, ela, que sim, pois os de Nazaré eram uma família, arrematando:

3/1307 - “Chegaste para a vida neste lugar, só não ganhaste colheitas aqui.”

3/1308 - “Digo que vou me agradar deste lugar”, salientou o menino, que, juntamente com o tio, correndo rumou para o vilarejo.

3/1309 O casebre que fora do cultivador de melões e de Ana se tornou a de Maria, de Marta, do pequeno José, de Mateus, de João, de Verônica e de Tiago.

3/1310 O dia seguinte do aportar dos Clópatas na receptiva urbe foi de alegre solenidade. Em seu perpassar, o prometido questionou a genitora:

3/1311 - “Estão a bailar por nós?”

3/1312 - “Falo que estão a bailar porque é a cerimônia das primícias, e por nossa volta, porque gostam das nossas pessoas. Estão gratos ao Senhor pela colheita farta.”<sup>[97]</sup>

3/1313 Ao ser indagada por uma das partícipes se estava feliz em regressar, abonou a assertiva com um gesto de cabeça; entrementes, ressoava-lhe o proferido por Zefir, que insistia em não abandoná-la.

3/1314 De imediato, o anelado redentor, para satisfazer a vontade materna, bem como Mateus, foram ter com o rabino para prosseguirem os estudos, a primeira escrita, como enunciavam, pois, para ela, por pouquíssimo terem frequentado a escola, nada conheciam. No entanto, ambos sabiam, com esmero, ler e escrever, embora tivessem recebido poucas lições.

3/1315 Quando propositadamente defronte onde nascera, a caçula de Joaquim, absorta, ficou com as lembranças dos seus. Subitamente, a moradora surgiu, arguindo-lhe o que pleiteava. Sem graça, narrou-lhe a verdade e, ainda, que se recordara dos dias da sua infância. Convidada para adentrar, ficou penhorada e se retirou, pois o negrume da noite se avizinhava.

3/1316 Durante a frugal refeição, seu primogênito, com simplicidade, expriu-se:

3/1317 - “Vi José. Digo que ele está livre e a vir para Nazaré.”

3/1318 A confiante esposa desejou mais detalhes, mas o noticiador, por ignorar, nada mais relatou, apenas que era para aguardarem o confiscado nas antigas terras de Antípatris, afiançando que ele chegaria dentro em breve.

## 3-7.4

3/1319 Transcursava o 17 de Abril do ano 0. O herdeiro de Jacó vinha, por várias oportunidades, conversando com um mesmo visitante, quando foi por ele

---

[97] **Cerimônia:** festa.

comunicado de que seria solto em três dias. Céptico, argumentou que não tinha como tocar os sentimentos dos cruéis romanos, que jamais lograria êxito em não mais ser cativo. Explanando sua inconformidade com a continuidade da dominação exercida sobre os hebreus, queixou-se dos usurpadores. O estranho se posicionou:

3/1320 - “Não posso libertar a todos, cada homem tem que fazer a sua parte. Digo que estou aqui para que faças a tua, que é ir para Nazaré.”

3/1321 - “Como posso ir para Nazaré se estou escravo? Às vezes, vem no meu interior que o Senhor se esqueceu de mim: tenho medo de não ver mais meus protegidos. Sinto como se a vida estivesse a me deixar aos poucos.”

3/1322 Educadamente, quem demonstrava ser mais um dos muitos que circulavam pela área, objetivando chamar a atenção do teimoso interlocutor para os atos que praticara, conseqüentemente, que ocasionaram a situação que vivenciava, orientou-lhe:

3/1323 - “Digo para não lamentarmos os sofrimentos causados a nós por nós mesmos. Cometemos erros e queremos que Deus nos livre do mal que causamos a nós mesmos, e ainda Lhe perguntamos o porquê de não nos anunciar quando estamos a tomar caminhos não certos, quando já somos inteligentes o bastante para sabermos o que é certo ou não, principalmente quando temos compromissos com nossos irmãos, Seus filhos.”

3/1324 Ciente do porvir, revelou a seu aluno:

3/1325 - “Digo que não foi Deus que te colocou aqui, e Ele está a enviar irmãos que irão te libertar. Não tens olhos para ver?”

3/1326 Concluindo, divulgou:

3/1327 - “Irei deste lugar e não mais me verás, mas tem na mente o que está a te acontecer, e depois diz à tua própria pessoa se nosso Pai é o culpado, se sentires que Ele te colocou onde estás.”

3/1328 Sem detença, ausentou-se para não mais volver.

3/1329 Apesar de abranger perfeitamente o articulado, José não o admitiu como dirigido a si, porque não aceitava ser o responsável por estar agrilhoado.

3/1330 Logo pela manhã do dia ulterior, Quirino, o carrasco maior, irmão do senador Quirino Maruno, o pai de Marcos Balé, alforriou-o, sem ter, inclusive para si mesmo, lógica motivação do por quê.

3/1331 - “Não necessitas ficar aqui. Segue para tua moradia”, pronunciou o algoz para o cônjuge de Maria, que também nada inferiu do pretexto.

3/1332 Prontamente o carpinteiro se afastou; por ignorar a região em que estava, a esmo. Deslocava-se havia horas, quando se sentou à sombra de uma rocha, já com noção de seu paradeiro, e adormeceu, não sem antes interrogar-se:

3/1333 - “Por que só a minha pessoa foi libertada e nem uma outra mais? Aquele homem que vinha todos os dias era um dos de minha gente ou um romano? Falo que tinha a túnica tão branca que até brilhava nas trevas.”

3/1334 Com as inquirições que intimamente efetuou, julgou como lídimo que o Senhor dele se apiedara. Despertou no entardecer, quando vislumbrou um mercador que lhe ratificou a senda para Nazaré: era suficiente seguir em frente. Após a partida do forasteiro, que lhe cedeu alimentação, pernoitou sozinho, no mesmo local. Ao acordar, adotou o norte recomendado; contudo, andou por pouco tempo, pois se deparou com inúmeros possuídos pelas chagas e aleijados, que lhe pediram cooperação para obterem água, o que executou.

3/1335 Em Nazaré, o pequeno José e Mateus brincavam quando ecoaram gritos das crianças que permaneciam à beira da vereda. Questionando o nome de quem alcançava o vilarejo, repassavam-no a outras, as quais noticiavam com alarme:

3/1336 - “José! José! É José que está a chegar.”

3/1337 Sob a incompreensão do tio, o prometido, quase que imediatamente depois de escutar o que difundiam, levantou-se e foi em direção ao genitor.

3/1338 20 de Abril do ano 0 marcou o advento do herdeiro de Jacó a Nazaré, como predito pelo varão da indumentária alva.

### Capítulo 3

3-1 O reinício da perseguição:

- José é gravemente ferido;

3-1.1 Alfeu;

3-1.2 *Como pequeno José*, na caravana para o Egito;

3-1.3 O hebreu chefiado por quem subjugava os de seu povo volta a Hiatta;

3-1.4 Uma nova mensagem a Elias;

3-1.5 Maria continua rumando para o desconhecido;

3-1.6 Sob a proteção de Isaías;

3-2 Isaías, o profeta de Rafá;

3-3 Os eventos que antecederam o reencontro de José e Maria:

- Mateus, o cultivador de melões aporta em Hiatta;
- José com os informados gêmeos de Sara;

3-3.1 José deixa Hiatta, e seu primogênito segue outro destino;

3-3.2 Simão e Pústula;

3-3.3 Zilá;

3-3.4 *Seus* orientadores;

3-3.5 A caminhada na perspectiva de Maria;

3-3.6 A descoberta de Alfeu;

3-3.7 Os do grupelho na qual Maria era integrante são feitos prisioneiros e misteriosamente soltos;

3-3.8 Os que o procuravam tornam ao encalço de Alfeu;

3-3.9 *Curando* uma leprosa;

3-4 Na moradia de Adam, Maria e José outra vez juntos:

3-4.1 A tristeza e o passamento do velho Mateus;

3-5 José e a família retomam a marcha:

- A passagem da ovelha perdida;

3-5.1 *Seu* rapto;

3-5.2 A morte do comandado que o caçara por várias colheitas;

3-6 A parada nas antigas terras de Antípatris:

- *Auxiliando* um jogador;

3-6.1 O confisco de José e a presença do homem de Alexandria;

3-6.2 José na construção de estradas para os romanos;

3-6.3 *Pastoreando*;

3-6.4 *Persistindo* em socorrer o inconsequente apostador;

3-7 A última etapa da jornada:

3-7.1 Natanael;

3-7.2 A recomendação a Alfeu;

3-7.3 Os andarilhos, sem José, finalmente em Nazaré;

3-7.4 A alforria para o escravo José.



Mar Mediterrâneo

caminho percorrido por Maria no regresso para Nazaré

